

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

FERNANDA GUARNIERI

PRÁTICAS DE CONSUMO COMO (RE)INVENÇÃO DO COTIDIANO

Maringá

2018

FERNANDA GUARNIERI

PRÁTICAS DE CONSUMO COMO (RE)INVENÇÃO DO COTIDIANO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá.

Orientador: Professor Dr. Francisco Giovanni David Vieira.

Agência Financiadora: CAPES

Maringá

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR, Brasil)

G916p Guarnieri, Fernanda
Práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano / Fernanda Guarnieri. -- Maringá, PR, 2018.
165 f.: il. col.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2018.

1. Cultura de consumo. 2. Pós-modernismo. 3. Idosos. 4. Academia ao ar livre. 5. Certeau, Michel de - 1925-1986. I. Vieira, Francisco Giovanni David, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDD 23.ed. 658.834

FERNANDA GUARNIEIRI

PRÁTICAS DE CONSUMO COMO (RE)INVENÇÃO DO COTIDIANO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

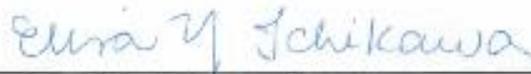
Aprovada em 20 de fevereiro de 2018



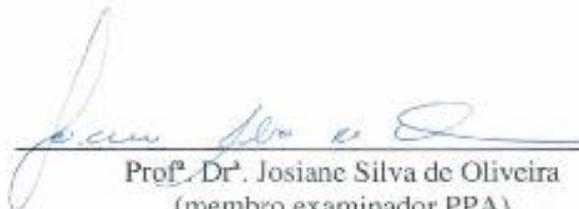
Prof. Dr. Francisco Giovanni David Vieira
(presidente)



Prof. Dr. Marlon Dalmoro
(membro examinador externo convidado - UNIVATES)



Prof.ª Dr.ª Elisa Yoshie Ichikawa
(membro examinador PPA)



Prof.ª Dr.ª Josiane Silva de Oliveira
(membro examinador PPA)

MARINGÁ
2018

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao bom Deus, que conhece perfeitamente meu coração, sempre conduzindo e iluminando os meus caminhos, fazendo infinitamente mais do que pedi. Sua presença em minha vida é essencial. E é com a graça de Deus que encontro ao meu redor diferentes pessoas, sendo essas, grandes exemplos, incentivadoras e amigas, que celebram comigo a conquista da realização do mestrado.

João e Raquel, meus amados pais, aqueles que desde criança prezaram por conduzir minha vida nos caminhos de Deus e não mediram esforços para proporcionar aquilo que fosse considerado o melhor para nossa família. Celebramos cada conquista sempre juntos e não é diferente ao concluir o mestrado. O que seria desse período se não existe todo o apoio e inventivo de vocês?! Com infinito amor, agradeço-os.

Fabiane, minha irmã, a quem carinhosamente chamo de Sorella, fico emocionada só de pensar em você. Estou sempre aprendendo com o seu bondoso coração. Agradeço-a infinitamente.

Família Guarnieri e Família Sorrilha, é para cada um de vocês, avós, tios e primos, a quem, também, devo meus agradecimentos. Aos mais próximos e aos mais distantes da minha vida, cada um, a sua maneira contribui ou foi de alguma forma, exemplo, auxiliando-me nesse período do mestrado. Sou muito agradecida.

Professor Giovanni, meu orientador do mestrado. Como exemplo de um mentor, com sua sabedoria e seriedade, você é responsável por muitos dos meus aprendizados e experiências vividas durante esses dois últimos anos. Você tem toda minha admiração e respeito. Cordialmente, agradeço-o.

Professor José Paulo, o incentivador para iniciar a trilhar os caminhos acadêmicos. Desde as orientações no período da graduação até as dúvidas sobre ingressar no mestrado, você, também, tem grande contribuição quanto ao que vivi nesse período. Meus sinceros agradecimentos.

Professora Olga, Professora Priscilla, Professor Valter, Professor Márcio, aqueles quem conheci durante a realização das disciplinas. À Professora Olga, minha gratidão à sua disponibilidade, atenção e paciência durante todo esse período. À Professora Priscilla, meu reconhecimento à sua postura serena e sempre querida e preocupada com meu desenvolvimento e formação. Ao Professor Valter, agradeço por todo conhecimento ensinado e por sua preocupação quanto ao meu aprendizado. Ao Professor Márcio, sou grata pelos ensinamentos, instigando e provocando reflexões teóricas e pessoais a cada aula. Cada um de vocês são exemplos que se farão presentes nos meus caminhos da Academia. Com consideração e reconhecimento, agradeço-os.

Professora Elisa e Professora Josiane, membros da banca de qualificação e de defesa. Sou grata pelas suas contribuições e questionamentos, que fizeram por contribuir com meu trabalho. Assim como agradeço pelas indicações de leituras e referências de suas pesquisas, que foram inspirações para o desenvolvimento desta pesquisa.

Professor Marlon, agradeço a sua disponibilidade de locomover-se de sua cidade até a minha, para participar como membro da banca de defesa. É uma honra poder receber contribuições daqueles que tenho admiração.

Amigos que conheci e tive a oportunidade de conviver durante esses dois últimos anos. Juntos, apoiamos um ao outro, compartilhamos risadas e choros, o que nos tornou mais fortes para

seguir no caminho do mestrado. Meus agradecimentos a vocês Melissa, exemplo de pessoa autêntica, e Janaína, pessoa batalhadora e determinada, minhas companheiras de seminários, conversas, desabafos e caronas. Gabriela, compartilhamos, além de momentos de horas de estudo, diferentes emoções e longas risadas, e você sempre disponível em auxiliar em alguma necessidade, é fonte de inspiração e exemplo de dedicação. Nôga, com seu jeito singular e força inspiradora, foi companheira de pesquisa, disciplinas e experiências de viagens e conferências. Larissa Britto, aquela que transborda alegria, deixando cada ambiente em que está presente mais harmonioso. Fernanda Reis, modelo de pessoa prestativa e guerreira, sempre nos ensinando algo novo. Elisa, com sua ternura, trouxe em diversos momentos, tranquilidade. Fábio, companheiro de disciplinas, mesmo em seu tom discreto, mostrou-se sempre solícito. Victor, de modo sereno, sempre agiu de forma bondosa para com todos. Larissa Biggi, exemplo de fortaleza, ensinou a sempre procurarmos por aquilo que nos faz bem. Jéssica, sua humildade e praticidade em viver a vida é exemplo. Viviani, quando você começava a falar todos paravam para ouvir, sua inteligência e sensatez encantam muitas pessoas. Marco e Renan, ambos vocês proporcionaram leveza, durante os momentos de tensão, de forma divertida. Steffi e Gustavo, que não concluem o mestrado conosco, mas seguem seus caminhos, também marcando a vida de outras pessoas, assim como marcaram positivamente a minha. Considero todos vocês como presentes de Deus.

Jaiane, Karin, Sara, Juliano, Valter Faia, Evelini, Gabriel, Eliana, alguns dos doutorandos com os quais tive contato durante esses dois últimos anos. Vocês proporcionaram conversas e discussões por meio dos quais também aprendi. Muito obrigada a cada um de vocês.

Amigos que estão presentes em diferentes lugares, que mesmo não mantendo contato diário, marcam esse período do mestrado, cada um a sua maneira, sendo sempre lembrados. Com os mais sinceros sentimentos, agradeço-os.

Senhoras e senhores, meus informantes, além de toda a contribuição para com a realização desta pesquisa, compartilharam conhecimentos e sabedoria de vida. São fontes de inspirações. Proporcionaram que eu aprendesse, parafraseando a música Envelhecer, de Arnaldo Antunes, que “a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer” e, é por isso, que eu “não quero morrer, pois quero ver como será que deve ser envelhecer”. Meus carinhosos agradecimentos.

Bruhmer, responsável pela secretaria do PPA-UEM, agradeço pela presteza e dedicação na realização de suas atividades, tornando nosso ambiente de estudo mais agradável.

Registro, ainda, à UEM e ao PPA reconhecimento pela minha formação acadêmica. E à CAPES, pelo financiamento concedido, que viabilizou a realização desta pesquisa.

Minha gratidão a todos, pois já não caminho mais sozinha, tenho comigo cada lição, recordação e vivência.

RESUMO

A proposta desta dissertação é compreender como a frequência às Academias ao Ar Livre (AALs) por parte dos idosos molda suas práticas de consumo e (re)inventa o cotidiano dos mesmos. Entender as práticas de consumo cotidianas não é algo simplista e não deve basear-se somente em suposições e hipóteses. Por isso, busquei complementar essa pesquisa com a teoria das práticas cotidianas, de Michel de Certeau devido à sua visão crítica e emancipatória quanto ao tema, contribuindo para diversidade de abordagens teóricas nas pesquisas de cultura de consumo. De forma a complementar e sob essa perspectiva teórica interdisciplinar, característica da *Consumer Culture Theory* (CCT), trabalho com as concepções e perspectivas pós-modernistas, assim como discuto sobre os idosos e o envelhecimento. A pesquisa é de natureza qualitativa e as informações foram coletadas por meio da observação participante e entrevistas, principalmente. As observações ocorreram tanto nos espaços das AALs de diferentes bairros do município de Maringá-PR, como em outros locais de frequência dos idosos informantes da pesquisa, onde pude realizar diferentes atividades e interagir com os mesmos. Para as entrevistas, 24 idosos contribuíram. O processo de análise do *corpus* de pesquisa seguiu a concepção da pesquisa interpretativista para a organização e categorização das informações. A frequência à AAL revelou-se como o vetor da (re)invenção do cotidiano dos idosos. Essa (re)invenção do cotidiano ocorre a partir de novas práticas de consumo, que emergem por meio dos desdobramentos de uma nova dinâmica de vida desses mesmos idosos. Além disso, indico uma nova possibilidade de investigação teórica em estudos de consumo relacionados com práticas por meio de um diálogo interdisciplinar com a teoria das práticas cotidianas, pelas lentes de Michel de Certeau.

Palavras-chave: Cultura de consumo. Pós-modernismo. Michel de Certeau. Idosos. Academias ao Ar Livre.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to understand how the attendance to the Outdoor Gym by the elderly people shapes their consumption practices and (re)invents their everyday life. Understanding everyday consumer practices is not simplistic and should not be based on assumptions and hypotheses. Therefore, I sought to complement this research with the theory of the practice of everyday life, by Michel de Certeau because of his critical and emancipatory view on the theme, contributing to the diversity of theoretical approaches in consumer culture research. In order to complement and under this interdisciplinary theoretical perspective, characteristic of the Consumer Culture Theory (CCT), I work with postmodernist conceptions and perspectives, as well as I discuss about elderly people and aging. The research is qualitative and the information was collected through participant observation and interviews, mainly. The observations occur both in the Outdoor Gym spaces of different districts of the Maringá-PR municipality and in other places of frequency of the elderly people informants of the research, where I was able to carry out different activities and interact with them. For the interviews, 24 elderly people contributed. The process of analysis of the research corpus followed the conception of interpretativist research for the organization and categorization of information. The attendance to the Outdoor Gym was revealed as the vector of (re)invention of the everyday life of the elderly people. This (re)invention of everyday life occurs from new consumption practices, which emerges through the unfolding of a new life dynamics of these same elders. In addition, I suggest a new possibility of theoretical research in consumer studies related to practices through an interdisciplinary dialogue with a theory of everyday practices, through Michel de Certeau's perspective.

Keywords: Consumer culture. Postmodernism. Michel de Certeau. Elderly people. Outdoor gym.

PREFÁCIO

As nossas ações carregam crenças, posturas, valores e concepções que são construídas culturalmente e socialmente diante do mundo em que vivemos. A nossa interpretação sobre determinado contexto ou situação, por mais racional que seja, não será neutra, mas compreendida por diferentes pontos de vistas. Ao assumir o compromisso de contribuir com a construção de conhecimento, um pesquisador também não se manterá neutro, mesmo que inconscientemente, todo conhecimento científico é socialmente construído em dependência de uma visão de mundo (Patton, 2002). Não quero com isso defender que diferentes interpretações consistem em um relativismo de ideias, mas expor que o meu papel enquanto pesquisadora é um elemento que faz parte dos procedimentos adotados para a realização desta dissertação.

Ainda que seja um trabalho científico, optei por escrever em primeira pessoa apresentando a minha interpretação. Pensando nisso, adiciono esse breve texto preliminar de forma a apresentar quem vos fala, esclarecendo as minhas interpretações, que emergem do meu modo de compreensão do mundo. Acredito ser relevante destacar a minha relação com o meio Acadêmico e o modo como observo os informantes da minha pesquisa.

A começar pela Academia, no o período da graduação, desenvolvi uma pesquisa como aluna de Iniciação Científica, que me instigou a buscar compreender o trabalho da Pesquisa. A minha identificação com a Pesquisa fez com que eu adicionasse tal opção na minha lista de caminhos a seguir após a conclusão da graduação. Inicialmente, fiz uma escolha que não a Academia, mas logo retornei, optando por ingressar no mestrado acadêmico.

Graduada em Administração e iniciando o mestrado na mesma área, o meu interesse estava em ir além dos limites dessa Escola. Enxerguei na linha de pesquisa de Marketing essa possibilidade. E fundamental para isso, foi o papel do meu orientador, que simultaneamente, confiou e me desafiou com um estudo inovador e interdisciplinar na nossa área de pesquisa, por meio do qual pude almejar o alcance de novos lugares, dialogando com outras disciplinas.

No primeiro momento, busquei compreender todo o suporte teórico que utilizaria para a condução da pesquisa. Até então, dentre todas as fontes de literatura, Michel de Certeau era a que eu estava mais distante, pois não tinha ouvido falar sobre o mesmo. Com a leitura de seus textos robustos, chamou especial atenção a sua visão quanto aquilo que está invisível, como a criatividade e as maneiras de fazer do indivíduo comum, do homem ordinário.

No segundo momento, precisava definir o contexto empírico, articulando estudos de consumo com a teoria das práticas cotidianas de Certeau. Por meio de leituras e discussões,

decidi, juntamente com meu orientador, por escolher os idosos que frequentam as Academias ao Ar Livre, a qual explicarei melhor no decorrer da leitura do trabalho. De início, quando comentava com alguém sobre meu contexto empírico, ouvi comentários e fui parabenizada sobre escolher indivíduos que são tendência no mercado de consumo. Isso me deixava inquieta, uma vez que não era a minha intenção discutir o potencial de consumo dos idosos. Busquei ir além disso, considerando-os como indivíduos comuns, e que por muitas vezes se passam por invisíveis aos nossos olhos e sofrem por atitudes preconceituosas, tanto no contexto familiar e social.

O meu contato com pessoas idosas desde sempre foi algo comum. Cresci convivendo com meus avós e bisavós. Hoje meus bisavôs e meu avô paterno já não estão mais vivos, mas até o início da minha adolescência, a minha convivência com todos era constante. Chamar meus bisavôs ou avôs de velhos era atitude para ser corrigida por meus pais. Por mais que havia grande distância entre a minha idade e a deles, o termo velho era abolido do nosso vocabulário, sendo esse utilizado somente para bens materiais. Além dos meus bisavôs e avôs, outros idosos fizeram parte da minha vida, os quais conheci ao realizar atividades voluntárias durante o período da graduação.

Apesar de ter iniciado o trabalho de campo com essa percepção, meus aprendizados com os informantes da pesquisa foram constantes. Dentre todos, destaco o valor atribuído, por eles, a ação de dar atenção às suas palavras, escutando-os. Em muitos momentos sentia que eles me “adotavam” como neta, o que nos aproximava mais. Ao mesmo tempo que busquei trazer, para a minha dissertação, suas histórias e experiências com zelo, busquei ser coerente com o trabalho científico, proporcionando validade da pesquisa. Entrego esta dissertação com o sentimento de proporcionar, por meio da ciência, um trabalho de caráter humano, elaborado e fundamentado dentro dos preceitos da pesquisa interpretativa.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Ênfase relativa no modernismo e no pós-modernismo.....	30
Tabela 2: Breve descrição das condições pós-modernas.....	31
Tabela 3: Descrição dos entrevistados	58

Lista de Quadros

Quadro 1: Categorias e subcategorias da análise do <i>corpus</i> de pesquisa.....	63
---	----

Lista de Figuras

Figura 1. CCT: Estrutura comum de interesses teóricos	26
Figura 2. Mapa político do estado do Paraná	50
Figura 3. Mapa da cidade de Maringá-PR com suas respectivas Academias ao Ar Livre	56
Figura 4. Enquadramento dos resultados empíricos	75
Figura 5. Páginas iniciais do material gráfico da AAL	78
Figura 6. Placa da AAL com as instruções de uso e respectivos patrocinadores	79
Figura 7. AAL na Região Norte	81
Figura 8. Motivos para frequência no espaço da AAL.....	83
Figura 9. Dimensões das práticas cotidianas de consumo dos idosos usuários das AALs	98
Figura 10. Grupo de oração do Terço.....	104
Figura 11. Aula de Dança Circular	106
Figura 12. Uma das equipes no Campeonato de Boliche, com a participação de Dona Margarida.....	108
Figura 13. Dona Margarida e suas amigas com as medalhas do Campeonato de Boliche.....	109
Figura 14. Baile da terceira idade - Dona Virgínia em minha companhia e de sua amiga	111
Figura 15. Significados atribuídos ao termo disposição.....	122
Figura 16. Horta do asilo cultivada por Seu Oscar.....	131
Figura 17. Exemplo de uso de rede social (Facebook) - demonstração de interesse em eventos	135
Figura 18. Exemplo de uso de rede social (Instagram) - publicação de fotos.....	136
Figura 19. Frequência à AAL como vetor da (re)invenção cotidiana de seus frequentadores	144
Figura 20. Objetivo e contribuições da pesquisa.....	148

Lista de abreviaturas e siglas

AAL	Academia ao Ar Livre
ACEMA	Associação Cultural e Esportiva de Maringá
AJA	Academia para Jovens e Adultos
APC	Academia Para Cadeirantes
API	Academia da Primeira Idade
ATI	Academia da Terceira Idade
CAQDAS	<i>Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software</i>
CCT	<i>Consumer Culture Theory</i>
GTI	Grupo de Trabalho Intersetorial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano
INPI	Instituto Nacional da Propriedade Industrial
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PMS	Programa Maringá Saudável
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

Sumário

1 Introdução	16
1.1 Objetivo do estudo.....	21
1.1.1 Objetivo geral	21
1.1.2 Objetivos específicos.....	21
1.2 Justificativa de pesquisa	21
1.3 Estrutura da dissertação	22
2 Base teórica	24
2.1 Estudo de cultura de consumo: de onde parte essa pesquisa.....	24
2.2 O pós-modernismo e o consumo pós-moderno	28
2.3 A teoria das práticas cotidianas: compreendendo as maneiras de fazer	33
2.4 Os idosos e o envelhecimento: uma aproximação com os atores da pesquisa	42
3 Procedimentos metodológicos.....	47
3.1 Concepção ontológica e epistemológica.....	47
3.2 Delineamento da pesquisa	48
3.3 Locus de pesquisa.....	50
3.4 Trabalho de campo	51
3.4.1 Preparação para entrada no campo	52
3.4.2 Início formal da pesquisa de campo	53
3.4.3 Observação participante	54
3.4.4 Entrevistas	57
3.4.5 Documentos.....	59
3.5 Análise do corpus de pesquisa.....	60
3.6 Validade e confiabilidade da pesquisa	63
3.7 Sobre os atores informantes da pesquisa	64
4 Análise do <i>corpus</i> de pesquisa	75
4.1 Produção do espaço da AAL	76
4.1.1 Produção do espaço da AAL a partir de estratégias de políticas públicas	77

4.1.2	Produção do espaço da AAL a partir dos movimentos de apropriação por parte dos idosos.....	81
4.1.3	Interlocução teórica e empírica: maneiras de fazer estabelecidas a partir de estratégias e táticas	94
4.2	Práticas cotidianas de consumo	97
4.2.1	Práticas de consumo quanto às ocupações e responsabilidades	98
4.2.2	Práticas de consumo quanto ao lazer.....	107
4.2.3	Práticas de consumo quanto aos relacionamentos.....	111
4.2.4	Práticas de consumo quanto aos aspectos que constituem a saúde	113
4.2.5	Interlocução teórica e empírica: (re)apropriação da própria vida	115
4.3	Práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano	117
4.3.1	O "antes" de frequentar à AAL	117
4.3.2	Consumo a partir dos benefícios percebidos	119
4.3.3	Novos hábitos de consumo	127
4.3.4	Novas atividades de consumo	137
4.3.5	Mudanças nos relacionamentos.....	139
4.3.6	Em constante (re)invenção	141
4.3.7	Interlocução teórica e empírica: frequência à AAL como vetor da (re)invenção cotidiana	142
5	Considerações finais	146
5.1	Contribuições da pesquisa	147
5.2	Sugestões para pesquisas futuras	149
	Referências	150
	APÊNDICES	159

1 Introdução

O ponto de partida desta pesquisa consiste na compreensão do consumo como um processo que permeia a vida, como forma de expressar a si mesmo, como ato de uso de produtos e serviços enquanto um meio simbólico de comunicação e envolvimento cultural. Em outras palavras, serviços e bens de consumo estão inseridos em um contexto de produção de significados, por meio do processo em que são criados, adquiridos e usados (McCracken, 2003). Essa significação vai além da qualidade utilitária ou valor econômico, e é compreendida como a habilidade de comunicar e manipular significados culturais, transformando o consumo em uma dimensão da vida social (Douglas & Isherwood, 1978; McCracken, 2003).

Sendo assim, ressaltamos as relações entre cultura e consumo. À essas relações, são atribuídos o papel de estruturação de valores, identidades e relações sociais (Douglas & Isherwood, 1978). Destaco que cultura, aqui, é compreendida como expressão de valores, hábitos, costumes e artefatos materiais por meio dos quais produzimos nosso mundo (McCracken, 2003).

Nesse âmbito de significação, os consumidores são agentes ativos na produção dos significados culturais, por meio do consumo de bens e/ou serviços, produzindo o mundo em que vivem (Certeau, 2014). Isso remete a não neutralidade do consumo, posto que os significados de serviços e bens de consumo decorrem de determinado contexto cultural (Douglas & Isherwood, 1978). Desta forma, o consumo tem significado central em nossas práticas cotidianas, permitindo nos localizar na sociedade (re)criando, (re)apropriando, (re)inventando e (re)contextualizando os significados (Wattanasuwan, 2005).

Em vista disso, dentre as áreas do conhecimento que abrangem a compreensão da cultura e suas formas de produção, as áreas de marketing e do consumo destacam-se, posto que, de forma interligada, ambas têm amplificado suas visões de análise em estudos quanto ao tema. Dentre esses estudos observamos os estudos de cultura de consumo, que buscam investigar e compreender a heterogeneidade e multiplicidades dos significados culturais, abrangendo o contexto sócio histórico da globalização e do mercado (Arnould & Thompson, 2005).

Essa abordagem está incorporada à *Consumer Culture Theory* – CCT, enfatizando o aspecto produtivo quanto à produção de significados por meio do consumo (Arnould & Thompson, 2005). Para Casotti e Suarez (2016, p. 355), a CCT apresenta como aspectos centrais de pesquisa a compreensão dos significados e dinâmicas sociais e influências sócio históricas que “moldam as experiências do consumidor e suas identidades nos mais variados

contextos da vida cotidiana”. Considerando que o mercado oferece diferentes recursos para construção da identidade individual e coletiva, a pesquisa em CCT explora como o consumidor, transforma os significados codificados diante desse cenário, de forma a manifestar seus interesses pessoais e grupais quanto à identidade e ao estilo de vida (Arnould & Thompson, 2005).

Nesse sentido, o consumo é uma produção, posto que os consumidores reproduzem os significados anteriormente atribuídos a determinados produtos e serviços. Essa produção ocorre por meio das manifestações pessoais e sociais, sendo particulares a um indivíduo ou grupo (Arnould & Thompson, 2005; Holt, 1995). Dessa forma, a compreensão de consumo nessa pesquisa avança para além do entendimento do consumo como meramente um ato individual de compra, sendo a compra de determinado bem um fim em si mesmo. Busco aprofundar tal compreensão, considerando o consumidor como aquele que cria sua própria história, significados, valores e experiências, por meio do consumo (Firat & Venkatesh, 1995).

A perspectiva dos estudos de cultura de consumo insere-se nas concepções e ideias do pós-modernismo que refletem esse tipo de consumo como produção (Firat & Venkatesh, 1995). Considerando o consumo como uma forma de comunicação de significados, na perspectiva do pós-modernismo, o consumidor é compreendido como um criador, cuja ações são realizadas por meio de um processo cultural (Thomas, 1997). No pós-modernismo as micro práticas cotidianas são consideradas como os aspectos que melhor definem a condição humana, assim como descontinuidades, pluralidades, caos, instabilidade, mudanças constantes e paradoxo (Venkatesh, Sherry Jr. & Firat, 1993).

Emerge, assim, a compreensão de que é imperativo considerar o consumo como prática (Askegaard & Linnet, 2011). A relevância das práticas e o motivo buscar compreender o consumo por meio delas, decorre de Røpke (2009), ao observar que os indivíduos, quando questionados sobre a vida cotidiana, a descrevem em termos de práticas com as quais estão envolvidos. Ao falar sobre consumo, também estamos falando sobre práticas da vida cotidiana dos indivíduos, as quais atribuem sentido para a vida dos mesmos, pois são realizadas ao longo do tempo e do espaço (Røpke, 2009). Warde (2005) ressalta que as práticas envolvem apropriação e uso de bens, serviços e espaços, o que interfere sobre os indivíduos compreenderem as práticas com as quais estão envolvidos, anterior ao no consumo, pois este último, é resultado de suas práticas.

Consoante a essa compreensão sobre práticas, Feldman e Orlikowski (2011) defendem que a noção sobre práticas deve considerar que a vida de cada um dos indivíduos é uma produção contínua, decorrendo de ações dos mesmos. Dentre as lentes, com as quais devemos

considerar as práticas, Feldman e Orlikowski (2011) apresentam uma abordagem teórica, que busca responder a dinâmica das atividades cotidianas por meio de como essas são geradas e operam em diferentes contextos.

Em vista disso, trago a abordagem *certeauniana* sobre a teoria das práticas cotidianas para complementar o que até aqui apresentei. Em um sentido convergente ao que foi exposto, Giard (2014, p. 12) destaca o deslocamento do “consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos”. A autora, em referência a Certeau (2014), chama a atenção para a criatividade dos indivíduos ordinários, que inventam para si mesmos uma maneira própria, que inventam o cotidiano. Por isso, a preocupação deve ser com as diferentes operações e maneiras de uso desses indivíduos, e não com os produtos e/ou serviços adquiridos e usados (Giard, 2014).

Nesse sentido, Certeau (2014) qualifica o ato de consumir como uma produção, que é astuciosa e dispersa, porém ao mesmo tempo é ubíqua, silenciosa e invisível, uma vez que não é notada com os próprios produtos, mas na forma como os produtos impostos são empregados por uma ordem econômica dominante. Supõe-se que os usuários [consumidores] são *bricoleurs*, que metamorfoseiam o dominante e a lei, segundo seus próprios interesses e regras (Certeau, 2014).

Complementarmente, Askegaard e Linnet (2011) corroboram que as práticas decorrem de estruturas externas, porém alteram-se a partir de atos que surgem continuamente, como resultado de trocas simbólicas, criatividade e subversão, em um determinado contexto social, como condições culturais, sociais, econômicas e políticas. A criatividade cotidiana, conforme atribui Certeau (2014), é então procedida por “maneiras de fazer”, que se constituem de diversas práticas, diante das quais os usuários reapropriam-se das técnicas da produção sociocultural. Do ponto de vista de Certeau (2014), as estratégias socioeconômicas e políticas ocorrem no âmbito da cidade. Porém, apesar de a cidade ser “tema dominante dos legendários políticos”, não é entendida como um campo onde ocorrem operações controladas e já programadas (Certeau, 2014, p. 161). Perante os discursos que ideologizam, multiplicam-se as astúcias e combinações indissociáveis dos usuários [cidadão e consumidor]. É partir desse cenário que o cotidiano se desdobra, o qual pode ser compreendido de duas formas, sendo a visão do alto e a visão do chão, conforme apresentado por Certeau (2014).

Por um lado, a visão do alto coloca-se à distância, sendo essa da administração urbana, das estratégias econômicas e políticas implantadas e, muitas vezes, a mais divulgada. Consequentemente, é dela que partem as decisões tomadas com relação ao espaço urbano da cidade (Certeau, 2014). Por outro lado, ainda conforme Certeau (2014), a visão do chão acessa

o olhar do homem ordinário, com suas práticas inventadas, trajetórias e histórias anônimas. É a partir das práticas e usos desse homem ordinário que se enxerga aquilo que passa por invisível na cidade.

Diante desse cenário e a partir dessa breve contextualização e explanação teórica, observo em especial três aspectos teóricos que compõem essa pesquisa. Trabalharei tais aspectos de forma interligada entre si: cultura de consumo, pós-modernismo (Firat & Venkatesh, 1995) e teoria das práticas cotidianas à luz de Michel de Certeau. Ao relacioná-los quanto às práticas cotidianas de consumo, busco realizar essa pesquisa a partir da perspectiva da visão do chão, posto que as práticas cotidianas de consumo, na concepção pós-modernista, avançam para além da lógica do mercado (Firat & Venkatesh, 1995).

Posto isso, alguns questionamentos surgiram, como: quais os desdobramentos de determinada estratégia de política pública quanto à (re)invenção cotidiana do indivíduo? Como esse indivíduo apropria-se de determinado espaço público a partir de uma estratégia de políticas públicas? Como o consumo de tal espaço público (re)inventa a identidade do indivíduo, suas relações e seu cotidiano?

Nesse cenário teórico, pautado pela compreensão do consumo como produção, apropriação e transformação, apresento como surgiu o contexto empírico para a realização dessa dissertação. Busquei identificar possíveis intervenções de estratégia de política pública, e dentre tais, destaco as Academias ao Ar Livre (AALs), que correspondem à lógica da transição demográfica e foram desenvolvidas com base em diretrizes de estratégias públicas para o investimento em ações para a promoção e prevenção da saúde, especialmente para idosos (Nardi, Sapata & Lopes, 2013).

O que envolve “especialmente para idosos” emerge do envelhecimento populacional e das taxas de crescimento negativas da população, consequências do fenômeno de transição demográfica. Tal fenômeno decorre da redução dos níveis da fecundidade e da mortalidade, sendo definido “como a passagem de uma população jovem e quase-estável, com taxas de fecundidade e mortalidade em níveis elevados e praticamente constantes, para uma população quase-estável e mais envelhecida, com baixos níveis de fecundidade e mortalidade” (Myrrha, 2016, pp. 63-64). Dito de outra forma, o número de pessoas com idade maior, principalmente os idosos, cresce de forma superior ao número de crianças.

Esse fenômeno teve início na Europa, em meados do século XVIII, e nas demais regiões mundiais, a partir do século XX. No Brasil, especificamente, a transição demográfica ocorre desde 1940 (Myrrha, 2016). Entretanto, tal fenômeno ocorre no Brasil de forma mais rápida se comparado com outros países, como a França, por exemplo. Enquanto no país francês a

população idosa duplicou em cem anos, a população brasileira está em um ritmo para duplicar em duas décadas. Isso significa que em 2025 o Brasil estará na sexta posição referente ao número de idosos na classificação mundial (Cortez, Cortez, Gimenes & Bennemann, 2015).

O envelhecimento, associado à transição demográfica, ocorre em um contexto de declínio da mortalidade devido à melhoria de condições de saúde (Myrrha, 2016). Para a autora, as melhorias nas condições de saúde foram proporcionadas em decorrência dos avanços tecnológicos, melhoria no saneamento básico e propagação da informação. Nesse cenário, a expectativa de vida no Brasil avançou de um tempo médio de 42,7 anos em 1940, para um tempo médio de 75,7 anos, em 2016. Como consequência desse contexto, espera-se que 30% da população brasileira em 2050 estejam com mais de 60 anos de idade (Myrrha, 2016), impactando significativamente na sociedade, principalmente quanto às demandas de programas sociais e políticas públicas voltadas para serviços de saúde (Hurd, 1990).

Diante desse fenômeno, observa-se a mudança na configuração etária da população e suas consequências na composição e organização das sociedades, especialmente, quanto às esferas governamental, dos indivíduos e das instituições (Debert, 2004). Essas mudanças evocam, dos Estados, novas formas de agir perante esse atual contexto demográfico, criando estratégias e ações públicas. Em consonância com o fenômeno de transição demográfica e incentivo à prática de atividade física, estratégias de políticas públicas foram desenvolvidas, em decorrência da necessidade de redução de gastos com a saúde pública, principalmente dos idosos. Essas ações ocorreram com a instalação de equipamentos públicos nos espaços urbanos (Nardi, Sapata & Lopes, 2013), resultando, assim, na implantação das AALs (Academias ao Ar Livre), e conseqüentemente, intervindo nesse mesmo espaço. Para tanto, ressalto que a referência empírica para a realização dessa pesquisa são os idosos frequentadores das Academias ao Ar Livre.

Portanto, mais do que pensar sobre a representatividade do aumento no número de idosos para a sociedade e atribuindo ao idoso o potencial de consumo, busco observar como os mesmos consomem a partir de mudanças que constituem a sua vida cotidiana. Tais mudanças ocorrem por meio de práticas invisíveis ao que se refere à dinâmica da vida dos frequentadores das AALs e a constituição de suas identidades. Assumindo, já de início, que a frequência à AAL provoca desdobramentos do ponto de vista das práticas de consumo dos idosos e, conseqüentemente, uma (re)invenção do cotidiano dos mesmos, questiona-se: *como a frequência às Academias ao Ar Livre por parte dos idosos molda suas práticas de consumo e (re)inventa o cotidiano dos mesmos?*

1.1 Objetivo do estudo

1.1.1 Objetivo geral

Compreender como a frequência às Academias ao Ar Livre por parte dos idosos molda suas práticas de consumo e (re)inventa o cotidiano dos mesmos.

1.1.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o processo de produção do espaço das Academias ao Ar Livre;
- Descrever as práticas cotidianas de consumo dos idosos frequentadores das Academias ao Ar Livre;
- Compreender as práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano dos idosos frequentadores das Academias ao Ar livre.

1.2 Justificativa de pesquisa

A realização desta pesquisa de dissertação visa contribuir com a compreensão do consumo a partir de aspectos vivenciais, sociais e do contexto cultural onde ocorrem (Holbrook & Hirschman, 1982). Busco, teoricamente, uma abordagem interdisciplinar, característica da CCT (Arnould & Thompson, 2005), por meio do estudo de cultura de consumo e da teoria das práticas cotidianas (Certeau, 2014), alinhado com as concepções e perspectivas pós-modernistas, procurando inovar teoricamente e gerar descobertas empíricas fundamentadas.

Justificando tanto teoricamente como metodologicamente esta pesquisa, a mesma compõe a agenda de pesquisa dos estudos de consumo, partindo de uma perspectiva pós-modernista e interpretativa, sendo uma forma complementar para a compreensão de fenômenos de consumo (Kassarjian & Goodstein, 2010). A agenda de pesquisa que menciono é constituída por preocupações e interesses que buscam compreender determinado fenômeno, e não testá-lo;

que tratam os consumidores enquanto informantes, ao contrário de trata-los como meros participantes; são pesquisas que buscam entender, e não somente explicar a relação de causa e efeito (Kassarjian & Goodstein, 2010). Isso coloca uma perspectiva de tornar os consumidores como atores da pesquisa que se busca realizar, e não os tomar meramente como objetos de estudo.

A intenção é entender em que medida a frequência à AAL provoca uma (re)invenção no cotidiano dos idosos, a partir de suas práticas de consumo. Para tanto, empiricamente, aponto contribuições ao iluminar e revelar um fenômeno de consumo até então invisível quanto à dinâmica da vida dos idosos que frequentam as AALs. Simultâneo as estatísticas de aumento da expectativa de vida, há um paradoxo entre os esforços quanto à ampliação da longevidade e quanto aos preconceitos e estigmatização que sofrem aqueles que envelhecem (Moreira & Nogueira, 2008; Pinto, 2017). Por meio desse contexto e junto a esses informantes, destaco ainda, a contribuição no que concerne a constituição de identidades desses idosos, contribuindo para os atuais debates sobre estudos de consumo, como as pesquisas de consumo interpretativa, realizadas com contexto cultural e subcultural dos indivíduos consumidores (Maclaran, Hogg & Bradshaw, 2010). Ressalto ainda, o aprofundamento empírico, no contexto de estudos de consumo, quanto a esses desdobramentos associados às intervenções de estratégias de políticas públicas, que implicam diretamente nas práticas de consumo, analisando, particularmente, os idosos.

Além disso, a abordagem sobre as práticas cotidianas do consumo é significativa na sociedade pós-moderna, dado que esse tipo de estudo possibilita relacionar as ações e práticas, que muitas vezes não são percebidas, visto que estão apropriadas em ações executadas diante de normas e formalidades impostas aos indivíduos (Certeau, 2014; Gouvêa & Ichikawa, 2015). Da mesma forma, assim como defendido por McCracken (2003), a significação atribuída aos serviços e bens de consumo constituem-se de partes importantes da estruturação da nossa realidade, uma vez que sem tais serviços e bens, atos de definição do indivíduo (*self*) e do coletivo não seriam possíveis de ocorrer.

1.3 Estrutura da dissertação

Para apresentação desta dissertação, organizei o trabalho em quatro capítulos, além dessa introdução, por meio do qual busquei articular o tema de pesquisa com o contexto de

estudo, evidenciando a construção do problema e objetivos, seguidos da justificativa. Os capítulos seguintes são destinados à apresentação das etapas percorridas para a realização da presente pesquisa.

Apresento a base teórica no segundo capítulo subdividida em quatro partes: o primeiro, para indicar o ponto de partida da pesquisa, discuto sobre os estudos de cultura de consumo; o segundo, dedico sobre o período pós-moderno e as ideias e concepções do pós-modernismo; o terceiro, aprofundo a discussão quanto a teoria das práticas cotidianas; e o quarto, busco uma aproximação com os atores da pesquisa, abordando sobre os idosos e o envelhecimento. O terceiro capítulo consiste na apresentação dos procedimentos metodológicos, seguido pela análise do *corpus* de pesquisa, no quarto capítulo. Por fim, no quinto capítulo, discorro sobre as considerações finais.

2 Base teórica

Organizo esse capítulo de forma a construir o embasamento teórico desta pesquisa. Para isso, discuto sobre aspectos teóricos de autores, de pesquisas científicas, que abordam os temas que englobam a pesquisa proposta. Os temas estão divididos em tópicos que se referem à cultura de consumo, pós-modernismo, cotidiano, idosos e envelhecimento.

Situada como uma pesquisa em Marketing, e mais especificamente, em cultura de consumo, busco contribuições advindas de um diálogo com outras disciplinas, como a Antropologia e Sociologia. Esse diálogo emerge a partir das discussões que constituem o tópico sobre cotidiano, utilizando como base teórica duas obras específicas de Michel de Certeau. Em adição, as contribuições resultantes desses diálogos interdisciplinares contribuem para a fomentação do quadro teórico em Marketing (Vieira, 2013).

Em vista disso, as discussões que seguem estão constituídas de forma interdisciplinar, buscando fundamentar teoricamente os resultados empíricos que contemplam as práticas de consumo e (re)invenção cotidiana dos idosos que frequentam e utilizam as Academias ao Ar Livre.

2.1 Estudo de cultura de consumo: de onde parte essa pesquisa

Início a discussão teórica desta pesquisa indicando de onde partimos, isto é, a partir dos estudos de cultura de consumo, para entendermos as perspectivas que orientam tal pesquisa. Os estudos de cultura de consumo realizados no contexto da Teoria de Marketing, abrangendo áreas da antropologia, sociologia e psicologia, contribuíram para tornarem conhecidos fenômenos culturais, como, por exemplo, comportamento de consumo, experiências e satisfação do consumidor, noções de pertencimento, expressões de identidade cultural e subcultural, mudanças nas relações de gênero, rituais, dentre outros, conforme apontam Shaw e Jones (2005) e Paterson (2006). A preocupação com esses fenômenos emergiu a partir do interesse em questões sobre como e porque os consumidores se comportam no mercado (Shaw & Jones, 2005).

Entretanto, há perspectivas diferentes quanto aos estudos de consumo no campo da Teoria de Marketing (Maclaran et al., 2010). Por um lado, fundamentados nas escolas de

pensamento cognitivo e comportamentais, influenciadas pelas áreas da economia e psicologia, teóricos tradicionais atribuem aos consumidores a característica de indivíduos passivos, ou seja, indivíduos que respondem às forças ambientais ou biológicas sem seu próprio controle (Maclaran et al., 2010), realizando o que está prescrito (Paterson, 2006). Para esses teóricos, as pesquisas de consumo são realizadas de forma a testar teorias, assim como um meio para controlar experimentos, partindo de uma lógica positivista (Kassarjian & Goodstein, 2010; Maclaran et al., 2010).

Por outro lado, segundo Maclaran et al. (2010, p. 332), como efeito do pós-estruturalismo e metodologias multidisciplinares, criou-se um “espaço na pesquisa do consumo para investigar componentes culturais que fornecem ricas explicações das experiências vividas que definem regularmente o consumo”, referindo-se à pesquisa de consumo interpretativista ou *Consumer Culture Theory - CCT*, conforme Arnould e Thompson (2005) conceituaram. Para esses últimos autores, a pesquisa em CCT refere-se a uma família “de perspectivas teóricas que abordam as relações dinâmicas entre as ações do consumidor, do mercado e dos significados culturais” (Arnould & Thompson, 2005, p. 868).

Askergaard e Linnet (2011) complementam defendendo que a pesquisa em CCT é uma mudança paradigmática quanto aos estudos do fenômeno de consumo, emergindo das já conhecidas abordagens econométricas ou psicológica cognitiva. Em adição, essas perspectivas estão intrinsecamente relacionadas com a abordagem experiencial do consumo (Pinto et al., 2015), a qual Holbrook e Hirschman (1982) apontam como uma abordagem fenomenológica e subjetiva. Para tanto, ressalto que é a partir dessa perspectiva, da pesquisa em CCT, que desenvolvo essa pesquisa.

De modo a aprofundar tal compreensão e esclarecer os domínios da CCT, Arnould e Thompson (2007) propõem um esquema de estrutura comum de interesses teóricos, constituída por processos sócio culturais e estruturas correlacionados com quatro categorias teóricas, sendo: padrões sócio históricos de consumo; projetos de identidade do consumidor; culturas do mercado; e, ideologias de mercado mediadas pela massa e estratégias interpretativas dos consumidores. A Figura 1 sintetiza cada uma dessas categorias de orientação, relacionando os estudos que manifestam a diversidade em termos metodológicos, teóricos e contextos de pesquisa. Para os autores, o padrão sócio histórico de consumo alinha a CCT com a pesquisa sociológica e histórica sobre o papel de classe, gênero e etnia como influências estruturais sobre os comportamentos do mercado; as culturas de mercado alinham a CCT com estudos antropológicos sobre a cultura material e o papel dos rituais cotidianos na criação de solidariedade social e familiar; as ideologias de mercado mediadas pela massa e as estratégias

interpretativas dos consumidores alinham a CCT com a tradição da teoria crítica e uma pesquisa de estudos de mídia mais contemporânea sobre o usuário de mídia ativo e criativo; e os projetos de identidade do consumidor alinham a CCT com os estudos culturais focados no trabalho de identidade e na negociação de contradições culturais através do mercado e a mercantilização dos rituais e emoções culturais.

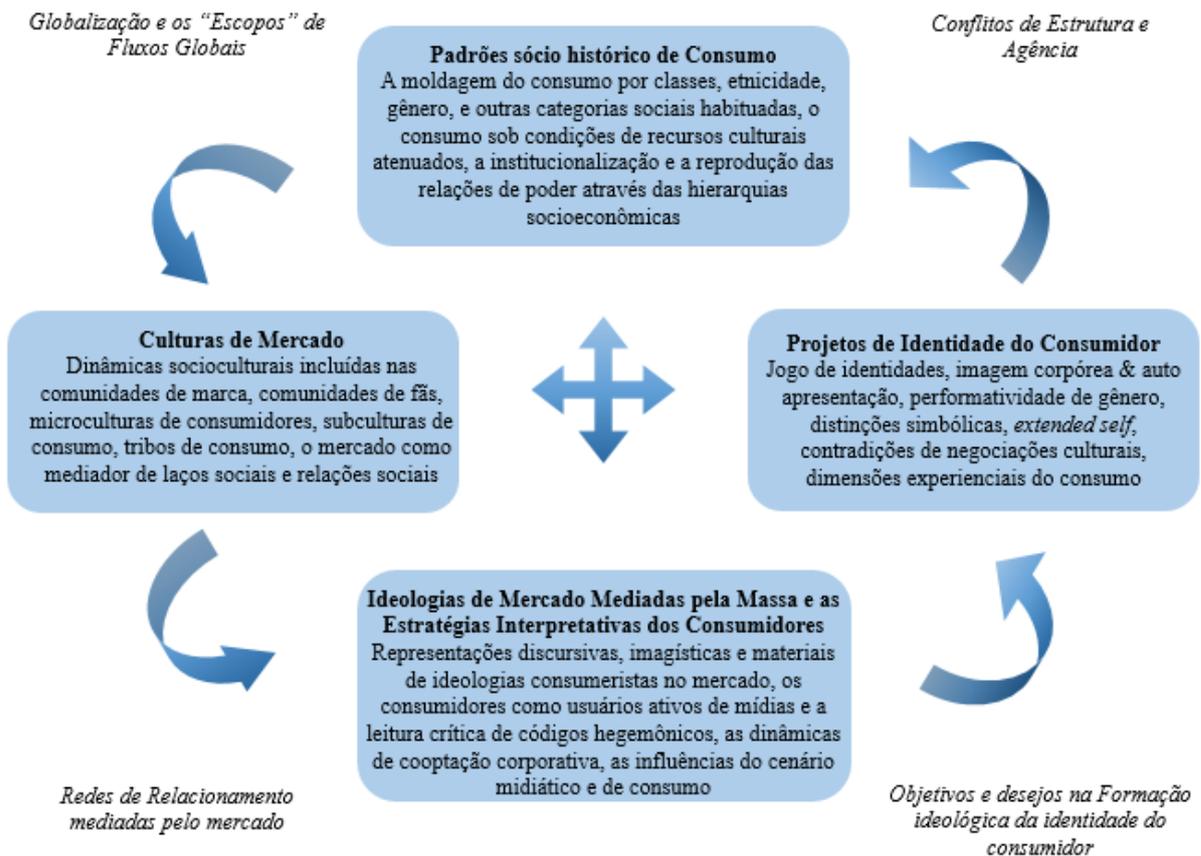


Figura 1. CCT: Estrutura comum de interesses teóricos
Fonte: adaptada de Arnould e Thompson (2007)

Os estudos de cultura de consumo partem dessa perspectiva de orientação cultural no campo de Marketing (Casotti & Suarez, 2016). Os aspectos culturais são notados nas relações de consumo, posto que tais relações, conforme destacam Douglas e Isherwood (1978), ocorrem por intermédio de pessoas e produtos e/ou serviços repletos de significados e valores. Esses significados e valores são atribuídos aos produtos e/ou serviços, por meio do processo do consumo ao considerar o indivíduo como consumidor, mas também produtor de significados dentro de um mundo culturalmente construído (Douglas & Isherwood, 1978; McCracken, 1986; Certeau, 2014).

Nesse caso, o indivíduo consumidor é visto como aquele que é criativo, que interpreta sinais e dialoga com outros a partir de um grupo cultural (Paterson, 2006). Utilizando-se de ideias, imagens e símbolos, esse mesmo indivíduo, por meio do seu consumo simbólico, (re)configura sua identidade (Schau, 2000) e objetivos de vida (Arnould & Thompson, 2005). Isso corrobora com o que Hirschman (1986) defende sobre o consumo ser uma experiência subjetiva ancorada em emoções. O indivíduo é visto como aquele que realiza práticas de consumo intencionalmente ou não, articulando um senso de auto identidade, identidade social e sentimento de pertencimento, de acordo com os seus propósitos, que em muitos casos subverte ideologias dominantes e regras que são impostas (Paterson, 2006).

Complementar ao que foi exposto até aqui, Casotti e Suarez (2016, p. 353) destacam que os aspectos culturais não são compreendidos, pela pesquisa em CCT, como um “sistema homogêneo de significados compartilhados coletivamente”, mas, de forma a explorar a “heterogeneidade e a multiplicidade dos agrupamentos culturais que se sobrepõem”, existindo simultaneamente no contexto sócio histórico da globalização e de mercado. Isso justifica as pesquisas de práticas de consumo, mercado e representações como o caminho para a compreensão de cultura de consumo, abordando os significados sociais, as influências sócio históricas e as dinâmicas sociais como os aspectos centrais que “moldam as experiências do consumidor e suas identidades nos mais variados contextos da vida cotidiana” (Casotti & Suarez, 2016, p. 355).

De modo convergente, a perspectiva do estudo de cultura de consumo enfatiza a fragmentação, pluralidade, fluidez e hibridização das tradições de consumo e modo de vida (Firat & Venkatesh, 1995; Arnould & Thompson, 2005). A pesquisa em CCT contribui com o desenvolvimento dessa perspectiva, por meio dos estudos empíricos, posto que “analisam como as manifestações particulares de cultura e consumo são construídas, sustentadas, transformadas e moldadas por forças históricas mais amplas (narrativas culturais, mitos e ideologias) e fundamentadas em circunstâncias socioeconômicas específicas e sistemas de mercado” (Arnould & Thompson, 2005, p. 869). Isso quer dizer que as pesquisas de cultura de consumo vão além de compreender contextos *de* consumo, mas estudos *no* contexto de consumo, destacando o mundo real, o que possibilita a geração de novos construtos e conhecimentos teóricos e suas respectivas formulações teóricas (Arnould & Thompson, 2005; Casotti & Suarez, 2015; Maclaran et al., 2010).

Ademais, como forma de iluminar os objetos de estudos, evidenciando as singularidades até o momento não reveladas de tal fenômeno, diversos autores e abordagens teóricas, das ciências sociais, complementam as pesquisas de cultura de consumo, contribuindo para

múltiplas abordagens teóricas e orientações metodológicas (Casotti & Suarez, 2016). Dentre esses autores, é possível apontar Michel de Certeau, que partindo da perspectiva sobre o essencial não ocorrer a partir *da* produção, mas *de uma* produção, a do fabricante da cidade, ou de serviços, ou de objetos (Certeau, 1985).

Para tanto, o consumo é compreendido nessa pesquisa a partir dessa perspectiva, cujo foco recai sobre o consumidor enquanto produtor, criador e praticante, avançando além da compreensão do consumidor passivo, mas focando nas experiências que estão intrínsecas às práticas de consumo. Essa concepção insere-se na perspectiva do pós-modernismo, e corrobora como com o que Certeau (2014) denomina como as maneiras de fazer, que serão mais bem explicadas adiante.

2.2 O pós-modernismo e o consumo pós-moderno

Após situar-se sobre o tema, de onde emerge essa pesquisa, dedico essa seção para a discussão sobre a realidade e a essência que orienta a investigação da mesma, discutindo sobre o período pós-moderno e as ideias e concepções do pós-modernismo.

O termo pós-modernismo foi inicialmente utilizado na área da arquitetura, por Jencks (1987), e amplamente conceituado por Bell (1972, 1973), ao assegurar que a era pós-moderna emergiu devido ao fim do modelo burguês, o qual caracterizou a modernidade (Hamouda, 2012). Com o início da década de 80, esse conceito foi utilizado de modo frequente em vários outros campos de estudos acadêmicos, como, inicialmente, uma forma de apontar as diferenças quanto ao modernismo (Featherstone, 2007), negando a racionalidade e racionalização e, evocando por fragmentação e multiplicidade (Podestà, 2005).

Difundido em diversas áreas de pesquisas acadêmicas, o pós-modernismo também avançou na área de estudos de marketing, sendo atribuído por alguns pesquisadores, como um novo paradigma (Firat & Venkatesh, 1995; Hamouda, 2012). Grandes contribuições na área de estudos de marketing foram propostas, principalmente, por Hirschman, Holbrook, Firat e Venkatesh. Em meio as contribuições, destacam-se a reflexão sobre os paradigmas para apreender a complexidade do consumo pós-moderno, de Hirschman e Holbrook (1992) e o papel do marketing na sociedade de consumo (Firat e Venkatesh, 1993).

O pós-modernismo deixou uma forte marca dentre algumas áreas da pesquisa interpretativa de consumo, gerando muitas bases axiomáticas (Maclaran et al., 2010). Em vista

disso, o consumo contemporâneo é pautado pelo período pós-moderno e pelas concepções e ideias do pós-modernismo, que diante de novas práticas de consumo que surgem ao longo desse período, relaciona-se diretamente à vida cotidiana do indivíduo (Firat & Venkatesh, 1995). Esse indivíduo é definido diante de suas práticas cotidianas, pluralidades, instabilidades, mudanças constantes, caos e descontinuidades, rejeitando limites disciplinares rígidos e lentes unificadoras, dado que esse indivíduo enquanto consumidor, cria sua própria história, significados, valores e experiências. A atenção volta-se para a formação da cultura e dos diversos significados que derivam de quadros culturais. O consumo é considerado um momento de (re)criação, (re)produção e (re)definição de significados, sendo transformado em um processo libertador (Firat & Venkatesh, 1993; 1995).

Observa-se esse período pós-moderno como uma transformação cultural, que emerge lentamente na sociedade contemporânea, mas de forma notável nas práticas e formações discursivas que distingue um conjunto de pressupostos, ideias, experiências e proposições de um período anterior, o modernismo (Huyssen, 1984). De modo consoante, Thomas (1997) argumenta que o pós-modernismo, representando um desenvolvimento filosófico, questiona o modernismo, assim como propõe algumas respostas. Firat e Venkatesh (1995) observam, ainda, que o modernismo é caracterizado pela condição de razão, ordem social, valorização da ciência e tecnologia, capitalismo industrial e separação entre produção e consumo.

Em adição, Firat e Venkatesh (1995) destacam que do pensamento moderno surgem diversas consequências, sendo uma delas a visão secundária do consumo ao processo de produção, além de entender o consumidor como destruidor do valor criado pela produção. As concepções modernistas são pautadas por fatos, casualidades e fundamentadas em leis, reduzindo determinado fenômeno em elementos, de forma a criar hipóteses e testá-las (Thomas, 1997), seguindo a regra da razão e da racionalidade (Cova, 1996). Por isso, de acordo com Firat e Venkatesh (1995) os pós-modernistas criticam o modernismo por sua visão limitada e marginalizada da vida do indivíduo; redução dicotômica do mundo; perspectiva paradoxal do consumidor, que difamam-o e glorificam-o, simultaneamente; visão repressiva devido à ênfase no racionalismo, funcionalismo e universalismo; construção do indivíduo como mente e corpo separados.

A pós-modernidade, por sua vez, é pautada por uma ruptura com a modernidade, que Cova (1996) atribui como uma nova ordem social, que integra e adapta práticas de marketing aos estudos de consumo individualizados e tribalizados. O pós-modernismo considera que as micro práticas cotidianas, descontinuidades, pluralidades, caos, instabilidade, mudanças constantes, narrativas e paradoxo definem melhor a condição humana (Venkatesh, Sherry Jr. &

Firat,1993). Conforme mostram Firat e Venkatesh (1995), o pós-modernismo rejeita limites disciplinares rígidos e é eclético no pensamento e na prática. Os pós-modernistas consideram todo o conhecimento como uma construção de um tipo ou outro e o produto da linguagem e do discurso (Firat & Venkatesh, 1995). Além disso, focando no consumo como um comunicante de significados, o pós-modernismo considera o consumidor como aquele que é criador, cuja ações são realizadas por meio de um processo cultural (Thomas, 1997).

Como uma perspectiva filosófica, rica em suposições epistemológicas e preferências metodológicas, o pós-modernismo faz rever os princípios das ciências em geral e, em particular, da teoria de marketing, assim como a concepção de que as experiências derivadas do consumo definem o indivíduo (Cova, 1996). Essas distinções entre modernismo e pós-modernismo são resumidas a seguir, na Tabela 1, conforme apresentado por Venkatesh, Sherry Jr. e Firat (1994, p. 216).

Tabela 1: Ênfase relativa no modernismo e no pós-modernismo

Ênfase modernista	Ênfase pós-modernista
Objeto	Imagem, símbolo
Sujeito cartesiano	Sujeito simbólico
Sujeito cognitivo	Sujeito semiótico
Sujeito unificado	Sujeito fragmentado
Sujeito centrado	Sujeito descentrado
Significado	Significante
Objetificação	Simbolização
Representação	Significação
Verdade (objetiva)	Verdade (construída)
Real	Hiper-real
Universalismo	Localismo, particularismo
Sociedade como uma estrutura	Sociedade como um espetáculo
Razão logocêntrica	Razão hermenêutica
Conhecimento	Comunicação
Economia	Cultura
Capitalismo	Capitalismo tardio
Sistema econômico	Sistema simbólico
Produção	Consumo
Mudança do valor de uso para o valor de troca	Mudança do valor de troca para o valor de significado
Ciência/Tecnologia	Ciência/Tecnologia
Tecnologia mecânica	Tecnologia digital/comunicativa
Ciências	Humanidades
Euro-América centrismo	Globalismo
Falocentrismo	Feminismo/Gênero
Orientalismo, colonialismo	Multiculturalismo, globalismo

Fonte: “*Postmodernism and the marketing imaginary*”, de A. Venkatesh, F. J. Sherry Jr e A. F. Firat, 1994, p. 216

No pós-modernismo, a representação passa a significar a construção do real por meio da imaginação humana, sendo essa construção da realidade não considerada como dada, mas manipulada para fins estéticos e comerciais (Firat & Venkatesh, 1995). No universo do simbólico e do espetáculo, o sensacional desempenha um papel importante tanto quanto o papel do racional. Em vista disso, Firat e Venkatesh (1993) definem algumas condições do consumo pós-moderno, a saber: hiper-realidade, fragmentação, descentralização do sujeito, reversão de produção e consumo e justaposição de opostos. De acordo com Hamouda e Gharbi (2013) autores como Van Raaij (1993) adicionaram algumas condições, como: o pluralismo e aceitação de diferenças. Brown (1993a; 1993b), por sua vez, também acrescentou a essas condições o presente perpétuo, ênfase em formas/estilos e aceitação da desordem e do caos. Porém, segundo afirmam Hamouda e Gharbi (2013), as condições mais comuns utilizadas em concordância com autores que estudam pós-modernismo são aquelas apresentadas inicialmente por Firat e Venkatesh (1993), conforme Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Breve descrição das condições pós-modernas

Condições Pós-modernas	Breve descrição
Hiper-realidade	Constituição da realidade social através de exagero ou de simulação, que é poderosamente significada e representada, criando novas formas de identidades e novos símbolos de comunicação e consumo por meio de simulações e de realidades virtuais, por exemplo.
Fragmentação	Onipresença de momentos desconexos e desconectados nas experiências de vida e a crescente aceitação do dinamismo que leva à fragmentação em mercados.
Descentralização do sujeito	Remoção do indivíduo da importância central que o mesmo realizou na cultura moderna e a crescente aceitação de seus potenciais de objetificação, sendo que o indivíduo é historicamente e culturalmente construído.
Reversão de produção e consumo	Reconhecimento cultural de que o valor não é criado na produção, mas no consumo. E o subsequente crescimento de atenção e importância dados ao consumo, visto que os consumidores são produtores de símbolos e signos de consumo, ao mesmo tempo que são objetos no processo de marketing.
Justaposição de opostos	Propensão cultural de justapor qualquer coisa com qualquer outra coisa, incluindo elementos de oposição, contraditório e essencialmente não relacionado.

Fonte: Adaptado de “*Postmodernism and the Reenchantment of Consumption*”, de A. F. Firat e A. Venkatesh, 1995, p. 252.

Conforme é observado, as condições pós-modernas retratam a relação entre a produção e o consumo, que resultam nos desdobramentos da vida cotidiana do consumidor. Contudo, as condições que melhor descrevem o consumidor são a fragmentação e descentralização, devido

à resposta emancipatória à lógica totalizante do mercado. Ao localizar o consumidor em contextos de espaços emancipatórios, o pós-modernismo permite ao indivíduo engajar-se em não linearidade de pensamento e prática, em comportamentos improváveis e descontinuidades. No contexto descentrado do pós-modernismo, o consumidor é visto não apenas por meio de lentes unificadoras, mas a partir de suas práticas cotidianas (Firat & Venkatesh, 1995).

Firat e Shultz (1997, p. 193) ressaltam que “o consumo não é mais definido pela escolha custo/benefício, mas pelas experiências adquiridas através do consumo”. Contrário ao modernismo, que criou para diferentes ocasiões a produção em massa, no pós-modernismo a tecnologia permite que o consumidor torne-se um “*customizador*” e produtor em cada momento do consumo. Os mesmos autores destacam, ainda, sobre os sentimentos dos consumidores, que em simultaneidade com a importância do simbólico, produtos e/ou serviços são avaliados mais por sua contribuição a auto imagem e sentimento de “sentir-se bem”, ao invés de aspectos funcionais. Cova (1996) argumenta de forma semelhante, ao afirmar que a dimensão funcional desaparece atrás da dimensão estética.

De modo complementar, Hamouda e Gharbi (2013) identificam que o consumidor está sempre procurando ser socialmente aceito, alterando sua identidade toda vez que deseja. Os autores destacam que o consumidor pós-moderno busca formas diversas de explorar sua vida, enriquecendo-a de forma significativa, sendo agentes ativos e produtores, tanto no mundo real quanto no mundo virtual. Firat e Dholakia (2006) acrescentam também, que nenhum produto, nas posses do consumidor, ou serviço adquirido, é algo acabado, dado que o consumo sempre será um processo de transformação.

Consequentemente, Firat e Venkatesh (1995) apresentam uma epistemologia do consumo pós-moderno dividida em quatro áreas para exploração: sistema filosófico, sistema de consumo, ideia do sujeito/consumidor e sistema de significação. No sistema filosófico a realidade é vivida e construída. Não há uma noção generalizada do universalismo como no modernismo, posto que é preciso reconhecer que o processo de consumo não é o mesmo para todos os grupos culturais, tanto em realidade empírica quanto teórica, avançando além de localidades e particularidades, assim como considerando, no âmbito fenomenológico, as práticas de consumo da vida cotidiana, ao contrário de teorias universais e reducionistas. O sistema filosófico considera, também, além da mente, o corpo, sendo esse um importante *locus* representante do conhecimento e do discurso humano (Firat & Venkatesh, 1995), tal como uma condição indispensável para qualquer experiência ou sensação (Paterson, 2006). É por meio do corpo que conseguimos traduzir as informações sensoriais em eventos e processos mentais, proporcionando o senso de personificação (Paterson, 2006).

Em referência ao sistema de consumo, a produção e o consumo são problematizados simultaneamente. A produção, do corpo e/ou da mente do consumidor e sua autoimagem, é percebida em cada ato cotidiano do consumo. Assim como os padrões de vida, relações com a comunidade/bairro e condições ambientais são “produtos” do consumo. A produção e consumo estão em um ciclo contínuo, onde o consumidor passa a ser visto como produtor de símbolos e significados, evidenciando as práticas cotidianas desse mesmo consumidor (Firat & Venkatesh, 1995).

Outra área de exploração é a ideia do sujeito/consumidor, apresentada por Firat e Venkatesh (1995) como a forma de tornar o sujeito mais flexível e adaptativo devido às diversas possibilidades de experiência e criação. O sujeito faz sentido do mundo em termos de símbolos, significados e experiências, isto é, o sujeito como descentrado, comunicativo, fragmentado e simbólico. Dessa forma, o universo de consumo é compreendido como um sistema de significação, a quarta área de exploração. O sistema de significação requer a compreensão de discursos, que vão da ciência ao mundo de narrativas, mitos e organizações simbólicas, focando nos símbolos que os objetos se tornaram, uma vez que essa é a essência do consumo pós-moderno, ou seja, a atividade simbólica (Firat & Venkatesh, 1995).

Dessa forma, no contexto pós-moderno, a essência está no fato de o consumidor buscar por experiências diferentes, sendo essas não só por meio do que um objeto (produto) pode proporcionar, mas a partir das condições das práticas de consumo, considerando também os serviços consumidos, que podem proporcionar significados, baseados na experiência, enfatizando a interatividade e criatividade (Firat, Dholakia & Venkatesh, 1995; Cova, 1996). Na pós-modernidade um produto ou serviço será cada vez menos concluído e cada vez mais um processo por meio do qual o consumidor consegue imergir e fornecer *inputs*. Esse processo é uma produção e reprodução contínua de imagens e significados simbólicos, que os indivíduos empregam às suas maneiras de fazer, proposto e defendido por Certeau, conforme segue.

2.3 A teoria das práticas cotidianas: compreendendo as maneiras de fazer

O consumo, assim como apresentei anteriormente, é visto nessa pesquisa como uma atividade cotidiana, que vai além do que pode ser considerado como algo imposto, resultando em uma produção própria, uma apropriação criativa. Essa criatividade que existe no consumo é o que alguns teóricos buscam postular sobre a micropolítica do cotidiano. Conforme defende

Paterson (2006), o consumo envolve inúmeros processos conscientes e inconscientes, e essas ações e processos cotidianos revelam diálogos e transações sobre a identidade, aspirações, *status* e cultura, dentre outros aspectos.

Desse modo, o cotidiano é discutido em face de diversas perspectivas, sendo que sua compreensão avança para além de acontecimentos diários ou rotineiros. O mesmo é visto como uma forma de conhecer e analisar a realidade social, evidenciando a dinâmica dos processos de acomodação e mudança social (Levigard & Barbosa, 2010). Alguns teóricos do cotidiano defendem a sua compreensão de maneira reflexiva, destacando-se as contribuições de Henri Lefebvre, Agnes Heller e Michel de Certeau.

Dentre as perspectivas dos autores mencionados, a perspectiva de Michel de Certeau, especificamente a apresentada nos dois volumes de *A invenção do Cotidiano*, é adotada para a realização desta pesquisa. Diferentemente dos outros teóricos, que buscam representar a totalidade das relações sociais em contextos revolucionários, por meio da influência marxista, Certeau promove a criatividade humana, incluindo o consumo (Paterson, 2006). Para tanto, Certeau acredita na capacidade do mais fraco, o homem ordinário que se movimenta taticamente perante as estratégias do forte. Por meio desses movimentos, Certeau defende a criatividade das pessoas ordinárias, que ocorre a partir das sutilezas de uma maneira própria perante ao que é estabelecido.

Por esse motivo, abro espaço para citar uma nota anônima, que Highmore (2006) recebeu enquanto escrevia seu livro. Essa nota retrata de forma clara e sucinta quem é Certeau e, conseqüentemente, deixa claro o porquê de utilizar seus estudos como base teórica para essa pesquisa. A carta dizia:

In a field [cultural studies] overly enamored of the contemporary, de Certeau offers the historian's detailed appraisal of the past. In a field obsessed with the local, de Certeau offers itineraries to elsewheres. In a field where culture tends to be synonymous with the US model, de Certeau points to the other. In a field awash in the ordinary, de Certeau grasps the singular. In a field beset with nihilism, de Certeau evokes abiding faith in human history. In a field associated with celebrity stardom, de Certeau provides beguiling self-effacement (Highmore, 2006, p. xii).

Nesse sentido, assim como Highmore (2006) defende e é convergente à habilidade de acreditar no mais fraco, Certeau, oferece relatos substantivos e sensíveis à alteridade da cultura, para ir além da crítica. Para o referido autor, Certeau defende a singularidade, relacionando o cotidiano a circunstâncias particulares. Do mesmo modo, Neubauer (1999) assinala que essas pessoas ordinárias são pessoas comuns que constroem sua vida como um fenômeno

significativo, conectando normas, prescrições e rotinas à noção de utilidade, sentimento de bem-estar e atribuição de significados (Certeau, 2014; Neubauer, 1999).

Para Certeau (2014), o consumo é uma fabricação conforme interesse de quem o consome. Essa fabricação está relacionada a uma produção por parte do consumidor, uma fabricação daquilo que é disseminado e defendido pelas imagens televisivas, comerciais ou jornalistas e pelo uso do espaço urbano. A produção, qualificada como consumo, “é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosamente e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (Certeau, 2014, p. 39). A criatividade no consumo cotidiano implica que há uma produção nos atos e processos de consumo, segundo complementa Paterson (2006).

Ward (2000) destaca que a atenção está voltada para as diferentes produções, que do ponto de vista dos estudos de consumo, são maneiras que remetem a certa resistência e subversão. Do mesmo modo, Leite (2010) e Highmore (2006) concordam que a perspectiva de Certeau tem caráter sutil e heterodoxo, posto que o cotidiano é definido além de regularidades, mas constituídos por procedimentos a partir de situações vividas. Em vista disso, Certeau (2014) volta-se para a forma como esse homem ordinário (o usuário) apropria-se ou reapropria-se, por meio de suas diferentes maneiras de fazer, daquilo que lhe é oferecido, ou seja, as suas operações e os seus usos individuais. Trata-se, portanto, “de esboçar uma teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as maneiras de fazer”, muitas vezes denominadas como resistências (Giard, 2014, p. 16).

Aqui abro parênteses para expor que resistência, na compreensão que Certeau defende, se refere à subversão e teimosia, que derivam de uma inventividade. Ao contrário de encarar resistência como um opositor agressivo e revolucionário, ou até mesmo atribuindo o termo como uma conotação heroica, aqui, a resistência remete a impossibilidade de a vida cotidiana ser definida e totalmente imposta por um sistema (Highmore, 2006).

Mas, voltando ao cotidiano, o que vem a ser o cotidiano? Qual a perspectiva de Certeau?

O cotidiano, muitas vezes, nos remete a algo como uma rotina ou como uma continuidade de ações diárias. Entretanto, é necessário aprofundarmos essa compreensão, uma vez que o cotidiano é compreendido por meio dos “processos de interações entre sujeitos, artefatos e demais aspectos materiais e simbólicos da sociedade” (Oliveira, 2014, p. 33). Essas interações ocorrem por meio dos processos de produção e apropriação dos espaços sociais, efetivando as práticas cotidianas dos sujeitos (Oliveira, 2014).

Ao buscar compreender a visão de Certeau quanto ao cotidiano, depreende-se que o autor discute as subversões e resistências da vida cotidiana, devendo considerar três níveis de análise, como: as modalidades da ação, as formalidades das práticas e os tipos de operações quanto as maneiras de fazer o cotidiano (Certeau, 2014). Conforme o autor, o interesse não é esboçar um molde padrão para compreender o conjunto das práticas, mas por meio da especificação de esquemas, buscar por categorias comuns que são possíveis para explicar tais práticas. Para tanto, Certeau, Giard e Mayol (2013, p.31) apresentam o cotidiano como

[...] aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...]. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. [...].

Dessa forma, Certeau (2014) defende discutir o cotidiano por meio de sua produção pelos indivíduos, destruindo o caráter de passividade dos mesmos frente a sociedade. Considerando que as interações entre os indivíduos constituem o cotidiano e que os processos de produção e apropriação ocorrem nos espaços a partir dessas interações, para Certeau (2014) nenhum espaço social pode ser instalado na certeza da neutralidade.

Isso é melhor compreendido a partir das práticas, consideradas como as maneiras de fazer. As maneiras de fazer, que se referem às “mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado”, ou seja, a forma como o usuário ressignifica as estruturas ou os modelos de consumo, modificando e criando o seu próprio cotidiano (Certeau, 2014, p. 33). Conforme complementa Highmore (2006), essas práticas são silenciosas, invisíveis, heterogêneas, tortuosas e teimosas. Por isso, essas práticas colocam em jogo “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (Certeau, 2014, p. 41).

Essa é a criatividade cotidiana, procedida por “maneiras de fazer”. A criatividade é marcada pela invenção cotidiana, onde Certeau (2014) aponta que o que precisa ser identificado é “o como se cria”, por meio das práticas cotidianas das pessoas ordinárias. Os indivíduos não são meros multiplicadores de ordens a eles atribuídas, mas criam, silenciosamente, sua própria história a partir de suas práticas do cotidiano, no interior das estruturas formais pré-estabelecidas (Certeau, 2014; Gouvêa & Ichikawa, 2015). Assim como defendido por Highmore (2006), da mesma forma que é difícil imaginar formas de sociabilidade fora de suas regras estabelecidas, também é difícil imaginar a vida social redutível à essas regras.

As práticas cotidianas são operações e manipulações que subvertem a compreensão conceitual padrão sobre serem uma rotina ou uma regularidade (Leite, 2010; Certeau, 2014). Para Certeau (2014) as práticas cotidianas são/estão interdependentes, sendo difícil a delimitação e que pode ser denominado como procedimentos. As práticas cotidianas seguem percursos diferentes uns dos outros, podendo encontrar entre esses percursos e entre essas práticas, conexões mais do que uma linguagem comum. São práticas que não compõem um sistema, mas organizam trânsitos mútuos (Certeau, 1985).

Pode parecer simples, mas não o é, quando Certeau (1985, p. 2) defende que devemos “encarar as práticas cotidianas enquanto práticas”, atentando-nos ao que diz respeito sobre “à maneira de pôr em prática esse lugar, esse rito ou essa representação”. Em outras palavras, importa analisar as práticas cotidianas como uma lógica de práticas, posto que o fundamental não é o que o sujeito come, percorre ou assiste, mas o que é feito ou que se fabrica com o que se come, percorre ou assiste (Certeau, 1985). Conforme defendido pelo autor, o que envolve as práticas cotidianas é uma valorização, ou seja, é um esforço para interpretação dessa “antropofagia praticada pelo consumidor”, que por meio do ato do consumo utiliza para interesse próprio uma norma que lhe é objetivamente imposta.

No sentido da perspectiva das práticas cotidianas, Certeau (1985) destaca três elementos fundamentais: o caráter estético, o caráter ético e o caráter polêmico. O caráter estético é determinado pela questão do estilo, ou seja, a maneira de utilizar uma ordem imposta. Nesse ponto, Certeau (1985) chama a atenção que o objetivo não é analisar as práticas cotidianas na qualidade de elementos sobre a vida social e econômica dos sujeitos, mas como uma arte de fazer, traduzida por meio de um ato, e não somente a partir de um discurso. O caráter ético é a recusa à identificação com a ordem determinada, posto que as práticas abrem espaço para a criatividade das ações. O caráter polêmico é apontado por meio de intervenções em uma relação de força, de forma a contornar o mais forte (Certeau, 1985).

Por isso, o que fundamenta essa perspectiva da *Invenção do cotidiano* é o deslocamento do “consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos” (Giard, 2014, p. 12). As pessoas ordinárias são criativas, inventam para si mesmo uma maneira própria, inventam o seu cotidiano. Certeau faz-se por convencer de que existe as sutilezas e aquilo que está por invisível no cotidiano que nos pressiona e nos oprime dia após dia. É no invisível do cotidiano que o homem ordinário tem à sua maneira de subverter e resistir ao que é imposto (Certeau et al., 2013). As pessoas ordinárias enquanto usuárias fazem uma “bricolagem com e na economia cultural dominante, usando

inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras” (Certeau, 2014, p. 40).

Para tanto, Certeau (2014) distingue as práticas entre dois conjuntos de formalidades: táticas e estratégias, posto que essas práticas são realizadas por meio das relações de poder e forças presentes no espaço. Porém, anteriormente a compreensão desses dois conceitos, abro espaço para “noção de próprio”, que Certeau (2014) utiliza. O próprio é uma “vitória do lugar sobre o tempo”, conforme Certeau (2014, p. 94) apresenta, o que se assemelha a uma demarcação espacial, carregado de poder e decisões próprias, capaz de garantir legitimidade (Leite, 2010; Shimada, 2015). Essa conquista do lugar próprio é o que Certeau (2014, p.94) compreende como aquilo que possibilita “capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação à variabilidade das circunstâncias”. Por outrossim, o lugar próprio possibilita a prática panóptica, ou seja, proporciona o domínio dos lugares pela vista, sendo esta uma forma de prevenção e antecipação quanto ao tempo e ao espaço. Além disso, o próprio também confere o poder de saber, o que Certeau (2014, p. 94) afirma como “um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio”. Como exemplo, o referido autor cita as estratégias militares ou científicas, que emergiram a partir de campos próprios.

Dito isso, percebe-se que a noção de próprio é de essencial importância para a compreensão da distinção entre táticas e estratégias. As estratégias remetem à habilidade de produzir e impor uma ordem, aquilo que é formalmente estabelecido, conforme Certeau (2014, p. 93) conceitua como:

o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como algo *próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc) [...].

Contrariamente as estratégias, as táticas são trajetórias indeterminadas, que circulam entre as brechas de uma ordem estabelecida, marcadas pela ausência do poder dominador (Certeau, 2014). Nesse sentido, Certeau (2014, pp. 94-95) defende a tática como uma

[...] ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. [...]. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas.

Sendo assim, sem lugar próprio, determinada pela ausência de poder, a tática é a astúcia, “a arte do fraco”, da mesma maneira que a estratégia “é organizada pelo postulado de um poder” (Certeau, 2014, p. 95). A distinção entre táticas e estratégias está nos tipos de operações, conforme exemplificado por Certeau (2014), por um lado, as estratégias estão relacionadas ao ato de produzir, mapear e impor. Por outro lado, as táticas empregam o ato de manipular, alterar e transformar a realidade (Neubauer, 1999), que constituem muitas práticas cotidianas, carregadas de pluralidade e criatividade, procedidas por suas próprias operações. De modo a complementar, destaco um trecho que Certeau (2014, p. 9) escreve:

as estratégias apontam para a resistência que o *estabelecimento de um lugar* oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.

Conforme Yilmaz (2013) a invenção do cotidiano emerge dessas táticas do homem ordinário, que desenvolve diariamente e criativamente suas lutas silenciosas, sem a intenção de conquistar *status* ou interromper algum contrato social imposto (Shimada, 2015; Souza Filho, 2002). A estratégia advém de uma ordem postulada de um poder, por essa razão possui um lugar próprio, delimitado e estável. Já a tática é dependente do tempo e do contexto, utilizando esse lugar próprio para (re)inventar um espaço para si mesmo, sendo esse espaço um lugar praticado e produzido, fruto das dinâmicas de movimentos ou operações dos indivíduos ou grupos. Essas práticas cotidianas são do tipo tático, como: falar, morar, cozinhar, circular, dentre outras, que representam as características das astúcias e das surpresas táticas, como uma forma de apropriação do espaço social, de modo a (re)inventar o cotidiano (Certeau, 2014).

Nesse ponto, cabe ressaltar que a compreensão do conceito de apropriação, por Michel de Certeau, tem notável contribuição às análises sociais (Neubauer, 1999). Convergentemente, Highmore (2006) assinala que a essência [ou o crucial] das práticas cotidianas, de Certeau, são construídas à volta dos atos de apropriação e reapropriação, posto que as astúcias, as teimosias e as invisibilidades de tais apropriações caracterizam as operações dos indivíduos.

A partir da posição de Certeau quanto à relação entre estratégia e tática, o conceito de apropriação pode ser distinguido em duas formas de aceitação, conforme Neubauer (1999) exemplifica. Na primeira, a apropriação remete à uma estratégia de dominação cultural, o que resulta em uma forma de aculturação, impondo um sistema e significados que emergem a partir do mais forte. Já na segunda aceitação, a apropriação refere-se a uma tática de lidar com a realidade, o que Neubauer (1999) atribui como uma forma de sobrevivência cultural em um ambiente social. Nessa segunda aceitação, a compreensão de apropriação torna-se o propósito, a rota do caçador furtivo, que Certeau (2014) denomina. A noção de apropriação refere-se à

transformação e adaptação a padrões recebidos, sendo assim, a maneira pela qual os sujeitos receptores fazem as coisas e criam ideias próprias, ou seja, uma forma de comunicação (Neubauer, 1999).

Conquanto, conforme Neubauer (1999), essa segunda noção de apropriação não elimina a disciplina social, mas é o oposto. O choque entre apropriação e o que é imposto, seja por autoridades políticas, religiosas ou culturais, é a interface entre táticas e estratégias. A apropriação torna a estratégia compreensível, humanizando o processo de transferência cultural e restaurando a nossa compreensão histórica, segundo destaca Neubauer (1999). Dessa forma, podemos observar que a prática de apropriação advém da atribuição de significados, que é particular a cada sujeito.

Ainda, conforme já evidenciei, as práticas cotidianas devem ser compreendidas como operações, ou seja, suas maneiras de fazer, assim como postulado por Certeau (2014). Mas, se olharmos a superfície do horizonte, com um olhar totalizador, não conseguiríamos ver a estranheza que existe no cotidiano, estranheza essa que não perpassa pela superfície visível. Certeau (2014, p. 159) defende que em um espaço geométrico de construções visuais, panópticas ou teóricas, há essas práticas estranhas, ou seja, as práticas do espaço que se referem “a uma forma específica de ‘operações’ (‘maneiras de fazer’), a ‘uma outra espacialidade’ (uma experiência ‘antropológica’, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade *opaca e cega* da cidade habitada”.

Assim sendo, as práticas de espaço são analisadas por Certeau (2014) a partir da distinção que o mesmo estabelece entre lugar e espaço. Porém, é importante compreender que a discussão de Certeau (2014) quanto à lugar e espaço é diferente das discussões na Administração, Geografia e Antropologia (Buchanan, 2000). Para Certeau (2014), do mesmo modo que o lugar é fragmento, estabilidade e dimensão material, não é, necessariamente, físico, uma vez que a sociedade também é construída pelos discursos materializados nas linguagens (prática da linguagem – *speech act*) (Certeau, 1985; 2014; Oliveira, 2014).

Dessa forma, conceito de lugar se refere à uma ordem de distribuição de elementos nas relações de coexistência, predominando a lei do “próprio”. Isso porque os elementos se encontram uns ao lado dos outros, mas cada um localizado em um lugar “próprio” e distinto que define. Por isso, Certeau (2014, p. 184) assinala o lugar como “uma configuração instantânea de posições”, indicando estabilidades. No que se refere à espaço, Certeau (2014, p. 184) conceitua como “o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais”.

Conforme exposto por Oliveira (2014, p. 34), o espaço é incompletude e incoerência, “onde a mobilidade das relações de forças possibilita aos sujeitos ‘jogarem’ no cotidiano com base em seu potencial criativo, desviando das trajetórias estabelecidas”. Entender o espaço como mobilidade remete à capacidade de ação dos sujeitos sociais quanto às análises do cotidiano, que tem como base a estrutura da sociedade. “Em suma, o espaço é um lugar praticado” [pelos sujeitos], segundo resume Certeau (2014, p. 184). Discutir lugar, na perspectiva de Certeau (2014), remete a “produção das relações de força na sociedade”, o que se faz por compreender a importância do discurso em suas análises, em razão de que a linguagem não é o objeto dos discursos, “mas a heterogeneidade dispersa no espaço social” (Oliveira, 2014, p. 41).

Ainda a respeito do cotidiano, Certeau et al. (2013) observam as práticas culturais dos usuários da cidade no espaço do seu bairro. Conquanto, antes de aprofundar a discussão quanto ao assunto de práticas de espaço, trago a compreensão sobre a cidade, ressaltando o que Certeau (2014) argumenta sobre tal. Conforme o referido autor, devemos considerar que a cidade serve como um marco para as estratégias (socioeconômicas e políticas). Mas, é possível apreender as táticas, uma vez que “a linguagem do poder ‘se urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico” (Certeau, 2014, p. 161). Apesar das estratégias dos mais fortes, a cidade não é mais um campo de operação programadas e controladas, posto que as astúcias e as combinações (táticas) se proliferam por meio dos discursos dos mais fracos.

Assim, consideram os bairros como constituintes da cidade, o bairro é compreendido como “um domínio do ambiente social, pois ele se constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido” (Certeau et al., 2013, p. 40). Nessa fração do espaço urbano, o bairro passa a ser considerado um “*espaço privado particularizado*”, devido ao uso cotidiano do mesmo (Certeau et al., 2013, p. 40). Isso decorre de alguns elementos práticos, como os processos de reconhecimento quanto ao lugar e vizinhança e por ser o *habitat* fixo dos usuários, que resultam em campos de exploração para a busca pela compreensão da vida cotidiana.

As táticas moldam a noção de bairro, posto que “o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou o seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano”, como forma de privatização do espaço público, ou seja, apropriando-se e transformando esse espaço em um lugar de reconhecimento (Certeau et al., 2013, p.42). Para os autores, a noção de bairro advém de uma progressiva

aprendizagem, que se desenvolve diante a repetição do engajamento do usuário no espaço público, resultando na apropriação.

Observa-se, então, que o bairro é um espaço social que evidencia os elementos do cotidiano, organizados conforme dois registros, sendo: os comportamentos e os benefícios simbólicos que se espera obter. Os comportamentos são visíveis no espaço social da rua por meio de códigos de condutas desenvolvidos (saudações, palavras amistosas), o ritmo de caminhar, o modo de se vestir e valorização ou não determinados espaços públicos. Os benefícios simbólicos referem-se ao que se espera obter conforme o comportamento no bairro. Esses benefícios estão instaurados na base de tradição cultural do usuário, tornando-se visível por meio do modo como o espaço público é consumido (Certeau et al., 2013).

De modo complementar, o bairro é como “uma organização coletiva de trajetórias individuais”, como um espaço de saberes e de identidade representado por uma convenção coletiva tácita compreendida por todos os moradores por meio dos comportamentos (Certeau et al., 2013, p. 46). Diante disso, verifica-se a regulação da conveniência, um contrato implícito, articulando os dois registros no terreno do simbólico. Em outras palavras, a contribuição de cada um para que seja possível a vida cotidiana, pois o bairro é um lugar onde se manifesta um “engajamento” social. A conveniência é compreendida como “um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados” (Certeau et al., 2013, p. 39). Diante desse contrato de conveniência, os indivíduos criam suas próprias maneiras e o seu próprio cotidiano.

Em vista do que foi discutido até aqui, observo que a compreensão sobre o cotidiano, a partir da visão de Certeau (2014) e Certeau et al. (2013), engloba o jogo de táticas e estratégias, avançando para além de uma noção do cotidiano como algo rotinizado, seja por meio de normatividades, papéis sociais ou intersubjetividades (Leite, 2010). Devemos pensar o cotidiano quanto as táticas e estratégias, para compreensão dos demais conceitos que constituem essa discussão teórica.

2.4 Os idosos e o envelhecimento: uma aproximação com os atores da pesquisa

Dedico o último tópico desse capítulo, que denomino como base teórica, para discutir sobre os idosos e o envelhecimento, de forma a complementar teoricamente o que fundamenta

essa pesquisa. Pensando nisso, Barnhart e Peñaloza (2013) discorrem sobre a constituição e reprodução no discurso e na prática quanto aos grupos sociais, que de certo modo alguns são caracterizados como superiores ou inferiores em comparação a outros. Isso ocorre, de forma similar, com os grupos etários.

Conforme Barnhart e Peñaloza (2013) sintetizam, no início dos anos 1900, o envelhecimento era caracterizado, pela comunidade médica, como uma patologia, devido à perda do funcionamento físico e mental. Entre os anos 1940 e 1950, os médicos gerontologistas discriminaram os idosos, preocupando-se com o que a sociedade deveria fazer com o “problema de idosos”. Avançado em dez anos, nos anos 1960, a partir da popularização da teoria de Cumming e Henry (1961), a qual considerava que os idosos se isolavam em preparação para a morte, solidificou-se a ideia da velhice como sinônimo de solidão, assim como associações negativas, relacionadas a vulnerabilidade, doença e dependência financeira (Barnhart & Peñaloza, 2013).

Apesar de atribuições como debilidades físicas, deficiência cognitiva, inflexibilidade, falta de produtividade, senilidade, fragilidade, incompetência e desamparo serem comuns ao caracterizar uma pessoa idosa (Cardinali & Gordon, 2002), já é sabido, ou espero que seja, conforme cito Ballstaedt (2007, p. 9), que “foi-se o tempo em que ser idoso era sinônimo de cadeira de balanço, cestinha de tricô, mau humor e reumatismo”. O conceito de idoso está diretamente atrelado ao envelhecimento, que por sua vez, é um curso universal do ser humano, sendo este iniciado desde a concepção e terminando com a morte (Cortez, et al., 2015). Apesar dessa compreensão, cabe destacar que recebe a atribuição de idoso, conforme Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, 2003), as pessoas com igual ou mais que 60 anos, no caso do Brasil e demais países menos desenvolvidos.

Todavia, os conceitos teóricos sobre o tema podem ser compreendidos a partir de duas posições distintas principais, conforme constataram Dalmoro e Vittorazzi (2016). Sob uma perspectiva, destacam-se os estudos geriátricos, associando os aspectos físicos e psicológicos como limitador físico do envelhecimento. Em contrapartida, assumindo um olhar cultural, o envelhecimento está atrelado a uma construção social, que busca dismantelar a imagem de fim da vida.

Da primeira perspectiva, o envelhecimento, sendo um processo da vida humana, está relacionado à maturidade fisiológica, mudanças estruturais do corpo, psicológicas e mentais do indivíduo (Ballstaedt, 2007; Cortez, et al., 2015). Como consequência, observa-se o comprometimento progressivo de aspectos físicos e declínio cognitivo (John & Cole, 1986; Barnhart & Peñaloza, 2013). Além dos aspectos cronológicos, o envelhecimento engloba

questões biológicas, psicológicas e sociológicas. Destacam-se o valor do indivíduo para o mercado de trabalho, assim como situações emocionais e sentimento de vulnerabilidade (Lee & Geistfeld, 1999), que abrangem desde a aposentadoria, saída dos filhos de casa, possível relação conjugal desgastada ou viuvez. E, em grande parte, tratando especificamente das mulheres, a desvalorização estética do corpo (Ballstaedt, 2007).

Quanto aos aspectos que constituem a perspectiva de uma construção social, Moschis (2012) ressalta as adaptações na vida da pessoa idosa, influenciadas por meio da capacidade de agência, novas experiências de vida e o contexto sócio histórico. Essas adaptações seguem padrões não lineares, depreendendo-se de determinismos, estereótipos e padrões de comportamento quanto identidade etária (Debert, 2004). Contrário à compreensão da vida da pessoa idosa associada como sem sentido, do ponto de vista cultural, esses mesmos indivíduos são instigados a construir novas identidades e papéis sociais, mantendo estilos de vida e sua permanência no mercado de consumo (Barnhart & Peñaloza, 2013; Dalmoro & Vittorazzi, 2016).

Para tanto, associando esses dois termos – idosos e envelhecimento – trago a relação com o tempo. “Afinal de contas, para a sociedade, o que é um idoso senão alguém que viveu muito tempo?” (Correa, 2009, p. 88). Não querendo adentrar em diferentes aspectos que a discussão do tempo pode se desdobrar, como o tempo ser um capital e ter um valor, a instantaneidade que norteiam as ações humanas, a efemeridade e a brevidade dos contatos entre as pessoas, destaco os aspectos do tempo quanto à velhice. A questão do tempo, diferente em outras idades, está vigorosamente presente na velhice, posto que cada vez mais aproxima-se do destino certo da morte, conforme destaca Correa (2009).

O período da velhice, por um lado, segundo Correa (2009), acarreta em perdas quanto ao corpo, como, por exemplo, o viço da pele, fios de cabelo, redução da sensibilidade dos sentidos, dentre outras. Considerando nossa contemporaneidade, a relação do homem com o tempo tem consequências na velhice. Há uma idolatria ao corpo jovem, e uma recriminação e desaprovação quando ao “velho”. Além disso, o tempo na velhice é remetido a uma questão de ociosidade, como sinônimo de muito tempo vago no dia a dia, como consequência da aposentadoria, que expressa o fim das atividades do papel social de trabalhador, associando a ideia de improdutividade, empobrecimento, declínio, dentre outras (Correa, 2009).

Por outro lado, o tempo na velhice é sinônimo de sabedoria, conhecimento e experiência de vida. Nessa concepção, o idoso é aquele que ainda está se desenvolvendo, ensinando e atualizando o passado à sua maneira (Correa, 2009). Essa contradição, se é que posso assim

chamar, é o que Beauvoir (1990, p.469) menciona como que “num mesmo movimento, o tempo nos dá e nos rouba o mundo”.

Em vista disso, de forma a ressignificar essas concepções, existe o que conhecemos como a terceira idade, que se posiciona de forma diferente quanto a identidade etária do idoso e se aproxima mais do ritmo, atividades e exercícios que presenciamos na contemporaneidade (Correa, 2009; Goldenberg, 2014). O conceito de terceira idade emerge da inversão de valores atribuída a velhice. O que era antes entendido como invalidez, solidão e isolamento, dentre outras características, conforme apresentei anteriormente, passou a ter como significado a criação de novos hábitos e práticas de lazer, cultivação dos laços afetivos e demais aspectos (Silva, 2008).

Nesse sentido da terceira idade, há diferentes interpretações quanto ao conceito. Se por um lado consideram a categoria terceira idade como uma estratégia de mercado, para explorar o potencial de compra com a aposentadoria (Correa, 2009), por outro lado consideram como sinônimo do aumento da expectativa de vida e do distanciamento de uma fase de privações e decadência (Goldenberg, 2014). Para aqueles que defendem a primeira interpretação, a preocupação com a categoria da terceira idade remete à uma valorização quanto à importância econômica, e não como um progresso que emergiu de reivindicações para melhoria das condições de vida (Correa, 2009). Já a segunda, olha para os avanços da medicina, que além de resultar nessa reorganização social – a terceira idade –, proporciona a inserção do idoso no convívio social, avançando para além de um aspecto cronológico (Barnhart & Peñaloza, 2013). Ademais, por meio desse entendimento, a longevidade passa a ser apreciada, almejada e desejada, não só o que remete ao valor de mercado, mas pela felicidade e alongamento da vida, proporcionando desfrutar da vida de forma mais produtiva e saudável (Ballstaedt, 2007).

Ainda quanto a longevidade, observam-se investimentos em ações e estratégias de políticas públicas quanto a proteção ao idoso, desenvolvidas por meio de diversas leis, resoluções e decretos, dentre esses, o já mencionado, Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, 2003), e outras, como: Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) (Lei n. 8.742, 1993); Política Nacional do Idoso (Lei n. 8.842, 1994); Política Nacional da Assistência Social (Resolução n.145, 2004); Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa (Brasil, 2014); Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Portaria n. 2.528, 2006); Fundo Nacional do Idoso (Lei n. 12.213, 2010); Compromisso Nacional para o Envelhecimento Ativo (Decreto n. 8.114, 2013); Plano de Ações Estratégicas para o Enfrentamento das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) no Brasil, 2011-2022 (Brasil, 2011); Plano de ação internacional sobre o envelhecimento (Organização das Nações Unidas – ONU, 2003) . Posto isso, observo que as

demandas da população idosa passam a constituir a agenda de ações públicas governamentais, incentivando o envelhecimento saudável e ativo - conforme os próprios órgãos governamentais caracterizam (Willig, Lenardt & Méier, 2012).

Assim sendo, aproximando-me mais da visão cultural e assumindo essa interpretação, acredito que devemos compreender a pluralidade de experiências, que decorre com o tempo e de forma diferente para cada uma das pessoas, conforme ficamos mais velhos, mas que não nos limita a recriação de identidade e estilo de vida. Conforme argumentam Logan, Ward e Spitze (1992), a idade, que é inerente ao envelhecimento, não remete somente ao conceito cronológico, mas ao significado cultural dessa mesma idade, assim como a apreensão da autoimagem e ao sentimento de cada indivíduo.

De modo complementar, ressalto a compreensão do idoso como um agente ativo na sociedade, e para tanto, no que concerne ao mercado e, conseqüentemente, suas práticas de consumo. Tais práticas constituem-se de forma central na criação e manutenção social do indivíduo idoso, assim como influenciam e são influenciadas pelo mesmo (Dalmoro & Vittorazzi, 2016). Por isso, a compreensão da subjetivação do idoso enquanto consumidor, uma vez a que a construção e afirmação identitária tem como base o consumo (McCracken, 2003).

Além de todos os aspectos que constituem o envelhecimento, conforme já discutido, as relações sociais, profissionais e familiares também são influenciadas pelo aumento da idade, o que também interfere no consumo de produtos e serviços do consumidor idoso (Pak & Kambil, 2006). Em um sentido distinto, se comparado a gerações anteriores, a população idosa atual não tem tanta preocupação em deixar herança para os filhos, por exemplo, uma vez que a preocupação maior está em desfrutar a vida, preocupam-se com a aparência, e assim sendo, tem desejos por comprar bens e serviços (Myers & Lumbers, 2008).

Por fim, considerando o contexto teórico exposto até aqui e adotando os idosos como atores da pesquisa, busquei fornecer um pano de fundo a partir de estudos de cultura de consumo, que emergem da concepção e perspectiva pós-modernista articulando com a compreensão da teoria das práticas cotidianas, sob a ótica de Michel de Certeau. Considerando o consumo como uma dimensão social complexa e multifacetada, a compreensão desse arcabouço teórico e conceitual fundamentam a escolha e orientação metodológica, assim como os achados que emanam da pesquisa empírica.

3 Procedimentos metodológicos

Ao buscar aproximar os conceitos teóricos apresentados com a pesquisa empírica realizada, organizo esse capítulo de forma a apresentar os aspectos metodológicos que envolveram o trabalho de campo, visando alcançar o objetivo inicialmente proposto. No primeiro momento, apresento uma breve explanação sobre a concepção ontológica e epistemológica, seguida do delineamento da pesquisa. Na sequência, os procedimentos metodológicos adotados são detalhados quanto ao *lócus* de pesquisa, preparação para entrada no campo, o trabalho de campo e a forma de análise e interpretação do *corpus* de pesquisa. Apresento os argumentos que constituem os aspectos de validade e confiabilidade da pesquisa. Por fim, de forma a complementar a descrição dos entrevistados, descrevo um breve resumo sobre os mesmos.

Como característica desta pesquisa, destaco a concepção interpretativa com a qual realizei a mesma. Por isso, busco evidenciar e detalhar o percurso empírico e contexto de pesquisa, de forma a avançar e contribuir com as construções conceituais dentro da área de cultura de consumo.

3.1 Concepção ontológica e epistemológica

De forma inicial, anterior à apresentação do percurso metodológico realizado para a condução dessa pesquisa, destaco que esta pesquisa está pautada na perspectiva interpretativista, conforme já pôde ser observado com o decorrer da leitura. De acordo com Burrell e Morgan (1979), no interpretativismo, a realidade é socialmente construída por meio das interações dos indivíduos, a partir da linguagem e das práticas sociais, em um determinado contexto cultural e social. A preocupação está em explicar o mundo como é e em compreender a natureza na condição subjetiva (Burrell & Morgan, 1979).

Tadajewski (2006), convergentemente, afirma que o interpretativismo admite que a realidade é socialmente construída, e adiciona que a mesma é vista como holística, múltipla e contextual, conferindo isso aos pressupostos ontológicos. De modo complementar, epistemologicamente, do ponto de vista interpretativo, a realidade social não é vista externamente e objetivamente, mas por meio da experiência vivida (Tadajewski, 2006).

Em vista disso, para compreender um fenômeno partindo dos pressupostos do paradigma interpretativista, preoquei-me em compreender a realidade dos indivíduos estudados a partir de suas perspectivas, e como os mesmos constroem suas realidades (Hopkinson & Hogg, 2006), assim como os significados intrínsecos em suas falas e argumentos (McCracken, 1988). De modo convergente, Hudson e Ozanne (1988) pontuam o fato de ser necessário que o pesquisador compreenda o contexto em que o mesmo ocorre, posto que os indivíduos constroem a realidade e atribuem significados à essa mesma realidade. A compreensão dessa realidade decorre da interação entre pesquisador-pesquisado. Ao conhecer as interpretações do indivíduo consumidor quanto aos significados subjetivos sobre determinado produto, serviço ou experiência, é possível aprofundar a compreensão das relações individuais e sociais determinantes no contexto do consumo (Sauerbronn, Cerchiaro & Ayrosa, 2011).

Por isso, assim como Thomas (1997) defende, destaco que ao considerar uma perspectiva interpretativista e uma posição pós-modernista, onde a realidade é subjetiva e socialmente construída, o observador é parte do que está sendo observado. Essa perspectiva vai ao encontro da perspectiva dos estudos de cultura de consumo, uma vez que considera o consumidor como um produtor de significados, assim como apresentei anteriormente.

Deste modo, a análise do que é pesquisado avança além do que é consumido, mas de forma a compreender como as práticas de consumo ocorrem em determinado contexto, que são historicamente construídas por meio das interações entre os indivíduos, que criam suas maneiras de fazer (Certeau, 2014; Firat & Venkatesh, 1995; Arnould & Thompson, 2005). Esses indivíduos tornam-se participantes ativos da pesquisa, guiando o processo de investigação e fornecendo informações (Sauerbronn, Cerchiaro & Ayrosa, 2011). Para tanto, buscando absorver e compreender as sutilezas dessas práticas, as abordagens metodológicas dinâmicas e criativas são importantes para a coleta e, posterior, interpretação do *corpus* de pesquisa (Hackley, 2003). Essas, por sua vez, serão mais bem explicadas adiante.

3.2 Delineamento da pesquisa

Alinhada com a perspectiva interpretativista em Marketing, a presente pesquisa tem natureza qualitativa (Tadajewski, 2006), uma vez que investiguei um fenômeno social relacionado às práticas de consumo e (re)invenção cotidiana dos idosos que frequentam as

AALs. Busquei compreender, por meio de depoimentos dos sujeitos envolvidos, assim como suas narrativas, significados atribuídos e contextos identificados com base nos aspectos da realidade que emergem a partir do comportamento e interações dos sujeitos pesquisados (Vieira, 2004; Dezin & Lincoln, 2006).

Conforme Dezin e Lincoln (2006, p. 23) salientam, o pesquisador qualitativo busca realçar “o modo como a experiência social é criada e adquire significado”, enfatizando a natureza dos valores investigados e compreensão dos mesmos. Por isso, para a melhor execução da presente pesquisa, preocupe-me em obter as informações com descrições detalhadas das pessoas, lugares e processos interativos (Goldenberg, 2011), por meio do meu contato direto, enquanto pesquisadora, com o contexto a ser estudado, buscando a compreensão dos fenômenos conforme perspectivas e concepções dos atores participantes do estudo, explicando a dinâmica das relações sociais (Arnould, Price & Moisio, 2006). Essa relação, que procurei estabelecer de forma harmoniosa, com os idosos que frequentam as AALs foi importante para demonstrar minha credibilidade aos mesmos (Creswell, 2007).

A pesquisa de natureza qualitativa está em consonância com o suporte teórico sobre a orientação pós-moderna, tal como com o caráter de pesquisa utilizado por Certeau (2014) e Certeau et al. (2013). A pesquisa ocorreu a partir das narrativas dos indivíduos e, dessa forma, o interesse está nas “operações e [n]os usos individuais, suas ligações e trajetórias variáveis dos praticantes” (Certeau, 2014, p. 15). Em outras palavras, o sentido foi o de não ficar na superfície do homogêneo, mas captar como os desdobramentos, que emergem a partir da (re)invenção do cotidiano dos idosos usuários das Academias ao Ar Livre refletidos por meio das práticas de consumo dos mesmos.

Em adição, para a realização da pesquisa proposta, a abordagem descritiva foi adotada, uma vez que a mesma possibilita ao pesquisador conhecer a comunidade, seus traços característicos, seus sujeitos e problemas, descrevendo-os com exatidão (Dezin & Lincoln, 2006). Esse tipo de investigação é justificado visto que um dos objetivos propostos é descrever criteriosamente as práticas cotidianas dos usuários, especificamente os idosos, das AALs existentes na cidade de Maringá-PR, assim como a realidade dos sujeitos envolvidos, mostrando a relação do fenômeno quanto às práticas de consumo.

3.3 Locus de pesquisa

A realização da pesquisa ocorreu no município de Maringá, localizado na região Noroeste do Estado do Paraná, distante aproximadamente 430 km da capital Curitiba, conforme é possível observar no mapa apresentado a seguir (Figura 2). Com extensão territorial de 486,433 km², o município tem uma população atualmente estimada em 406.693 pessoas. Isso representa um crescimento populacional de aproximadamente 14% comparado com o Censo 2010, que indicava a população maringaense com 357.077 pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2017).

Maringá está entre os três municípios mais populosos do estado e ocupa a 63^o posição em relação ao país (IBGE Cidades, 2017). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) do município é 0,808, situando-se na faixa de Desenvolvimento Humano Muito Alto (IDHM entre 0,800 – 1) (Atlas Brasil, 2013). A longevidade é atribuída como o aspecto de maior contribuição para o IDHM, com índice de 0,852, seguida de renda e educação, com índices de 0,806 e 0,768, respectivamente (Atlas Brasil, 2013).



Figura 2. Mapa político do estado do Paraná
Fonte: adaptada de IPARDES (2017)

A escolha do município ocorreu, no primeiro momento, por motivo de conveniência (Vergara, 2008), posto que é o meu local de residência. A segunda razão que justifica a escolha remete ao fato de a primeira instalação de Academia ao Ar Livre ter sido em Maringá, sendo cidade pioneira na implantação de tais academias no país (Nardi et al., 2013). Desde 2006, ano de instalação da primeira AAL, diversas outras academias foram instaladas nos bairros do município e distritos. Atualmente, existem 62 AALs no município de Maringá.

Consoante às estatísticas nacionais, conforme apresentei anteriormente (capítulo 1 – Introdução), a população de Maringá também se apresenta mais envelhecida, devido ao aumento de idosos. Até 1980, a população idosa representava 4,0% e em 2012 representava 7,4%. Quanto à expectativa de vida no município, até o ano 2010 estimava-se em 76,1 anos, um aumento comparado à expectativa de 68,5 anos em 1991 (Atlas Brasil, 2013).

Ademais, ao identificar as localizações das AALs e suas respectivas regiões municipais, algumas condições socioeconômicas podem ser destacadas, como condições de vida, atendimentos de órgãos assistenciais e recebimento de benefícios por meio de programas de transferências de renda. A região Sul de Maringá se destaca com os melhores indicadores, conforme Diagnóstico Social desenvolvido para Prefeitura do município. O indicador de extrema pobreza nessa região é de aproximadamente 0,20%, diferentemente das demais regiões como a Leste, Oeste e Norte. Nessas últimas, o percentual de pessoas em extrema pobreza chega a 0,86%. Isso justifica a maior demanda de atendimentos de órgãos assistenciais e famílias atendidas por programas de transferências de renda, a exemplo do Bolsa Família. Dentre cada dez mil famílias, cerca de 80 famílias, nas regiões Leste, Oeste e Norte são atendidas por esses programas.

3.4 Trabalho de campo

Como característica da pesquisa qualitativa, conforme compartilho a visão de Vieira (2013), a presença do pesquisador em campo é um tanto quanto imperativa. Conforme o mesmo autor, o contato direto com o método, procedimentos, instrumentos e sujeitos a serem investigados constituem a experiência da jornada de tal pesquisa. Para tanto, fui a campo de forma a buscar informações que me permitissem atingir o objetivo proposto para a realização desta dissertação.

As técnicas de coletas de informações utilizadas, que constituem o *corpus* de pesquisa, foram, primordialmente, observação participante e entrevistas. Busquei conciliar ambos as técnicas com o objetivo de obter informações de diferentes formas. Mas, todas as informações foram analisadas em conjunto, proporcionando maior confiabilidade à pesquisa, de forma a suprir limitações que podem surgir quando cada método é analisado isoladamente (Creswell, 2007; Hogg & Maclaran, 2008).

3.4.1 Preparação para entrada no campo

Anterior a minha entrada “oficial” no campo, para a realização desta pesquisa, busquei aproximação e vivência no meio das Academias ao Ar Livre, interagindo com as pessoas que as frequentam, especialmente os idosos. Como eu precisava captar as sutilezas das práticas cotidianas e seus desdobramentos no consumo, algo que exige sensibilidade e conhecimento por parte do pesquisador, as experiências iniciais contribuíram para tal.

No primeiro momento, realizei um estudo integrando as abordagens de territorialização e cotidiano, com realidade empírica no espaço de uma determinada AAL da cidade de Maringá-PR, diferentemente desta pesquisa, que avança para além desse espaço e abrange os idosos de diferentes AALs. Apesar de ter definido um objetivo diferente¹, pude compreender as territorialidades cotidianas dos usuários das academias e os movimentos de apropriação e uso, por parte dos mesmos. Essa compreensão inicial contribuiu para com minha aproximação com a literatura sobre a teoria das práticas cotidianas, assim como o contato com os idosos. Além disso, contribuiu para melhor adequação da forma de interação durante o trabalho de campo, que realizei para a presente pesquisa.

No segundo momento, após a realização do estudo, que atribuo como exploratório, busquei conciliar a construção teórica da dissertação com visitas a algumas AALs do município de Maringá-PR. Nesse momento, o objetivo foi observar os movimentos de apropriação e uso, assim como as interações, que ocorriam nos determinados espaços das diferentes Academias. Não tive a pretensão de interagir com as pessoas idosas, porém isso ocorreu. A minha presença

¹ O estudo em referência teve como objetivo compreender como ocorre a territorialização do cotidiano dos moradores de um determinado bairro do município de Maringá – PR, a partir da produção do espaço urbano por meio de intervenções governamentais com a implantação de Academias da Terceira Idade (ATIs). Os resultados foram apresentados no XLI Encontro da ANPAD (Guarnieri, Chagas & Vieira, 2017).

nesses ambientes era notada e isso proporcionou a minha inclusão nas interações que neles ocorriam - como pude perceber e detalharei mais adiante, há grande interação entre os usuários em algumas AALs. Foi possível observar sobre o que e como conversam, como se vestem e como usam os aparelhos, dentre outros aspectos que constituem os movimentos e ações que ocorrem no espaço da academia. Todas essas observações foram registradas no diário de campo e contribuíram para as escolhas das AALs a serem visitadas posteriormente.

Em suma, a preparação para entrada no campo, realizada por meio desses dois momentos, proporcionou maior conhecimento do campo e maior facilidade de acesso e interação com os idosos frequentadores das AALs, que tratarei adiante.

3.4.2 Início formal da pesquisa de campo

O trabalho da pesquisa de campo foi iniciado, formalmente, no dia 07 de agosto de 2017, quando visitei a AAL da Vila Olímpica, na Região Sul de Maringá. Cheguei a Academia no início da manhã, às 7 horas, conforme ocorreu, majoritariamente, em outras visitas. A escolha do período da manhã ocorreu devido ao fato de ser o horário de maior frequência por parte dos idosos. Como pude observar no trabalho de preparação para entrada do campo, raramente encontrei pessoas idosas em horários diferentes do período matutino.

Neste dia tive o primeiro contato com uma senhora, que logo questionou-me sobre o que alguém da área de Administração poderia pesquisar com as pessoas que estavam no espaço da AAL, e ainda completou indagando se eu não deveria estar dentro de uma empresa. Essa situação não foi a única, a exemplo do que ocorreu em outros momentos, quando percebiam a minha presença e perguntavam se eu seria a nova instrutora de atividades físicas.

Durante o tempo de trabalho de campo, participei de atividades contínuas, buscando acompanhar o fluxo das práticas dos idosos que frequentam as AALs, assim como eventos e diferentes momentos, que os mesmos permitiram meu acompanhamento, procurando intensa convivência. Esse trabalho foi realizado diariamente. Quando não estava em alguma AAL, estava em outro evento ou acompanhando um dos meus informantes em outras atividades, as quais eram todas anotadas no diário de campo. Como fator limitante de tempo para realização da pesquisa de campo, decidi, juntamente com meu orientador, encerrar a etapa empírica da pesquisa. O trabalho de campo foi encerrado no dia 27 de setembro de 2017, totalizando cerca de 7 semanas, de pesquisa formal no campo, além do período de preparação para entrada no

campo. A partir de então, meus contatos com alguns informantes, especialmente com aqueles que eu construí um laço de amizade devido à convivência, ocorreram por meio de redes sociais.

O período de trabalho de campo proporcionou que eu conhecesse diferentes bairros da cidade de Maringá. Locais agradáveis e que certamente servem como cartão postal da cidade, que até então, não havia visitado. Também conheci dezenas de pessoas, com as quais apreendi várias coisas, principalmente por meio de seus exemplos de vida. Observei algumas diferenças entre regiões, mas especificamente entra a Região Sul e as demais, conforme descreverei no capítulo de análise. Conquanto, tais diferenças não impossibilitaram que eu fosse recebida por cada um dos informantes de forma educada e respeitosa, possibilitando interagir com os mesmos. Em algumas situações, a minha percepção era de que ficavam felizes em poder participar da minha pesquisa e contribuir para a realização da mesma.

3.4.3 Observação participante

A observação participante permite o envolvimento direto do pesquisador com os sujeitos a serem investigados, assim como o acesso ao local onde acontecem práticas e ações, possibilitando a coleta de informações necessárias para a realização da pesquisa (Bernard, 2006; Moisander & Valtonen, 2006). Ao adotar a observação participante como técnica para coleta de informações, é possível capturar o comportamento humano em seu contexto cotidiano e natural em diferentes momentos e perspectivas (Glaser, 1996; Paterson, Bottorff & Hewat, 2003; Moisander & Valtonen, 2006). Ainda, de acordo com Bernard (2006), a observação participante fornece o entendimento intuitivo sobre o contexto cultural, possibilitando falar convincentemente sobre o que está sendo pesquisado.

Por meio da observação participante, busquei interagir com os idosos que frequentam as AALs visitadas, observando suas práticas tanto no espaço da academia quanto em outros momentos de seu cotidiano. As AALs visitadas podem ser verificadas no mapa exposto como Figura 3 – (página 56). Com o envolvimento direto, pudei conversar, compartilhar situações e apreender sobre a realidade de vidas desses idosos, o que corrobora com Clifford (2008) a respeito do trabalho de campo e relação com os informantes da pesquisa.

Optei pela observação participante por ser uma técnica que permite compreender as sutilezas das práticas cotidianas e as singularidades das maneiras de fazer (Certeau, 2014). Tais sutilezas e singularidades não são possíveis de serem capturadas por modelos e formalizações usuais que deixam escapar as operações e usos individuais, nem somente por entrevistas

(Certeau, 2014; Highmore, 2006). Por isso, adotei técnicas diferentes que permitissem articular as práticas cotidianas de consumo dos idosos que investiguei.

As abordagens para a observação participante não ocorreram somente no espaço das AALs, uma vez que a minha intenção não foi de compreender como ocorrem as práticas de consumo somente naquele determinado espaço. Mas, buscando aprofundar minha investigação ao adotar como pressuposto de que a frequência em tal espaço decorria em desdobramentos quanto a (re)invenção cotidiana e conseqüentemente, novas práticas de consumo. Para tanto, frequentei diferentes locais, onde pude realizar diferentes atividades, e interagir com os idosos caracterizados como os informantes da pesquisa. Em cada um dos locais e/ou eventos, como aula de dança circular; oração do Terço; campeonato de boliche; visita ao Asilo; baile da Terceira Idade; caminhadas no parque; aulas de exercícios de alongamentos; encontro em um café; visita à residência; e encontro em um supermercado, encontrei uma pessoa diferente, que conheci em uma determinada AAL.

Ao frequentar esses diferentes lugares e participar dos eventos, pude ter acesso a quem frequenta as AALs, como ocorrem as interações no espaço da AAL, sobre o que conversam, como se vestem, como ocorrem os relacionamentos com outras pessoas fora do espaço da AAL, como familiares e amigos, o que e como consomem, quais atividades realizam, que desejos e anseios possuem, dentre outras informações. Todo esse arcabouço de interações envolve as práticas cotidianas de consumo dos idosos que frequentam as AALs. Com a observação participante, foi possível adentrar a realidade desses indivíduos, observando e sentindo o que acontecia, conforme apresentarei na análise. Destaco que a minha participação nesses eventos e lugares não ocorreu com todos os informantes, principalmente, devido a questões de disponibilidade e autorização dos mesmos.

Por ser uma realidade diferente da qual vivo diariamente, estar presente no cotidiano desses idosos foi algo novo, o que pode ser visto como positivo, posto que eu passei a observar e registrar tudo com atenção. Todas as observações e reflexões foram registradas em diário de campo, que constituiu as descrições daquilo que eu vi e ouvi entre as pessoas presentes no campo (Creswell, 2007). Para registro dessas informações, utilizei o *Microsoft Word*, totalizando 64 páginas de textos.

De forma complementar, lancei mão de recursos audiovisuais por meio da utilização de telefone celular para fotografar práticas da realidade observada. Os registros fotográficos constituíram um acervo de 130 imagens, as quais foram revisitadas durante a análise *corpus* da pesquisa, complementando e enriquecendo os resultados da mesma (Peñaloza & Cayla, 2006).

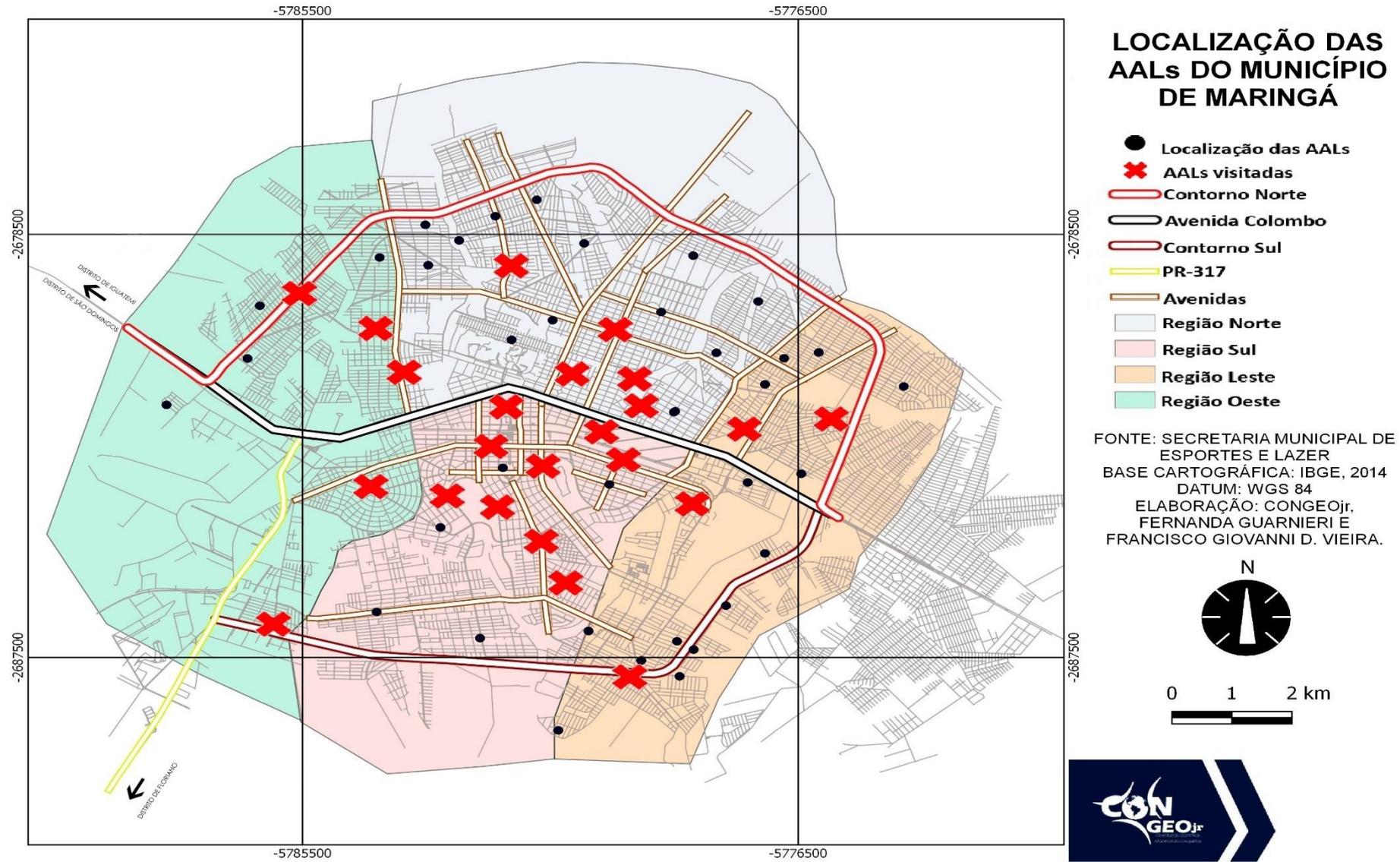


Figura 3. Mapa da cidade de Maringá-PR com suas respectivas Academias ao Ar Livre
Fonte: Elaborada a partir de dados da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (2017)

3.4.4 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas para complementar a observação participante. A partir da observação em determinadas AALs, conforme mapa da Figura 3, algumas pessoas foram escolhidas para a realização formal das entrevistas. De acordo com Gaskell (2002), a entrevista é uma fonte de informações para compreensão das relações entre os sujeitos e seu contexto, permitindo que o pesquisador apreenda de forma detalhada sobre as crenças, atitudes, valores e motivações quanto a comportamentos em contextos específicos.

A escolha das entrevistas é justificada por ser uma forma complementar para compreensão do mundo, da vida dos indivíduos e suas experiências cotidianas (McCracken, 1988). Do mesmo modo, as entrevistas, também, foram utilizadas por Certeau e seus coautores Luce Giard e Pierre Mayol, para realização do segundo volume da obra que fundamentou teoricamente esta pesquisa (Certeau et al., 2013). Conforme Faria e Silva (2017), as entrevistas, como técnica de coleta de informações para pesquisas *certeaunianas*, estão entre as mais comuns, o que permite tornar perceptível a voz do homem ordinário tanto quanto seus gestos cotidianos e engenhosidades (Certeau et al., 2013).

Para realização das entrevistas, elaborei um roteiro semiestruturado (Apêndice A), que serviu como um guia para condução das mesmas, sem a intenção de estabelecer categorias prévias para as análises. Esse roteiro foi adequado continuamente, conforme o desenvolvimento do trabalho. Por ser um roteiro flexível, apenas com questões de orientação, pude explorar outros assuntos por meio de questões que emergiam a partir do fluxo das conversas com cada um dos informantes.

A seleção dos informantes ocorreu de forma proposital e a partir da disponibilidade dos mesmos, conforme observei em campo. Além disso, considerei dois requisitos específicos, que foram: ter idade igual ou maior que 60 anos, isto é, pessoas idosas, conforme o Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, 2003) e praticar exercícios físicos na AAL semanalmente. No total, foram conduzidas 24 entrevistas com idosos de diferentes AALs do município de Maringá-PR. A Tabela 3 apresenta uma breve descrição dos entrevistados, com seus respectivos nomes fictícios. Os mesmos serão mais bem apresentados ao final deste capítulo, no tópico 3.7.

Tabela 3: Descrição dos entrevistados

Nome	Idade	Estado civil	Ocupação	Região de Maringá	Tempo de frequência na AAL	Periodicidade semanal de frequência
Carmem	79	Viúva	Aposentada	Norte	11 anos	5 dias
Margarida	74	Viúva	Aposentada	Norte	7 anos	5 dias
Mário	67	Casado	Aposentado	Norte	3 anos	5 dias
Elias	81	Casado	Aposentado	Norte	11 anos	5 dias
Américo	86	Viúvo	Aposentado	Norte	1 ano	5 dias
Angelina	78	Viúva	Aposentada	Norte	2 anos	5 dias
Amélia	82	Viúva	Aposentada	Sul	4 anos	5 dias
Humberto	74	Casado	Aposentado e construtor	Sul	10 anos	5 dias
Afonso	60	Casado	Eng. Civil	Sul	5 anos	3 dias
Emília	67	Divorciada	Aposentada	Sul	10 anos	5 dias
Raul	73	Casado	Aposentado	Sul	3 anos	7 dias
Fátima	67	Viúva	Aposentada	Sul	7 anos	5 dias
Conceição	67	Viúva	Aposentada	Sul	1,5 ano	3 dias
Marta	66	Viúva	Aposentada	Oeste	2 anos	5 dias
Sebastião	80	Casado	Aposentado	Oeste	5 anos	3 dias
Vicente	87	Casado	Aposentado	Oeste	6 anos	5 dias
Regina	66	Viúva	Aposentada	Oeste	2 anos	7 dias
Orlando	68	Viúvo	Aposentado	Oeste	3 anos	5 dias
Virgínia	67	Divorciada	Aposentada	Oeste	7 anos	5 dias
Isabel	68	Viúva	Aposentada	Leste	11 anos	5 dias
Cristina	73	Casada	Aposentada	Leste	7 anos	5 dias
Graça	73	Solteira	Aposentada	Leste	6 anos	5 dias
Jandira	61	Casada	Aposentada	Leste	10 anos	5 dias
Oscar	68	Divorciado	Aposentado	Leste	1,7 ano	7 dias

Fonte: Elaborada pela autora

O contato inicial, com cada um dos informantes, ocorreu em suas respectivas academias de frequência e as entrevistas foram realizadas no próprio espaço da AAL ou em outros locais, conforme o desenvolvimento da observação participante e autorização para participar de outras atividades de seus cotidianos. Com exceção de uma entrevista, todas foram gravadas (com

aplicativo de gravador de áudio de telefone celular) e transcritas literalmente (*verbatim*). Anterior ao início de cada entrevista, expliquei para cada informante sobre a pesquisa e solicitei autorização para gravação. Com a entrevista que não foi gravada (entrevistado Oscar), conforme solicitação do entrevistado, anotei, posteriormente, todas as informações pertinentes que poderiam contribuir para com a análise da pesquisa. Por conter informações relevantes, mantive-a. Diante disso, as transcrições totalizaram 291 páginas salvas no *Microsoft Word*.

Além dessas entrevistas formais, outras interações foram realizadas, que chamo de entrevistas informais. Essas ocorreram em diferentes momentos do trabalho de campo, e algumas informações relevantes que emergiram das mesmas foram descritas no diário de campo e constituem as análises *corpus* de pesquisa.

A coleta das informações ocorreu por meio de idas e vindas ao campo, assim como pelo trabalho de observação e análise, que foi se complementando. Para o trabalho de campo, não fiz nenhuma classificação e categorização inicial, o que foi constituído após o trabalho de análise, conforme será mais bem explicado a seguir. Apesar de ter havido essa flexibilidade, isso não é sinônimo de falta de rigor científico, mas uma refutação quanto a rigidez e ritualismo metodológico, em busca da vigilância epistemológica (Bourdieu, Chamboredon & Passeron, 1999).

3.4.5 Documentos

Considerados como fontes de registro que fornecem informações sobre determinado grupo e suas relações, sendo públicos ou privados, os documentos foram utilizados como fonte de coletada de informações, porém não no mesmo grau de importância e relevância da observação participante e das entrevistas. Não havia a intenção inicial de utilizar documentos para constituir o *corpus* de pesquisa, mas ao buscar compreender a visão do chão, conforme conceituado por Certeau (2014), percebi a necessidade de compreender a visão do alto.

A intenção foi não de comparar as duas visões, mas de utilizar a última para compreender a proposta da Academia Ao Ar Livre, espaço onde se inicia a presente pesquisa. Dessa forma, os materiais gráfico e informativo, fornecidos no *website* da Prefeitura de Maringá, e reportagens sobre as Academias em questão, foram utilizados como fonte de documentos. Assim como a lista de endereços, para confirmação da localização das AALs, fornecida pelo coordenador das mesmas (Alves-Mazzoti & Gewandsznajder, 1998; Creswell, 2007).

3.5 Análise do *corpus* de pesquisa

O processo de análise do *corpus* de pesquisa seguiu a concepção da pesquisa interpretativista e foi fundamentado, principalmente, nas orientações de alguns autores, como Ryan e Bernard (2003), Moisander e Valtonen (2006) e Saldaña (2013), para a organização e categorização das informações. Destaco a ciência, da minha parte, de que analisar e interpretar é mais do que criar uma lista de termos que são impostos às informações coletadas, ou identificar discursos e temas recorrentes. O meu papel, enquanto pesquisadora, não é somente o de examinar as informações, mas compreender o fenômeno que constitui o foco de interesse desta pesquisa (Moisander & Valtonen, 2006). Todas as etapas desenvolvidas até aqui contribuíram para a realização da análise e interpretação, sendo desde o estudo exploratório e a preparação para entrada no campo, até a leitura das transcrições, as anotações e reflexões no diário de campo. Conforme Moisander e Valtonen (2006), todas essas etapas representam maneiras de aprender sobre o fenômeno em estudo.

A análise do *corpus* de pesquisa foi iniciada com a organização e releitura das entrevistas transcritas e anotações e reflexões do diário de campo. Para tanto, inseri os documentos em um *software*, para melhor realização do processo e organização sistemática do conjunto de informações resultante da pesquisa, uma vez que o volume de informações obtidas foi consideravelmente grande para realização manual da análise. Adotei o que Saldaña (2013) atribui como *Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software (CAQDAS)*, utilizando o ATLAS.ti, versão 7.

Utilizei um sistema de classificação por códigos - codificação -, que emergiram do *corpus* de pesquisa e que respondiam ao objetivo, inicialmente proposto (Ryan & Bernard, 2003). Conforme a leitura dos materiais, procurei por repetições, similaridades e diferenças, comportamentos, sentimentos, contextos, significados, ausências, dentre outros aspectos que constituíam tanto as narrativas, por meio das entrevistas, e as minhas anotações no diário de campo. Considerei a codificação como uma tática operacional, que contribuiu para a análise e interpretação do conjunto de informações coletadas (Moisander & Valtonen, 2006). Essa codificação reside na demarcação de segmentos dos textos por meio de códigos, que foram posteriormente agrupados em subcategorias, resultando, após isso, em categorias (Ryan & Bernard, 2003; Moisander & Valtonen, 2006; Saldaña, 2013).

Como primeiro passo da categorização, os códigos foram identificados. São códigos que representam componentes teóricos, e estão conectados a um determinado segmento do texto.

Alguns trechos representativos, que emergiram das entrevistas e do diário de campo, ilustram as minhas interpretações e suportam os achados (Saldaña, 2013).

Posto isso, as categorias foram estabelecidas. Destaco que tanto a categorização e codificação foram estabelecidos de forma indutiva, conforme identificação de códigos e categorias que emergiram por meio do *corpus* de pesquisa. Nenhum código e categoria foi definido *a priori*, mas todos resultaram da minha familiaridade e interpretação dos textos. Também, preocupei-me em atribuir para cada segmento apenas um código. Quanto às categorias, segui a mesma lógica, cada código foi relacionado a uma categoria. Apresento no Quadro 1, as categorias e subcategorias que emergiram da análise do *corpus* de pesquisa.

Dessa forma, o processo final de interpretação do *corpus* de pesquisa foi realizado. A partir dos diferentes temas que emergiram da análise, busquei interpretá-los e integrá-los com a base teórica, uma vez que um conjunto de informações coletadas sem teoria não dizem nada (Silverman, 2000). Com o texto da análise, que apresentarei no capítulo específico a esse conhecimento, busquei descrever a interpretação da realidade observada por meio de um diálogo entre as minhas observações e reflexões e as falas dos informantes entrevistados.

Quadro 1: Categorias e subcategorias da análise do *corpus* de pesquisa

Categorias	Subcategorias
A proposta da AAL	Significado da AAL
	Para quem a AAL foi pensada
De um espaço sem uso ou de mal-uso para um espaço revitalizado	Construção do espaço da AAL
	Implantação da AAL
Motivos para a frequência no espaço da AAL	Porque frequentar a AAL
Apropriação do espaço da AAL	Cuidado com o espaço da AAL
	Particularização do espaço público
	Criação de uma identidade de quem frequenta a AAL
	AAL como parte constituinte do cotidiano dos idosos
Comportamentos e a convivência no espaço da AAL	Convivência no espaço da AAL
	Bom humor do dia a dia
O uso dos aparelhos da AAL	Falta de instrução (por um profissional) para uso dos aparelhos
	Formas de suprir a ausência de instrutor
	Aprendizado para o uso dos aparelhos
Para além do uso dos aparelhos	Conjunto de atividades que constituem a AAL
Os diferentes usos do espaço	Cuidados necessário ao frequentar a AAL
Ocupações, responsabilidades e lazer	Atividades diárias
	Atividades de lazer
Formas de socialização	Convivência/Interações
	Relacionamento com a família e amigos
Aspectos que constituem a saúde	Consumo de remédios
	Doenças
	Frequência em consultas médicas
O "antes" de começar a frequentar a AAL	Antes da AAL
Consequências da frequência no espaço da AAL	Aproximação com a atividade física
	Ajuda para superar uma dificuldade
	Benefícios da frequência no espaço da AAL
	Disposição
	Autoestima
	Saúde
Novos hábitos de consumo	Novos hábitos alimentares
	Novos hábitos quanto ao consumo estético
	Consumo de tecnologias e redes sociais
Novas atividades de consumo	Atividades
	Formas de suprir alguma limitação da AAL
	Viagens
Os relacionamentos	Família, amigos e parceiros
	Socialização
A constante (re)invenção	Desejos e sonhos
	Sentimento de poder conquistar algo
	Independência a outras pessoas

Fonte: elaborado pela autora

3.6 Validade e confiabilidade da pesquisa

A pesquisa qualitativa, conforme já discutido, tem como características o caráter interpretativo e indutivo por parte do pesquisador, assim como o entendimento de que as interpretações ocorrem em um determinado tempo e contexto (Alves-Mazzoti & Gewandsznajder, 1998), implicando na adoção de critérios que maximizem a validade e a confiabilidade da pesquisa. A validade e a confiabilidade da pesquisa estão respaldadas no alcance do objetivo proposto de forma coerente com os procedimentos metodológicos, apresentando resultados consistentes (Ollaik & Ziller, 2012).

Por isso, nessa pesquisa indico três critérios adotados para assegurar a validade e confiabilidade, sendo: triangulação, construção do *corpus* de pesquisa e descrição clara, rica e detalhada (Paiva Júnior, Leão & Mello, 2011). No que concerne à triangulação, segui o que é proposto por Denzin (1978) e Patton (1999), ao buscar atender os quatro tipos de triangulação: i) triangulação metodológica: uso de observação participante e entrevistas para investigar o mesmo fenômeno a partir de diferentes perspectivas; ii) triangulação do *corpus* de pesquisa: informações coletadas em diferentes momentos e regiões da cidade, abrangendo diversas AALs; iii) triangulação teórica: interdisciplinaridade teórica entre cultura de consumo e teoria das práticas cotidianas de Michel de Certeau; iv) triangulação do investigador: coleta e análise realizadas por mim, com o suporte e orientação do professor orientador desta pesquisa.

A construção do *corpus* de pesquisa baseou-se nas anotações do diário de campo, nas gravações e posteriores transcrições as entrevistas e nas fotografias, que foram permitidas durante o trabalho de campo. Todos os materiais foram organizados de forma a garantir representatividade e relevância do *corpus* de pesquisa para a análise (Paiva Júnior, Leão & Mello, 2011; Silva & Silva, 2013).

Em complemento, procurei descrever de forma clara e detalhada tanto os procedimentos metodológicos, quanto os resultados para a análise do *corpus* de pesquisa (Creswell, 2007). Busquei registrar e descrever de forma sistemática e densa as transcrições e observações, assim como análise dos documentos e situações relativas ao fenômeno e sujeitos investigados para justificar as interpretações que emergiram do conjunto de informações coletadas (Paiva Júnior, Leão & Mello, 2011). Por isso, trechos das falas dos entrevistados e anotações do diário de campo são destacadas no texto de análise. Cabe ainda ressaltar que a coleta, tratamento, análise e interpretação do *corpus* de pesquisa foram todos realizados por mim, também como um critério para garantir a validade e confiabilidade da pesquisa.

3.7 Sobre os atores informantes da pesquisa

Com o objetivo de complementar a descrição dos entrevistados exposta na Tabela 3, busco apresentar um breve resumo de cada um dos informantes da pesquisa. As informações, aqui apresentadas, contribuem para a compreensão da análise, assim como dos trechos de suas falas e minhas observações relatadas sobre o trabalho de campo. Durante todo o período de permanência no campo, observei e interagi com diferentes pessoas, mas não entrevistei todas. No total, 24 idosos foram entrevistados, os quais são apresentadas a seguir. As frases ou termos que aparecem em itálico se referem às próprias falas dos informantes. Durante outras interações, que ocorreram além das entrevistas, busquei conversar sobre aspectos que se relacionavam com a pesquisa. A ordem de apresentação segue a mesma ordem da Tabela 3.

Região Norte

Carmem

Com 79 anos e viúva desde os 32 anos, Dona Carmem é mãe de três filhos, sendo duas mulheres e um homem. É também, avó de 11 netos. Mora com sua filha, que também é viúva, e dois netos. Frequenta uma AAL na Região Norte, e sua presença na academia é *sagrada* em todas as manhãs, a qual Dona Carmem atribui como a melhor parte do dia, pois é uma forma de *afastar a deprê*. De aparência vaidosa e animada, ela não se limita a realizar as tarefas domésticas, como lavar, cozinhar e passar roupas. Gosta de cuidar da sua horta e de suas plantas, assim como gosta de sair para dançar, jogar sinuca ou ir à alguma lanchonete com seus amigos. Aproveita os finais de semana para sair e não ficar sozinha em casa. Além disso, recentemente começou a frequentar, com um de seus netos, uma academia paga.

Margarida

Viúva há 7 anos, Dona Margarida fala orgulhosamente do seu casamento de 51 anos. Com seus 74 anos, é mãe de onze filhos, avó de quatorze netos e quatro bisnetas. Com exceção de um filho que faleceu, ainda criança, Dona Margarida tem contato constante com sua família, inclusive com o neto mais novo, de dois anos, com o qual ela tem o prazer em passar as tardes de sábados. Após a morte de seu marido, mudou-se do sítio para um bairro da Região Norte de Maringá. Desde então, mora sozinha, na *companhia de Deus e do Bidu*, o cachorro. Para ela, morar sozinha é sinônimo de independência. Conversei com Dona Margarida inicialmente, na AAL que costuma frequentar. Depois, caminhamos no parque, o que possibilitou encontrá-la

novamente. Participamos de uma aula de exercícios de alongamentos, em que Dona Margarida demonstrou toda sua dedicação e esforço, sendo considerada pela instrutora como a melhor aluna. Além das atividades físicas, Dona Margarida participa da Paróquia do bairro. Dona Margarida me convidou para participar da oração do Terço, na casa de sua vizinha. Também a visitei em sua casa, onde pude conhecer um de seus filhos e uma de suas vizinhas. Toda orgulhosa, fez questão de mostrar e indicar cada uma das pessoas que estavam nas fotos expostas na estante da sala. Ademais, a reencontrei no Campeonato de Boliche, organizado pelo coordenador das AALs.

Mário

Seu Mário, natural de Arapongas-PR, morou em Jaguariúna-SP grande parte de sua vida. Mas, seu desejo era de quando se aposentar, voltar a morar no estado do Paraná. E foi o que aconteceu. Depois de mais de vinte anos trabalhando em uma indústria de bebidas e outros cinco anos como pedreiro, em parceria com seu irmão, Seu Mário mudou-se para Maringá. Com 68 anos, Seu Mário é casado há mais de 40 anos, tem dois filhos e dois netos. A sua atual casa foi completamente reformada por ele mesmo. Além de sua casa, disse ter construído a casa de um dos seus filhos, que também reside em Maringá. Mesmo se considerando como pessoa caseira, gosta de visitar sua filha que mora em Jaguariúna-SP, e aproveitar para ir às praias de Ubatuba-SP com seus netos, ainda crianças. Antes de se mudar para Maringá já frequentava uma AAL, em sua cidade anterior. Complementa os exercícios praticados na academia com caminhadas ao redor da praça, onde está localizada a AAL. Para Seu Mário, praticar exercícios físicos frequentemente contribui para *não perder o pique do idoso*. Além disso, considera que seus bons hábitos ao longo da vida, como não fumar e beber de forma moderada, contribuem para o seu bom estado mental e de saúde.

Elias

Morador de um bairro da Região Norte, Seu Elias é frequentador de uma AAL da mesma região, a segunda inaugurada em Maringá. Disse ter inaugurado a AAL, uma vez que foi o primeiro a chegar ao local, no dia da inauguração. Com 81 anos, é casado, pai de três filhos e avô de seis netos. Trabalhou na construção civil, como pedreiro, até quando foi possível. Só parou de trabalhar devido ao seu problema de visão. Com consequência de um erro cirúrgico, Seu Elias só enxerga com um olho, ainda com muita dificuldade. Por ter a visão limitada, Seu Elias perdeu a vontade de viajar e ir às confraternizações da família, como festa de aniversário de seus netos. Caminha pelas ruas do bairro, onde já conhece, gosta de ir ao supermercado e frequenta um dos

bares próximo à sua casa. No bar, ele gosta de assistir às partidas de sinuca, mas não joga, em função da visão. Em casa, uma de suas atividades é assistir aos jogos de futebol de seu time de torcida, o Santos. Apesar do tom humorado, Seu Elias disse que logo mudará para a Avenida Cerro Azul, em referência ao cemitério municipal.

Américo

Morador de Maringá há um ano, Seu Américo, de 86 anos, diz já estar adaptado à nova cidade. Morava em Umuarama-PR há 32 anos, mas devido ao desentendimento com a filha de sua segunda esposa, seu filho o trouxe para morar em um cômodo, ao lado de sua casa. Seu Américo fica emocionado ao falar de sua *companheira*, com quem conviveu por mais de 18 anos. Pai de quatro filhos, todos com a primeira esposa, já falecida. Quanto aos filhos, três também já faleceram. Frequentador assíduo, diz só faltar à AAL em dias de chuva ou quando tem consulta médica agendada. Justifica sua presença diária ao afirmar que está *velho*, mas *gosta de movimento*. Foi na AAL que fez novas amizades, e sente a falta do seu primeiro amigo, que faleceu há dois meses. Além de frequentar a AAL, gosta de passar o tempo cuidando da plantação de tomates, que tem em um canteiro no quintal de sua casa. Também gosta de assistir a programas de notícias e a programas do canal Aparecida, na televisão, e acompanha a oração do Terço de uma emissora de rádio específica. Ouvir músicas sertanejas e caipiras também o deixa feliz. Consume diversos remédios devido ao infarto, que sofreu logo quando se mudou para Maringá. Queixou-se sobre conversar pouco com seu filho e seus netos, uma vez que todos dão mais atenção para o celular ou computador. Agradece à Deus por ser uma pessoa lúcida e reza todos os dias para não ficar doente e acamado.

Angelina

Com 78 anos, Dona Angelina mora em seu bairro há 50 anos. Nesse mesmo bairro, localizado na Região Norte, frequenta a AAL. Em recuperação de uma cirurgia para retirada do útero, está voltando a praticar os exercícios físicos. Viúva, mora na mesma casa que sua filha, genro e neto. Já moravam no mesmo quintal, porém, agora os quatro dividem a mesma casa. Ela tem mais um filho, dois netos e um bisneto. Há ainda, dois filhos que faleceram. Em sua casa, como todos saem para trabalhar, é Dona Angelina quem fica responsável pela limpeza da casa, lavagem das roupas e pagamentos de contas. Divide seu tempo entre a frequência à AAL, atividades domésticas, cultivo da horta caseira e artesanato, confeccionando bordados e crochês. Como gosta de aprender novas atividades, o crochê é uma delas. Há três anos, Dona Angelina fez seu primeiro crochê e, desde então, procura fazer diferentes peças com níveis de

dificuldades mais elevados. Também gosta de ouvir ao rádio, com músicas sertanejas e caipiras, durante a realização de suas atividades. Sempre que possível, viaja com sua família ou amigas. Viajar sozinha não é um impedimento. Suas viagens preferidas são as visitas aos seus parentes, que moram em diferentes cidades, como São Paulo, Curitiba e Campinas. Após nossa primeira interação, acompanhei Dona Angelina até uma lotérica do bairro, onde a mesma pagaria um boleto.

Região Sul

Amélia

Dona Amélia é uma senhora viúva, mãe de quatro filhos e avó de três netos. Ao falar sobre sua idade, respondeu como *28 ao contrário*, seguido de uma contagiante risada. Mora em um apartamento, em frente a uma das AALs da Região Sul. Seu filho, que recentemente se divorciou, voltou a morar com ela. A nossa primeira conversa ocorreu na própria academia, durante a qual Dona Amélia interagiu com diferentes pessoas, que ela mesma chamava. Tivemos novos encontros em uma das suas aulas de dança circular e em uma padaria do bairro. É uma senhora bem-humorada e ativa, que participa de diferentes atividades, como: aula de dança circular; curso de Teologia, em uma das Paróquias da cidade; ministra curso de noivos e batismo, e faz parte da equipe de liturgia, na Paróquia próxima à sua casa; faz aulas de práticas musicais na UNATI/UEM (Universidade Aberta à Terceira Idade, da Universidade Estadual de Maringá); e participa do coral japonês da ACEMA (Associação Cultural e Esportiva de Maringá). Gosta de viajar com suas amigas, e disse agradecer por ter condições financeiras e saúde para o turismo. Dentre os destinos já conhecidos, estão Japão, China, Tailândia, Portugal, França, Espanha, Canadá, Paraguai e Argentina. Além disso, há alguns destinos brasileiros, como: Maranhão, Amazonas e Pará. Disse que dentre as opções da sua lista de interesses de viagem estão a Bolívia e o México.

Humberto

Promotor de justiça e professor de Direito aposentado, Seu Humberto expressa muita animação. Com 74 anos, frequenta diariamente uma AAL da Região Sul, localizada em um parque da cidade. Mora, com sua esposa, em um dos edifícios próximos ao parque e fala com orgulho da comemoração de 50 anos de casamento. A AAL é vista por Seu Humberto, como um meio para continuar praticando atividade física, já que sempre gostou de *jogar bola*. Não o faz mais, atualmente, pois operou o joelho. Além disso, é um passatempo e também uma forma de *queimar os excessos, sobrar um espaço para tomar um gole* de cerveja. Gosta de viajar com

sua esposa para Minas Gerais, onde fica sua cidade natal, como também gosta de visitar suas duas filhas, uma mora em Londres e outra em Paris. Diariamente realiza suas leituras, em especial por meio da Internet. Também se ocupa com a administração da construção de uma casa, que provavelmente, alugará ou venderá.

Afonso

Informante mais novo da pesquisa, Seu Afonso tem 60 anos. Trabalha como engenheiro civil, acompanhando obras de projetos de prefeituras do estado do Paraná. É casado, pai de duas filhas e avô de uma menina de nove meses. Demonstrou claramente sua felicidade com a chegada de sua primeira neta. Para diminuir a saudade, recebe, diariamente, vídeos e fotos da mais nova integrante da família. Pelo fato de a AAL estar localizada no trajeto casa-escritório, Seu Afonso marca presença na academia durante três vezes por semana. Para complementar a prática da atividade física, utiliza a bicicleta como meio de transporte. Um senhor simpático e de poucas palavras, aceitou conversar comigo durante o tempo em que estava no espaço da AAL, até o horário que deveria ir para o trabalho.

Emília

Dona Emília, 67 anos, é natural de Aracaju e está morando em Maringá há poucos meses. Mudou-se para a cidade com o objetivo de auxiliar sua filha com as receitas nordestinas do restaurante onde é proprietária. Além dessa filha, Dona Emília é mãe de mais três filhos, avós de sete netos e uma bisneta. Um de seus filhos mora em Londres, e gosta de visitá-lo sempre quando pode. Apesar de frequentar uma das AALs da Região Sul há aproximadamente cinco meses, já frequentava academia de mesmo estilo em sua cidade anterior. Frequenta a Catedral de Maringá e participa do Pastoral da Escuta e do Acolhimento. Disse que participa de tal pastoral porque as pessoas não têm tempo para ouvir aos outros, *principalmente velho, que ninguém quer ouvir mesmo*. Por isso, colocou-se à disposição para atuar nesse tipo de serviço. Divorciada, Dona Emília não quer casar-se novamente e gosta de estar na companhia de seus filhos, netos e amigos. Gosta de viajar e ir ao Paraguai fazer compras. Nosso contato ocorreu no espaço da AAL, após observá-la utilizando os aparelhos da AAL. Em seguida a nossa conversa, acompanhei Dona Emília na execução de outros exercícios, momento em que a mesma contou sobre suas viagens em diferentes estados no Nordeste do brasileiro.

Raul

Desconfiado e de poucas palavras, Seu Raul, de 73 anos, frequenta uma das AALs da Região Sul, onde nos encontramos. Casado, mora com sua esposa. Sua filha mora na capital do estado, em Curitiba, e é avô de três netos. Caminha, diariamente (inclusive finais de semana), aproximadamente 1,5 quilômetro de sua casa até a AAL. Seu Raul considera a AAL como um investimento público que deveria ser mais bem aproveitado pela população maringaense. Ainda em recuperação de uma cirurgia no estômago, ele afirma que frequentar a AAL e utilizar os aparelhos tem contribuído de forma positiva. Em sua casa, divide as atividades domésticas com sua esposa. Além disso, é responsável pelas demandas financeiras na ACEMA (Associação Cultural e Esportiva de Maringá). Caracteriza-se como caseiro, mas gosta de encontrar seus amigos. Após nossa conversa, acompanhei-o até um supermercado, que fica próximo a AAL.

Fátima

Com um pouco mais de 50 anos de casada, Dona Fátima perdeu seu marido há poucos meses, o qual estava acamado há dezesseis anos. Mãe de três filhos e avó de dois netos, está aprendendo a morar sozinha, no apartamento em que vivia com seu esposo, na Região Sul de Maringá. Trabalhou até a idade de se aposentar como pedagoga em um colégio público da cidade. Diz assumir a idade que tem, de 67 anos. Por isso, não tem o hábito de pintar seus cabelos, mantendo-os de forma grisalhas. Além disso, considera-se *muito bem* para a idade que tem. Fala de forma orgulhosa das profissões de seus filhos, inclusive do mais velho, que trabalha como *personal trainer* e é o seu maior incentivador para frequentar a AAL.

Conceição

Após sua mudança para um apartamento na Região Sul, Dona Conceição começou a frequentar a AAL, na mesma região. Em seguida as suas caminhadas ao redor do parque, ela vai até a AAL para utilizar os aparelhos da mesma. Viúva há quase dois anos, mudou-se com uma de suas filhas para onde as duas moram juntas. Além dessa filha, Dona Conceição tem mais dois filhos e três netos. Com 67 anos, está aposentada após muitos anos *trabalhando na roça* (trabalho na zona rural) e trabalhando como diarista. Para ela, a atual fase da vida é de descanso, sendo a vez dos filhos trabalharem. Realizar atividades na companhia de sua família é o que proporciona maior prazer para Dona Conceição, inclusive sair com seus três netos. Quando possível, viajam juntos a turismo ou para visitar algum familiar que mora em outra cidade, no Estado do Paraná ou da Bahia. Frequenta a Igreja Batista Renovada e participa dos cultos. Também reserva tempo

para passear com seu cachorro. Além do nosso encontro na AAL, encontrei-a em um supermercado, próximo a sua casa.

Região Oeste

Marta

Dona Marta começou a frequentar a AAL após o falecimento de seu marido, aproximadamente há dois anos. Ficaram casados durante 47 anos e tiveram, juntos, quatro filhos e sete netos. Atualmente, mora com um filho, que recentemente se divorciou. Apesar de ter de lidar com a depressão, Dona Marta se mostrou animada. Disse que a AAL é um local de praticar exercícios físicos, mas também de diversão e de encontros entre pessoas. Aprendeu a dançar e desde então, frequenta os clubes de danças nos dias de baile para a terceira idade. Com 66 anos, diz admirar as pessoas com mais de 80 anos, e se pergunta se conseguirá chegar, de modo saudável, a ter essa mesma idade. Fala isso, devido a alguns problemas de saúde, como artrose e osteoporose. Além disso, nossa conversa ocorreu na véspera de sua cirurgia de variz. Aproveita as oportunidades de viajar com suas amigas, principalmente em excursão. Recentemente foi para Santa Catarina, onde visitou o Parque do Beto Carreiro, e para Gramado-RS.

Sebastião

Militar aposentado, Seu Sebastião é dedicado em fazer seus exercícios. Disse que é *mania de militar* sempre praticar alguma atividade física. Tem 80 anos e é casado com sua segunda esposa, sendo a primeira já falecida. Tem duas filhas, um enteado e três netos. Morava em Campina da Lagoa-PR, antes de se mudar para Maringá há cinco anos. Desde então, frequenta a AAL e realiza suas caminhadas em uma das avenidas do bairro. As atividades o ajudam com o equilíbrio, dificuldade que Seu Sebastião enfrenta devido a um problema na coluna. Sócio de um clube de férias em uma das praias paranaenses, Seu Sebastião costuma frequentar as praias todo final de ano na companhia de sua família. Sempre que possível, ele gosta de tocar músicas caipiras com seu acordeão, o que traz *tranquilidade e acalma a cabeça*. Uma das queixas de Seu Sebastião refere-se às perdas de pessoas próximas. Disse que muitos amigos já faleceram, *desaparecendo as amizades*.

Vicente

Seu Vicente é o mais experiente dos informantes, com 87 anos, diz ainda ser *uma criança*. Aposentando, trabalhou a maior parte de sua vida como segurança. Com dificuldades para andar e manter o equilíbrio, carrega consigo uma bengala. A distância de sua casa até a AAL é de

aproximadamente 700 metros. Mesmo considerando perto, Seu Vicente diz precisar parar pelo menos duas vezes para descansar, devido ao fato de o caminho ser uma subida. Já para voltar, *todo santo ajuda*, e consegue ir até sua casa sem precisar de pausas. Já fez cirurgia do coração e das cataratas, mas isso não é motivo para desanimá-lo. Durante o tempo da nossa conversa, por diversas vezes ele agradecia à Deus por estar bem. Casado, mora com sua esposa e com uma de suas 4 filhas. Apesar de ser considerado o mais sério dentre os frequentadores da AAL, Seu Vicente diz ser *brincalhão* e gostar de fazer piadas. Gostava de sair e viajar, mas hoje não mais, devido à sua dificuldade de andar. Sua esposa gosta de sair para dançar, mas não a acompanha, pelo mesmo motivo. Quando consegue, gosta de jogar baralho com seus amigos, nos finais de semana, em um bar próximo à sua casa.

Regina

Frequentadora de uma AAL na Região Oeste, Dona Regina estava com expectativas para a inauguração de tal academia. Ela frequenta a AAL mais recentemente inaugurada na cidade, inclusive nos finais de semana. Gosta de ir à AAL com suas duas amigas, que também moram no mesmo bairro. O trio tem sempre a presença confirmada nos passeios organizados pela assistente social, da Unidade Básica de Saúde do bairro. Além da AAL, Dona Regina frequenta as aulas de ginásticas, que são oferecidas no salão comunitário do bairro e as aulas de hidroginásticas, para aliviar as dores na coluna. Todos os dias de domingo, antes de ir à AAL, vai à missa. Gostaria de participar de outras atividades na igreja, mas tem vergonha de se colocar à disposição devido à falta de leitura. Ela tem 66 anos, é viúva e mora no mesmo quintal da casa da filha, porém tem seu próprio cômodo. É mãe de três filhos e avó de quatro netos.

Orlando

Pai de duas filhas e avô de quatro netos, Seu Orlando frequenta uma das AALs da Região Oeste. Tem 68 anos, está aposentado e é viúvo há pouco mais de dois anos. Por isso, mora com uma de suas filhas. Frequentador assíduo da AAL, disse que desde o dia da inauguração da mesma, não deixou mais de utilizar e praticar os exercícios na academia. Já é costume caminhar 40 minutos antes para chegar aquecido e poder realizar os exercícios da melhor forma. Conheci Seu Orlando no espaço da AAL, onde conversamos e também participei de uma aula de alongamento com o mesmo e o acompanhei na utilização dos aparelhos da AAL. Seu Orlando é o que posso chamar de “pessoa popular”. Por onde andávamos todos o conheciam, seja no espaço da AAL ou nas ruas do bairro. Por gostar de atividades físicas, Seu Orlando está para decidir sobre iniciar uma academia paga ou um clube de corrida. Gosta de tomar sol diariamente

e aproveitar o tempo para brincar com os netos. Além disso, se sobrar dinheiro no final do mês, significa oportunidade para viajar.

Virgínia

Uma senhora que fala sorrindo e transborda alegria. Essa é a Dona Virgínia, de 67 anos. Aposentada, trabalhava em uma escola privada, de Maringá, como auxiliar administrativo. É mãe de dois filhos e avó de um neto. Mora sozinha e é divorciada há mais de 20 anos, quando seus filhos ainda eram adolescentes. Disse ter passado por momentos difíceis. Além do divórcio, *um filho entrou para o mundo das drogas* e a mesma chegou *até pensar em tirar a própria vida*. A sua diversão é sair para dançar em um clube. Foi nesse clube que também nos encontramos, em um baile da terceira idade. Todas as terças e domingos são os dias que Dona Virgínia reserva para dançar. É adepta das redes sociais virtuais, as quais ela utiliza para compartilhar algumas de suas fotos. E também, foi uma das opções de meios de comunicação que utilizamos para mantermos o contato. Recentemente terminou um namoro. Ainda chateada, disse que a partir de então ficará *sozinha*.

Região Leste

Isabel

Extrovertida e autêntica, Dona Isabel é orgulhosa dos seus 68 anos de idade. Afirma que tanto fisicamente como mentalmente, não parece ter a idade que tem. Natural de Sorriso-MT, mora em Maringá desde os 28 anos. Viúva há mais de três anos, é mãe de três filhos, avó de quatro netos e duas bisnetas. Além de frequentar a AAL, gosta de dançar. É enfática ao afirmar que não se veste *como gente de idade*. Frequenta uma academia paga com o *objetivo de firmar o corpo*. Apesar de ser apegada aos seus dois gatos e dois cachorros, evitando ficar vários dias longe dos mesmos, está ansiosa por sua primeira viagem à Recife, onde passará o Réveillon. A viagem ocorrerá na companhia de suas amigas. Também gosta de ir à praia e visitar sua filha que mora no interior de Mato Grosso. Aposentada, é responsável por pagar suas próprias despesas. Um de seus filhos mudou-se recentemente para uma casa que fica no mesmo quintal, o que deixa Dona Isabel mais tranquila, devido ao fato de ter companhia. Gosta de acompanhar as novelas, e só vai dormir quando termina a última novela do dia. Embora tenha se demonstrado uma pessoa alegre, Dona Isabel disse estar chateada com o recente término de seu namoro, de pouco mais de dois anos.

Cristina

Casada há mais de 55 anos, Dona Cristina já planeja celebrar as bodas de diamante. Com 73 anos, é mãe de oito filhos, avó de dezessete netos e duas bisnetas. Até cinco anos atrás, quando se aposentou, trabalhava como costureira de facção. Dedicou grande parte de sua vida com a profissão de costureira. Atualmente, busca dedicar seu tempo para si mesma e para sua família. Além de morar com seu esposo, também divide a casa com um de seus filhos e uma neta. Há pouco mais de um ano, sofreu um acidente grave, em uma das ruas de Maringá. Como consequência, ficou dois meses internada na Unidade de Tratamento Intensivo. Diz já estar totalmente recuperada e a frequência à AAL tem fator importante em sua recuperação. Apesar de gostar de viajar, sua última viagem ocorreu em 2002, quando foi ao Pará. Devido ao fato de seu marido não gostar de viajar e sair, também não a permite ir com sua família ou amigos. Mas, participam, juntos, de atividades na igreja. É por meio dessas atividades, que Dona Cristina diz encontrar suas melhores amigas.

Graça

Dona Graça é aquela que se sente *como uma rainha* no espaço da AAL. Após quinze anos morando nos Estados Unidos, ela voltou ao Brasil. E desde então, há seis anos, frequenta a AAL. Apesar da futura mudança de bairro, continuará frequentando a atual Academia. Como ainda não há uma AAL próxima à sua nova residência, diz estar na expectativa de em breve ocorrer uma inauguração da mesma. Dona Graça tem 73 anos, é solteira e mora sozinha. Seus irmãos e mãe moram no interior do estado de São Paulo, os quais ela costuma visitar. Dona Graça se dedica seriamente à prática de atividades físicas, procurando frequentar tais academias até mesmo quando viaja. Além disso, evita realizar os exercícios físicos enquanto conversa, para não perder o ritmo. Diz ser uma pessoa com diversas atividades, como a dedicação para a confecção de tapetes para doação ao bazar, realizado mensalmente em sua igreja. Também participa de projetos voluntários, como visitas aos pacientes do Hospital Psiquiátrico em Maringá.

Jandira

Dona Jandira, com 61 anos, é casada, mãe de um filho e avós de três netos. Mora em Maringá desde 2003, quando veio da cidade de São Paulo. Trabalhava como diarista e estava cansada com a rotina exaustiva dos horários de trabalho e do tempo despendido entre o deslocamento de sua residência até o local de trabalho. Por isso, mudou para Maringá. No espaço da AAL, diz se sentir no *paraíso*, atribuindo tal característica ao fato de ser a única AAL de onde é

possível observar toda a cidade. Complementa os exercícios físicos realizados na AAL com caminhadas diárias. Há, também, o hábito de seguir um padrão de exercícios, intercalando a cada dia quais aparelhos utilizar ou não. Frequenta, ainda, as aulas de hidroginástica e os cultos de sua igreja, que é a Igreja Universal. Reconhece os benefícios da AAL, e acredita que outros projetos municipais poderiam ser desenvolvidos, como uma pista para caminhadas, em um espaço de seu bairro. Exercendo seu papel de cidadã, propôs tal sugestão pelo telefone da ouvidoria da Prefeitura.

Oscar

Frequentador de uma AAL da Região Oeste, Seu Oscar tem 68 anos e é interno de um Asilo há um ano e sete meses. Ele se considera como um interno especial, pois tem liberdade e autorização para sair e ajudar nas atividades do asilo. Devido ao seu bom estado de saúde, física e mental, o mesmo tem essa *autonomia*. É por isso que ele estava na AAL, a qual frequenta diariamente, duas vezes ao dia. Após 20 anos morando no Japão, Seu Oscar aprendeu como produzir tomates hidropônicos. Voltou para Maringá e dedicou-se a esse tipo de produção. Até 2015 era o único produtor de tomates hidropônicos, os quais eram vendidos em uma das feiras da cidade. Porém, devido a um problema de saúde, não conseguiu levar adiante o seu trabalho. Com seus dois filhos morando no Japão e divorciado de sua esposa, Seu Oscar foi acolhido no asilo. Devido aos seus conhecimentos, foi permitido a ele o cultivo da horta no asilo, a qual teve a oportunidade de conhecer durante a minha visita a Seu Oscar. Toda a produção de hortaliças e frutas é consumida pelas pessoas que moram e trabalham no asilo. Além das atividades na AAL e do cultivo da horta, seu *hobby* preferido é jogar xadrez, por ser um exercício para a mente e que exige muito raciocínio. Ler sobre a situação política e econômica do país também é uma das atividades que Seu Oscar procura realizar diariamente.

4 Análise do *corpus* de pesquisa

Organizo esse quarto capítulo da dissertação por meio das descrições e análises sobre os resultados que emergiram do trabalho de campo, em consonância com a base teórica. Para melhor organização, divido o capítulo em três partes, atendendo a cada um dos objetivos específicos que defini para o trabalho. Ao buscar responder cada um desses objetivos, conforme apresento na Figura 4, é possível oferecer uma interpretação para responder ao objetivo geral e, conseqüentemente, ao problema norteador desta pesquisa.

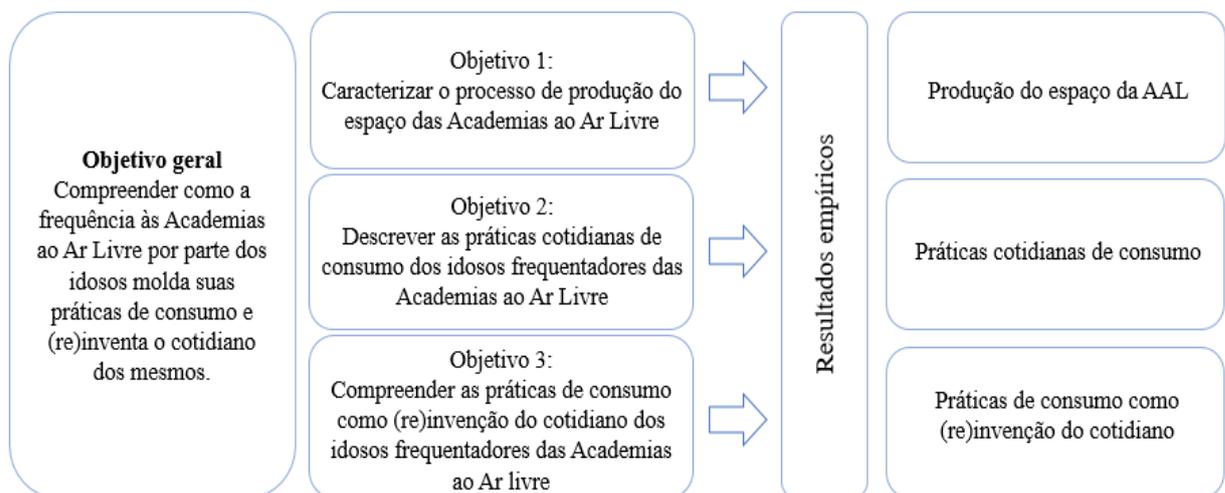


Figura 4. Enquadramento dos resultados empíricos

Fonte: elaborada pela autora.

No primeiro momento, de forma a caracterizar o processo de produção do espaço da AAL, apresento-a por meio de duas visões, sendo a visão do alto, por meio das estratégias de políticas públicas, e a visão do chão, quanto às táticas de seus frequentadores e usuários. Na sequência, buscando conhecer quem é o idoso frequentador da AAL e produtor do cotidiano, descrevo suas práticas cotidianas de consumo. E na terceira e última parte deste capítulo discuto sobre em que medida a frequência à AAL provoca uma (re)invenção no cotidiano dos idosos, a partir de suas práticas de consumo.

Para melhor compreensão da análise e interpretação, apresento as falas dos entrevistados, a partir de alguns trechos das entrevistas, identificando os informantes e por códigos como, por exemplo, E3; P. 32; L. 14-15, o que se refere à transcrição da entrevista 3, na página 32, entre as linhas 14 e 15. Complemento, com alguns relatos sobre a minha vivência no campo de pesquisa, também com a identificação pelos respectivos códigos, como P. 27;

L.855-857, em menção do trecho que está escrito na página 27 e entre as linhas 855 e 857 do diário de campo.

Destaco, ainda, que esse processo de análise ocorreu por meio de reflexões que buscaram compreender o “como” algo acontece, e não o “porquê” algo acontece. Da mesma forma, a ênfase não é dada no que as pessoas dizem, mas no que elas fazem, especialmente, associado às práticas de consumo. Busquei extrair, por meio das observações e entrevistas, como os idosos, frequentadores das AALs, enquanto consumidores, transformam o cotidiano a partir de seus próprios propósitos. Trabalhando dessa forma, busco alcançar o objetivo proposto. Em vista disso, apresento *uma* interpretação, e não *a* interpretação (definitiva).

4.1 Produção do espaço da AAL

A essência desta pesquisa volta-se para o consumo, particularmente, no que tange às práticas de consumo e aos seus desdobramentos na vida dos idosos que passaram a frequentar às AALs. Para tanto, anterior a tal compreensão, busco o entendimento de como ocorreu a produção do espaço da AAL. Assim como Certeau (2014) argumenta, as táticas dos usuários emergem a partir de eventos dados no cotidiano, sendo esses advindos de estratégias de políticas públicas, como por exemplo, o caso das AALs. Não obstante, essas estratégias são “urbanizadas” por meio dos movimentos apreendidos pelas táticas, que se proliferam.

Sendo assim, questiono: de onde surgiu a proposta da AAL? Por qual razão implantar tais academias? Para quem foi pensada? Após implantadas, como ocorre o uso e a apropriação por parte de seus frequentadores?

Para responder tais questionamentos, busquei compreender como ocorrem os movimentos para a produção do espaço da AAL. Conquanto, anterior a compreensão da visão do chão, isto é, dos idosos que frequentam às AALs, busquei compreender a visão do alto, quanto às estratégias de políticas públicas. A minha intenção não é confrontar as duas visões, uma vez que a discussão de estratégias de políticas públicas demanda a compreensão de uma macro abordagem, mas caracterizar o processo de construção do espaço das AALs, posto que é a partir dessas ações de implementações que ocorrem o fenômeno de consumo aqui estudado.

4.1.1 Produção do espaço da AAL a partir de estratégias de políticas públicas

A ideia da Academia ao Ar Livre emergiu de uma proposta, conforme é possível identificar por meio dos materiais gráfico e informativo disponibilizados pela Prefeitura de Maringá. Ao identificar que a Secretaria da Saúde demandava altos custos com a compra de remédios, especialmente analgésicos para hipertensão, o então atual prefeito do município de Maringá, Silvio Barros II, propôs que cada uma das Secretarias municipal desenvolvesse um projeto. Para o desenvolvimento desse projeto, devia-se pensar primeiramente no objetivo da redução de gastos referentes aos remédios, e alinhado a isso, o objetivo de melhorar a vida da população maringaense.

Em trabalho conjunto com sua equipe, Roberto Nagahama, Secretário de Esportes da gestão municipal à época, inspirado em um projeto chinês, que ocorre nas praças de Pequim, desenvolveu a proposta da AAL, segundo o mesmo explica em uma reportagem (Kayser & Salvatico, 2013). Surgiu assim, no ano de 2006, a primeira Academia ao Ar Livre de Maringá, e do Brasil, denominada, inicialmente, como Academia da Terceira Idade. Esta foi instalada em um bairro da região Leste do município. Conforme o nome já especifica, a ideia foi, a princípio, pensada para os idosos, por serem a porção da população que demandava o maior gasto quanto aos referidos remédios. A proposta aprovada pela gestão municipal compõe, desde então, o Programa Maringá Saudável², de responsabilidade das Secretarias de Saúde e de Esporte e Lazer, assim como tem apoio o do Ministério da Saúde e dos Esportes (Material informativo da Prefeitura de Maringá, Palácios & Nardi, 2009).

A Prefeitura definiu, por meio das AALs, o objetivo de “incentivar, principalmente entre os idosos, a prática regular de atividade física, a socialização, a melhora da autoestima e da saúde em geral” (Palácios & Nardi, 2009, p. 3). Caracterizada como “uma revolução no conceito de promoção da saúde”, a AAL só não supera os efeitos miraculosos de uma bebida

²Desde 2005, o município de Maringá compõe a Rede de Municípios Potencialmente Saudáveis, ligada à UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), IPES (Instituto de Pesquisas Especiais para a Sociedade) e OPAS/OMS (Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde). De forma a seguir as estratégias de Municípios e Comunidades Saudáveis da OPAS/OMS, no mesmo ano foi criado o Grupo de Trabalho Intersetorial (GTI), com representantes das secretarias municipais. Como objetivo de trabalho do GTI, planejamento e desenvolvimento de ações de promoção da saúde foram estabelecidos, especialmente projetos na área da atividade física, alimentação saudável e combate ao tabagismo, denominando o PMS – Programa Maringá Saudável (Palácios & Nardi, 2009).

mágica para a longevidade, conforme menção encontrada em material gráfico sobre as AALs (Figura 5)³: “Melhor, só se inventarem o elixir da juventude”.

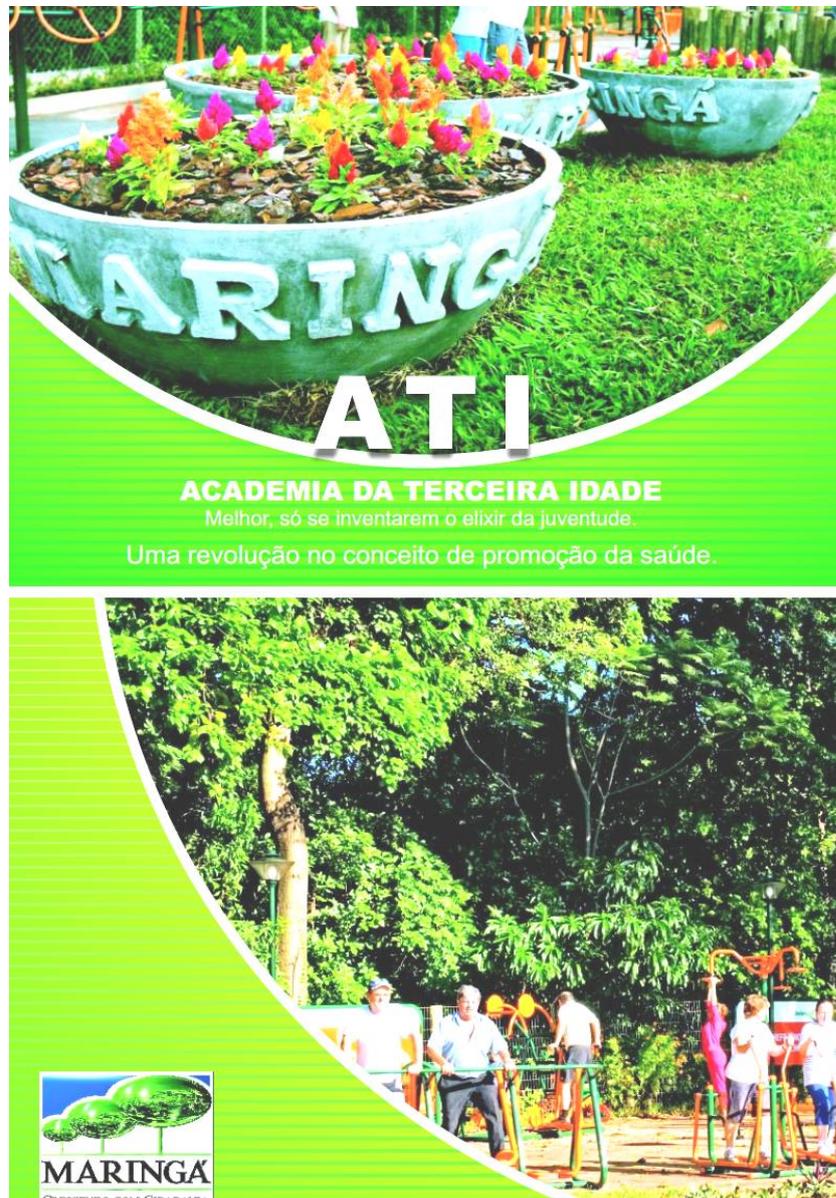


Figura 5. Páginas iniciais do material gráfico da AAL
Fonte: pesquisa documental

Atualmente existem 62 AALs, sob responsabilidade da Prefeitura, constituídas por dez aparelhos de ginástica e instaladas ao ar livre, permitindo ao usuário realizar exercícios de alongamento, fortalecimento, desenvolvimento da musculatura e aeróbico. Esses resultados, ou benefícios, segundo consta nos documentos analisados e é apregoado pela Prefeitura, são garantidos para quem frequenta a Academia semanalmente durante, pelo menos, 30 minutos

³ A capa do material gráfico não está atualizada, intitulado a AAL ainda como ATI (Academia da Terceira Idade).

A empresa Ziober Brasil foi a primeira a iniciar a produção dos aparelhos das AALs. Em parceria com a Prefeitura, representada pelo já mencionado secretário de Esportes, da gestão em vigor no ano de 2006, os responsáveis pela empresa produziram os aparelhos. Com o desenvolvimento de um *design* diferente do modelo chinês, a empresa possui o certificado do INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) (Kayser & Salvatico, 2013). Atualmente, com a difusão dessa estratégia de política pública de implantação das AALs, segundo é divulgado nos documentos analisados, a produção é enviada para as Prefeituras de diferentes estados do Brasil e para alguns países da América Latina e Europa. Há também a compra por parte de responsáveis de clubes, condomínios e demais locais privados. Em adição, além dos aparelhos das AALs, tal estratégia contribuiu para a criação de outros tipos de academias, focadas em perfis diferentes, como: Academia para Jovens e Adultos (AJA), Academia da Primeira Idade (API) e Academia Para Cadeirantes (APC). Além da Ziober Brasil, outra empresa, também no município de Maringá, iniciou as produções dos aparelhos para as AALs, a ATI TCM Esportes.

Assim sendo, a proposta da AAL foi desenvolvida e sua implantação continua atualmente, buscando incorporar ações de promoção de saúde e qualidade de vida por meio da atividade física, posto que conforme é descrito no material informativo, as principais causas de morbidade hospitalar no município, de Maringá, são atribuídas às doenças do sistema respiratório e circulatório, transtornos mentais e neoplasias. Tal como as principais causas de mortalidade, acrescentando as doenças endócrinas e metabólicas.

Mediante a análise dos resultados, divulgados por meio do material informativo e da Secretaria de Comunicação no *Website* do município, os representantes da Prefeitura apontam que a proposta da AAL alcança o objetivo, uma vez que a aceitação, por parte da população, especialmente os idosos portadores de doenças crônicas, foi positiva e significativa. Do mesmo modo, a prática da atividade física está contribuindo com a prevenção de doenças e proporcionando qualidade de vida aos usuários e reduzindo os custos sociais, internações hospitalares e mortalidade. Para esses representantes, é o começo da “superação de uma fase em que a doença e os sintomas deixam de ser o centro das atenções, para outra, que passa a ter o ser humano e a ‘saúde’, [...] como foco principal das ações do poder público” (Palácios & Nardi, 2009, p. 6).

Diante desse cenário, os espaços utilizados para a construção das AALs passam de um espaço sem uso ou de mal-uso para um espaço revitalizado. As academias são construídas próximas às Unidades Básicas de Saúde, Centros Esportivos, Praças ou Parques, conforme identifiquei durante o trabalho de campo. Em sua maioria, as AALs foram instaladas em

conjunto com a revitalização de seus respectivos espaços. Tais espaços, com poucas exceções, não eram utilizados de forma a produzir algum retorno ou benefício para a sociedade, como por exemplo, sendo adotado como canteiros para descarte de lixo ou como um espaço para uso de substâncias ilícitas, conforme os informantes da pesquisa pontuaram.

A Figura 7 retrata uma das academias visitadas durante o trabalho de campo. A AAL retratada está localizada em frente à Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro e ao lado de um Centro Municipal de Educação Infantil. Essa foi a segunda Academia ao Ar Livre instalada na cidade de Maringá, também no ano de 2006, ano de inauguração da primeira AAL. Observei ser comum, dentre as AALs visitadas, a arborização, com espaços para o gramado, árvores e diferentes plantas. Os aparelhos são instalados, no mínimo, de forma dupla, permitindo que mais que uma pessoa consiga utilizar determinado aparelho ao mesmo tempo.



Figura 7. AAL na Região Norte
Fonte: pesquisa empírica

4.1.2 Produção do espaço da AAL a partir dos movimentos de apropriação por parte dos idosos

Os movimentos dos frequentadores também configuram a produção do espaço da AAL. Considerando os idosos, frequentadores das AALs, como indivíduos ordinários, assumo que tais indivíduos criam suas próprias maneiras de fazer e suas próprias regras, ressaltando a inventividade dos idosos, assim como argumentado por Certeau (2014). Por meio dessas regras

e maneiras de fazer, ações conscientes e inconscientes ocorrem, evidenciando aspectos identitários, desejos, cultura e dentre outros, que também constituem o consumo (Paterson, 2006).

Assumindo tal concepção, organizei as informações coletadas de modo a compreender, nesse primeiro momento, como esse idoso, no caráter de indivíduo ordinário, se movimenta e produz um determinado espaço pensado, inicialmente, a partir de estratégias de políticas públicas. Em outras palavras, como ocorrem os movimentos de uso (individuais ou não) e a apropriação do espaço da AAL, por parte dos idosos frequentadores deste tipo de Academia, evidenciando suas operações a partir de suas situações vividas.

Diante disso, ao começar a entender o uso da AAL a partir de sua inauguração, observei que esse acontecimento foi uma surpresa para muitos moradores do Conjunto Parigot de Souza, bairro da primeira AAL, na Região Leste. Sentimento que já foi diferente com a construção da última AAL entregue na cidade de Maringá, na Vila Vardelina, Região Oeste. A Dona Regina, frequentadora da academia, expõe sua satisfação com a instalação da AAL. Até o início de fevereiro de 2017, data da entrega da AAL mais recente, Dona Regina caminhava aproximadamente 2 quilômetros, na companhia de suas amigas, para poder praticar os exercícios físicos utilizando os aparelhos, conforme fala:

“Nossa, nós queríamos muito. Fazia tempo que estávamos lutando... isso ajuda muito a gente. Sempre íamos lá no Laranjeira [bairro vizinho]. Nós passávamos lá, fazia um pouquinho lá. [...]. É bem longe, bem mais para lá” (Regina, 66, Região Oeste - E3; P. 32; L. 14-15).

Ao longo dos últimos onze anos, desde a primeira inauguração, as instalações das AALs passaram a ser esperadas pela população maringaense. De um projeto até então desconhecido no âmbito nacional, atualmente integra as listas de reivindicações da população. À primeira vista, é um projeto de grande sucesso, tanto é que é defendido e elogiado pelos seus próprios frequentadores e usuários.

Mas, por qual razão frequentar a AAL? Há diferentes e diversos motivos para a frequência ao espaço da AAL. Exemplifico e ilustro na Figura 8, conforme mencionado pelos próprios informantes da pesquisa: proximidade à residência, trajeto diário, opção e disponibilidade física, oportunidade e facilidade de acesso, inexistência de custos e tempo.

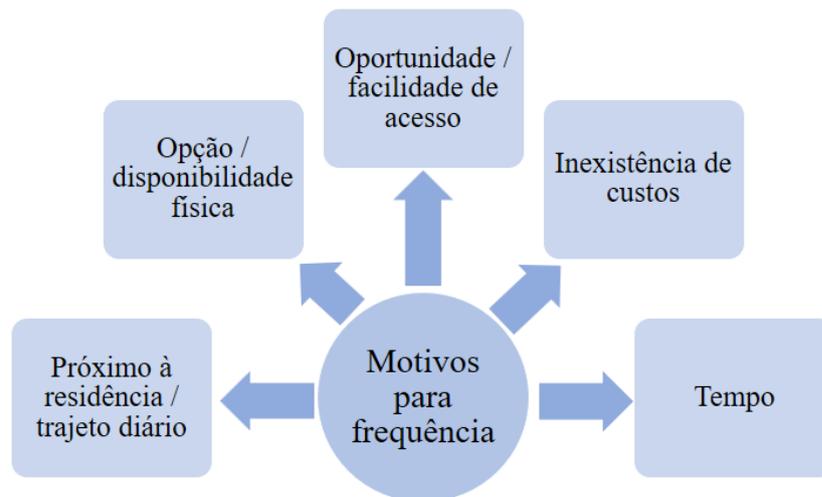


Figura 8. Motivos para frequência no espaço da AAL
 Fonte: elaborada pela autora

Tendo como base a região de cada informante, busquei identificar convergências ou divergências entre suas motivações. Identifiquei, então, convergência entre as respostas dos informantes, das quatro regiões, quando são questionados sobre o porquê de frequentarem a AAL. Assim como, não há divergências quanto aos grupos etários, dentro da classificação da idade da pessoa idosa. Destaco, a seguir, alguns trechos das falas dos informantes que remetem aos aspectos representados na Figura 8:

“Primeira coisa: necessita, né? Porque eu tenho um problema de saúde, e fiz uma cirurgia do estômago. Aí, o médico me recomenda fazer atividade física. Não pode parar” (Raul, 73, Região Sul – E14; P. 207; L. 19-20).

“Porque a gente precisa, né? A gente vai envelhecendo e é a tal história, você não pode ficar parado, porque você vai acabar atrofiando. O que acontece? Depois que você atrofiar, o que volta? Nada! Então, você tem que ter consciência que a gente envelhece, mas a gente tem que envelhecer com saúde, e não doente dentro de casa, igual muitas pessoas ‘ah, estou com preguiça’. Não tem que ter preguiça. ‘Não está com vontade? Não estou, mas vou’. Tem que se esforçar. Para isso aqui você tem que ter muita vontade, muita força de vontade para você sair da sua casa” (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 144; L. 15-20).

“Isso aqui me ajudou tanto. Nossa, faz dois anos e três meses que meu marido faleceu. Eu só andava de carro. Estava toda travada. [...]. Ai, depois ele faleceu e: ‘meu Deus, e agora, né? O que eu vou fazer?’. Os filhos têm a vida deles. Tem que trabalhar. E aí, eu comecei a vir aqui. No começo eu vinha até de circular [ônibus]. Vinha até ali perto do Canção [supermercado] e depois eu vinha a pé. Hoje não. Hoje eu já venho a pé, volto. E a gente acostuma tanto. Eu levanto cedo e se eu não vier aqui, parece que não tem nada bom. Aí, eu venho faço o exercício e chego em casa animada. Porque eu tenho depressão. Todo remédio para depressão. Então, tudo isso ajuda. Para a cabeça.... Olha, se eu tivesse me largado lá dentro de casa, eu acho que eu tinha... acho que os filhos teriam que ficar dando banho. Engorda, né? Você vai travando” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 213; L. 7-12).

“Caminhada e esses exercícios para mim, me ajudam muito. Eu tenho me observado que se eu não fazer esses aqui [indicando os aparelhos da AAL] com frequência, vixi... eu acho que eu vou virar obesa e não vou conseguir fazer nada. E quando eu estou fazendo exercício, esse exercício aqui, nossa, eu limpo minha casa com mais facilidade. Sem aquela dor, sabe? Nossa, é maravilhoso. Então, eu já vi que eu não posso parar, não devo parar nunca de fazer isso aqui” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 244; L. 19-23).

“Academia é caro. Aqui não. Aqui você vem e é de graça. Você vem a hora que quer. Eu já costumei aqui. Tem essas outras ali que são pagas. Eu falei ‘vou lagar uma de graça para pegar aquela que é pago?’ Não!” (Elias, 81, Região Norte – E23; P. 289; L. 102-103).

Conforme é possível observar, há influência médica quanto aos motivos da frequência à AAL, tanto por aqueles que receberam especificamente a recomendação para praticar atividade física, tanto por outros que tem conhecimento por meio de outras fontes, como a propagação da informação quanto à necessidade e os benefícios do exercício físico para a saúde, ou até mesmo, a autopercepção da “dependência” quanto à prática do exercício físico. Em outras situações, a frequência à AAL tem como característica a superação de algo, como a perda do companheiro, a associação à uma doença psíquica, como também a recuperação cirúrgica. Tal academia também é vista como uma oportunidade para praticar atividade física sem precisar desembolsar, diretamente, algum valor financeiro.

Destaco ainda, quatro cenários referentes às suas motivações de frequência ao espaço da Academia, também representadas na Figura 8. Para o Seu Afonso, a proximidade é um facilitador, posto que a Academia está no trajeto realizado, diariamente, para o trabalho então, por que não frequentar a AAL?

“É pela proximidade. E está no trajeto de casa-escritório. Então, para mim facilitou bastante” (Afonso, 60, Região Sul – E6; P. 109; L. 30-31).

Outro cenário observado é referente ao tempo percebido na fase da aposentadoria, que ocorre simultaneamente ao período etário acima dos 60 anos. No caso de Seu Humberto, o tempo, que agora parece ser maior, pode ser aproveitado, utilizado ou gastado, conforme o mesmo disse, com a frequência ao espaço da AAL:

“Eu gosto, sempre gostei. Sempre pratiquei esporte. Eu moro aqui na rua de cima, então, eu sempre gostei de andar, sabe? E depois da aposentadoria, você tem tempo... pode gastar o tempo” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 104; L. 24-26).

Quanto ao terceiro cenário, destaco a motivação da Dona Regina, ao argumentar que a AAL é sua única opção para praticar exercícios físicos. Tanto é, que frequentava outra AAL até

a inauguração, da mesma, em seu bairro. Além do trecho abaixo, que demonstra seu argumento, observei que Dona Regina não só tem a AAL como única opção para atividade física, como também é um dos poucos lugares que costuma frequentar (Diário de campo – P. 26; L. 842-844). Em outras palavras, a motivação quanto à frequência à AAL não se refere somente ao exercício físico, mas também como opção para sair de casa.

“Academia é muito bom. Ajuda a gente fazer os exercícios para modo de... ah, filha porque a gente não tem lugar para ir, daí pelo menos a gente vem aqui. Aí junta as pessoas, amolece o nervo que está ficando duro (rindo). Por que fica parado?” (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 32; L. 32-34).

E para completar os quatro cenários que mencionei, ressalto a motivação da Dona Graça, ao afirmar que mesmo com a mudança de bairro, continuará frequentando sua atual AAL. Em seu próximo bairro, ainda não foi instalada uma AAL, mas ela já encontrou uma forma de não deixar de praticar regularmente seus exercícios na academia em questão, conforme explica:

“Vou continuar, porque eu não pago ônibus. Dá para vir até o hospital ali e subir. Eu venho com a circular [ônibus] de lá, venho aqui. Eu não vou parar. Eu adoro isso aqui” (Graça, 73, Região Leste – E18; P. 237; L. 34-35).

Além da motivação para frequência no espaço da AAL, alguns incentivam outras pessoas, sendo exemplos para com os demais. Em uma academia encontrei um senhor, o Seu Joaquim⁴, de 89 anos, o mais velho da turma, que frequenta uma das AALs da Região Oeste. Mesmo sendo de poucas palavras, não foi raro ouvir comentários sobre o mesmo, indicando-o como um exemplo a ser seguido. Dona Marta, uma das informantes da pesquisa, mencionou o Seu Joaquim durante nossa conversa. Para ela, Seu Joaquim é a prova de que sair de casa e para frequentar a AAL, trará retornos positivos, compartilhando sua opinião:

“Aconselho a todo mundo que faça, porque não fica parado lá dentro de casa. Não é fácil. Olha para você ver a prova [Apontando para o Seu Joaquim]” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 214; L. 39-41).

Conforme observei, cada um dos informantes tem sua razão para frequentar à AAL. Por meio da frequência, os idosos utilizam e apropriam-se do espaço da AAL, preocupando-se e cuidando, de forma a manter a limpeza e o bom estado do mesmo. Em algumas AALs há várias árvores ao redor, o que implica em quedas das folhas. Isso é considerado tanto como “sujeira”, quanto perigo, posto que em dias chuvosos, uma pessoa pode escorregar. E tratando

⁴ Seu Joaquim é um senhor que diz não saber conversar. Por isso, quando abordado, por mim, disse que não queria conversar. Em respeito, compreendi seu posicionamento.

especialmente de um lugar construído para a pessoa idosa, torna-se ainda mais perigoso. Essa é uma das formas de cuidado e preocupação que observei durante minhas visitas às AALs. Em uma dessas visitas, havia uma senhora varrendo o espaço da AAL. Quando questionei sobre tal atividade ser sua função ou não, a mesma respondeu que não é, mas é uma forma de suprir a demora da limpeza por parte dos servidores da Prefeitura (Diário de campo – P. 27; L.855-857).

Outra forma de preocupação que observei envolve o cuidado com os aspectos que constituem do espaço da AAL, como por exemplo, os aparelhos, as placas e o paisagismo. Durante uma visita, observei uma senhora que estava indignada com uma situação que acabara de presenciar. Como ela mora em frente à AAL, consegui descobrir quem era a pessoa que estava roubando as mudas das plantas que haviam sido plantadas recentemente. O argumento estava pautado na questão de que tais plantas constituíam a harmonia do local, deixando-o mais alegre. Além disso, eram de todos que ali frequentavam. E a mesma falava até em denunciar tal ladrão (Diário de campo - P. 16; L. 529-531).

Há ainda, os cuidados e preocupações que vão além das fronteiras do espaço da AAL. Uma das informantes, Dona Virgínia, reúne a preocupação com a limpeza e a cooperação com um senhor que recolhe latas de alumínio. Como estávamos na AAL após um feriado, onde a mesma fica localizada em um parque da cidade, observamos os mais diversos tipos de materiais descartados naquele espaço, sendo um deles as latas de alumínio. Ao chegar à AAL, o espaço estava praticamente limpo, e em suas mãos, uma sacola grande, cheia de latas. Dona Virgínia estava sem palavras para expressar seus sentimentos quanto ao descaso de quem frequentou o espaço da AAL no dia anterior, explicando que isso ocorre com frequência após finais de semana e feriados. Por isso, já combinou com o senhor que recolhe latas de alumínio para passar em sua casa após esses dias, pois ela já vem preparada para recolher tais materiais. E não acabou por isso. Após algum tempo no espaço da AAL, utilizando os aparelhos e conversando comigo, fomos andar ao redor do parque, e encontramos mais latas descartadas em meio às plantas e árvores. Como já estava preparada, Dona Virgínia retirou mais uma sacola plástica, e começamos a recolher todas as latas que encontrávamos, assim como colocar outros tipos de lixos dentro das lixeiras (Diário de campo – P. 16; L. 1322-1325).

De modo convergente, relaciono esses cuidados e preocupações como uma forma insinuada de particularização do espaço público, devido ao reconhecimento e apropriação desse mesmo espaço (Certeau et al., 2013). Em outras palavras, a progressiva frequência cotidiana nesse espaço implica em uso e práticas dos idosos que se apropriam do espaço da AAL, transformando e criando ali suas marcas.

Como desdobramento, há o sentimento e comportamento relativo ao reconhecimento e pertencimento àquele espaço, como pude perceber e o qual eu atribuo como a criação de uma identidade de quem frequenta a AAL. Um exemplo nitidamente visível é o uso de camisetas com a identificação da AAL frequentada. Durante minhas visitas já havia observado que algumas pessoas vestiam camisetas com a frase “*Atividade Física ao Ar Livre*”. A confecção da camiseta foi providenciada por um professor de aula de exercícios de alongamento, que ocorre em uma AAL da Região Norte (Diário de campo - P. 6; L. 249-252). Mas, resalto como essa identidade foi mais bem percebida no Campeonato de Boliche, organizado pelo Coordenador das AALs, vinculado à Prefeitura do Município.

Durante o campeonato, as equipes eram formadas por pessoas que frequentavam a mesma AAL, sendo assim, muitas equipes vestiam camisetas como uniformes, com frases que identificavam a sua AAL, como por exemplo: “*Boliche – equipe AAL Mandacaru*” (Diário de campo - P. 55; L. 1845-1849). Também, foi possível observar, o orgulho com o qual os idosos diziam pertencer a determinada AAL. Ao interagir com pessoas que ainda não se conheciam, quando se apresentavam diziam orgulhosamente “*Sou do Buracão*”, conforme exemplifico pela fala da Dona Margarida, em menção ao nome mais conhecido do parque onde está localizada a AAL que frequenta (Diário de campo - P. 55; L. 1836).

Por essas e tantas formas de apropriação, a AAL passa a ser vista como parte constituinte do cotidiano dos idosos. A frequência desses indivíduos avança para além de um hábito rotineiro. Quero dizer que não é a frequência que faz parte do cotidiano desses idosos, mas os desdobramentos que derivam de como ocorre tal frequência, que além de configurar a produção do espaço, é parte integrante da vida dos mesmos. A AAL, além de um espaço para realização de exercícios físicos, é também o local de encontros, interações e socialização. Em um dos momentos em que conversei com Dona Margarida, a mesma disse da seguinte forma:

“Chega dia de sábado e domingo, e eu não vejo a hora de chegar dia de semana para eu vir aqui, para a gente fazer ginástica, exercício e ver minhas amigas” (Diário de campo - P. 18; L. 580-582).

Em vista disso, destaco os comportamentos e a convivência no espaço da AAL, simultaneamente, com o bom humor do dia a dia. Intrínsecos aos aspectos que constituem a motivação para frequentar e a apropriação do espaço da AAL, estão os aspectos quanto às condutas e os relacionamentos que ocorrem no mesmo espaço. Foram contínuas as vezes que presenciei grupos de conversas no espaço da AAL. Os assuntos eram diversos, que remetiam ao dia a dia, e, até mesmo, aspectos quanto ao consumo, como comentários sobre o modelo de um determinado tênis, marca de uma calça, sobre cabelos, dentre outros, por exemplo. Essas

conversas eram carregadas por tons de bom humor, que além de praticar exercícios físicos, é também um momento de convivência e sociabilidade, resultados de histórias e experiências compartilhadas dia após dia. Em diferentes AALs observei que a convivência naquele espaço ocorria por meio de piadas e brincadeiras. Assim como convivência saudável, conforme os próprios informantes caracterizam:

“Então, assim, você pega amizade com as pessoas, você vai conversando. É uma coisa muito boa. O pessoal tudo... você conversa com um, conversa com outro. Chega aqui ‘Oh, Seu Orlando, como está?’ É na amizade” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 127; L. 104-105).

“Tem uma meia dúzia que a gente conhece, então sempre conversa. Chega e conversa. Conversa informal. Conversa mais de gozação, de time de futebol” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 106; L. 108-109).

“Aqui eu sinto no meio dos amigos. Aqui é tudo amigo. É tão gostoso. Às vezes eu fico com preguiça de sair de casa. Mas, quando eu chego aqui, dá vontade de não ir [embora]” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 2013; L. 267-269).

“Eu acho bom... chegar aqui, você vê, pega muito conhecimento com as pessoas. Tem pessoa que você não conhece, chega aqui e começa a conversar. Igual com você mesmo. Chegou aqui e estamos conversando” (Elias, 81, Região Norte – E23; P. 289; L. 111-113).

O bom humor e o tom de brincadeira também carregam assuntos sérios, como os falecimentos, que se tornam um acontecimento comum e frequente na vida dessas pessoas. O fato de atribuir como comum e frequente, não se refere a um acontecimento exclusivo para pessoas mais velhas. Mas, que diferentemente de outras faixas etárias, a morte é vista como única certeza da vida. As ausências na AAL por algum período influenciam alguns a pensarem na morte. Um assunto que muitas vezes é carregado de tristeza e saudades, engloba as interações que ocorrem no espaço da AAL. Enquanto conversava com a Dona Marta, a mesma chamou outro senhor, o Seu Pedro, que emprega tons de bom humor em seus comentários quando alguém está ausente, remetendo que tal ausência pode ser o falecimento dessa mesma pessoa (Diário de campo - P. 48; L. 1605-1607). Destaco a seguir, um trecho dessa conversa:

“Aqui todo mundo brinca, dá risada. Por aqui é... o dia que um não vem, o outro já fala assim: ‘ah, já ia para missa de sétimo dia’ (rindo). Oh, esse daqui [apontando para Seu Pedro] quando você passa dois, três dias sem vir, ele fala assim: ‘oh, pensei que nós já íamos para a missa de sétimo dia’ (rindo). [...]. Está vendo? É uma animação danada” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 218; L. 184-187).

Presenciei também, momentos de vendas, como a Dona Rosa, amiga de uma das entrevistadas, Dona Margarida, que vendia elásticos para cabelo confeccionados por ela

mesma, com retalhos de tecidos (Diário de campo - P. 11; L. 363-364). Da mesma forma, Dona Yuko, levou um carrinho de feira com diversos pacotes de tomates cereja e pimentas, colhidos de sua própria horta caseira, para vender durante o momento que esteve presente na AAL (Diário de campo - P. 43; L. 1436-1438). Ambas as senhoras frequentam duas AALs diferentes da Região Norte.

A saudável convivência proporciona diferentes momentos de integração, como eventos organizados no próprio espaço da AAL, o que também remete a construção de identidade e sentimento de pertencimento, já mencionado anteriormente. Até mesmo aqueles que frequentam à AAL há pouco tempo, já adotam inconscientemente ou conscientemente, os padrões de comportamento, os movimentos e as práticas que ali ocorrem, como se tais indivíduos internalizassem em suas vidas “o pertencer” aquele grupo de pessoas, buscando comportar-se e conviver entre si. Seu Américo, que começou a frequentar uma das AALs da Região Norte há aproximadamente um ano, ilustra esse cenário, conforme destaco um trecho de sua fala:

“A mulherada... bastante dela já pega amizade, já sabe meu nome, conversa. Esse aí [apontando para um senhor] já pegou amizade. Tem outro senhor de idade também, que já chega aqui me chamando pelo nome. [...]. Vir aqui... eu me sinto bem em todo canto com as pessoas. Falo com a mulherada, tem dia que sai uma brincadeira aí, para mim tudo bem. É porque lá [em casa] fico lá sozinho, aí fico chateado. Aqui, conto com os amigos assim, então passa a hora. Na última sexta-feira do mês, nós fazemos uma festinha aqui, que a turma traz uma coisa. Então, é dia de festa” (Américo, 86, Região Norte – E10; P. 169; L. 283-288).

Ainda que é possível identificar o uso e apropriação do espaço pelos seus frequentadores, busquei observar o uso dos aparelhos, afinal, a AAL é constituída de aparelhos para a prática de exercícios físicos. No decorrer das minhas visitas, questionei se os benefícios da AAL poderiam ser mais bem percebidos se houvessem instrutores para auxiliar o uso (Diário de campo - P. 27; L. 915-916). Esse questionamento emergiu das minhas observações quanto à falta de instrução, por um profissional da área, para o uso dos aparelhos. Do mesmo modo, decorrido algumas semanas da pesquisa de campo, ao conversar com uma senhora que frequenta a AAL da Região Oeste somente para participar das aulas de alongamentos, identifiquei que a mesma não utiliza os aparelhos da AAL por ter receio de provocar alguma lesão (Diário de campo - P. 51; L. 1703). Além das minhas percepções e observações, constatei, ao conversar com os frequentadores das Academias, que os mesmos também sentem a falta de um profissional educador físico para instruí-los sobre o uso dos aparelhos, conforme destaco alguns trechos:

“Na Unimed o professor explicava, mas da professora daqui não explica [falou baixo]. É só ali [indicando sobre os exercícios de alongamento que uma instrutora havia ensinado antes da nossa conversa]” (Amélia, 82, Região Sul – E1; P. 2; L. 59-60).

“Antes, logo que começou isso aqui, tinha uma menina. Acho que ela era da Unimed. Ela vinha explicar como a gente usa, como que deveria fazer. Então, depois não veio mais. Acho que não veio mais, porque nunca mais a vi aqui. Mas, logo que começou isso aqui, tinha uma moça da Unimed” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 22; L. 39-42).

“Eu falo para elas [amigas], precisava pelo menos umas duas vezes por semana aqui. Tem gente que não vem aqui porque disse que não tem quem ensina, tem problema... fica com medo. Igual eu, você pensa... minha bacia já quebrou alguma vez. Então, eu venho aqui e faço um pouquinho de cada um, porque eu falo se eu não sei se posso fazer, então não faço. O que nós queríamos é que arrumassem um professor para nós. Está difícil, né filha?” (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 40; L. 289-292).

“Eu estou fazendo todo esse tempo aqui, porque falam que esse é o melhor que tem para o corpo todo. Mas, eu não sei se é bom todo esse tempo. Mas, assim, acho que pelo menos umas duas vezes por semana, se tivesse um professor aqui, que a gente soubesse os dias que ele estava aqui” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 261; L. 583-586).

Conforme exposto, para aqueles que receberam instruções para o uso dos aparelhos, tal fato ocorreu logo após a implantação da AAL, com eventuais presenças de instrutores contratados por uma das empresas parceiras da Prefeitura, a Unimed, ou até mesmo em uma academia dessa mesma empresa, no caso daqueles que possuem o convênio do plano de saúde. Conquanto, ao frequentar às AALs, conforme suas motivações e interesses, os idosos buscam formas de suprir a ausência de um instrutor, o que remete ao fato de a autoinstrução ser um imperativo para o uso dos aparelhos.

Aqueles que receberam instruções, em alguns casos, auxiliam aos outros a utilizarem os aparelhos, em certas ocasiões, alegando terem experiência de como utilizá-los. Atribuo o ato de auxiliar um ao outro como consequência da identidade de comunidade que é criada entre aqueles que frequentam a AAL, geralmente nos mesmos horários. Isso é o que Dona Cristina expõe em um trecho da nossa conversa:

“Não tem instrução. Mas, as vezes alguma pessoa vai falando para a gente. Por exemplo, esse daqui mesmo eu estou usando aqui do jeito que eu acho que é (rindo). Agora, aquele ali, a menina que estava aqui [apontando para uma mulher] que me ensinou, que é para modo dele... erguer... É... ela falou que essa parte do braço, é para modo de erguer. Contar 10 segundos, e abaixar. E depois subir de novo” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 197; L. 49-53).

Para não dizer que pratica os exercícios sem instrução de um profissional da área, Dona Fátima segue as orientações do filho, que trabalha como *personal trainer*. Como ela gosta de

frequentar à AAL após suas caminhadas ao redor do parque, Dona Fátima recebe as instruções do filho, suprimindo a falta de um instrutor próprio da AAL, conforme a mesma explica:

“Eu tenho um filho que é professor de educação física, ele é *personal* [*trainer*]. Então, ele sempre me instruía assim, sabe? ‘Mãe, isso a senhora não faz’. Então, era assim” (Fátima, 67, Região Sul – E20; P. 266; L. 20-21).

Há, também, aqueles que buscam seguir as instruções, de cada um dos aparelhos, que ficam expostas, em placas, no espaço da AAL. Apesar de não identificar tal placa em todas as AALs visitadas, observei que onde há a placa com as instruções, todas são iguais, conforme apresentado na Figura 6. O que muda, em alguns casos, são os patrocinadores. Pelo fato de existir essa placa, alguns frequentadores compreendem a ausência de um instrutor. Isso é o que Dona Virgínia menciona:

“Só não faz quem não quer porque está tudo explicadinho direitinho, basta você ficar em frente essa placa aí, que você vai fazer os exercícios corretos” (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 145; L. 48-50).

Simultâneo a falta de instrutor e a placa de instruções com os mesmos exercícios padrões, alguns dos frequentadores inventam, à sua maneira, novas formas de utilizar os aparelhos das AALs. Isso é justificado devido ao fato de desejarem exercícios diferentes, uma vez que o corpo acostuma com as repetições, conforme relatos dos informantes. Para exemplificar, durante uma das visitas observei um senhor utilizando o simulador de caminhadas com as pernas cruzadas, uma forma até então nunca vista por mim. Ao perguntar o porquê e como surgiu a ideia de utilizar o aparelho daquela forma, o mesmo explicou que é porque ele precisa fazer atividades diferentes, uma vez que repetições frequentes e constantes deixam o corpo acostumado, não trabalhando mais o corpo de forma eficiente. Ainda complementou dizendo que há necessidade de aprendermos algo novo, diariamente, para exercitar a mente e prevenir doenças que afetam a memória (Diário de campo – P. 49; 1636-1638).

Apesar dessa criatividade constituir o uso e apropriação, por parte dos usuários, a falta de instruções e informações específicas sobre o uso de cada aparelho pode contribuir para que os mesmos os utilizem de forma desacertada, podendo até causar lesões, contrariando o propósito estabelecido estrategicamente quanto à AAL. Na mesma AAL em que conversei com o senhor anteriormente mencionado, encontrei uma senhora com o braço enfaixado. Ao perguntar como a mesma se machucou, não esperava que sua resposta seria o relato de uma queda durante o uso de um dos aparelhos. Ao tentar utilizar o aparelho de pressão para pernas com outra finalidade, ela se desequilibrou, caiu e torceu o punho (Diário de campo – P. 49; L. 1652-1656).

Ainda sobre profissionais da área de atividade física, observei, dentre as AALs visitadas, a realização de aulas de alongamentos, sob responsabilidade desses mesmos profissionais. Essas aulas ocorrem com alguma periodicidade e de certa forma é um atrativo que fomenta a participação de pessoas de diferentes idades. Em sua maioria, as aulas ocorrem no período da manhã e são organizadas por dois departamentos públicos diferentes, a Secretaria de Esporte e Lazer, da Prefeitura, de responsabilidade do coordenador das AALs, e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Os profissionais, vinculados a um dos dois departamentos públicos realizam as aulas em algumas das AALs. Porém, em AALs onde ocorrem tais aulas não presenciei nenhum momento de instrução do uso dos aparelhos, somente a condução dos exercícios de alongamento.

As Academias onde ocorrem as aulas de exercícios de alongamento são as AALs que estão inseridas nas programações dos eventos, vinculados às atividades para a pessoa idosa, como por exemplo, o Campeonato de Boliche. A partir do momento que tive conhecimento do campeonato, verificava sobre a participação dos informantes da pesquisa. Em academias onde não ocorrem as aulas, ninguém tinha o conhecimento sobre tal campeonato. Além de não serem atendidos por um instrutor vinculado a um dos dois departamentos públicos, de forma a agregar positivamente a participação dos idosos nas AALs, estão excluídos dos eventos organizados em nível municipal.

Além do campeonato, há outras atividades e programações, como passeios pela cidade. Esse conjunto de atividades também constitui o que os idosos compreendem como a Academia ao Ar Livre, considerando essa mesma Academia para além do uso dos aparelhos e atribuindo essas atividades como uma extensão desse espaço. Mas, não se deve ignorar as Academias que não recebem tais atividades. Observei diferenças entre os dois grupos: AALs com diferentes atividades e AALs sem atividades. Esse fato ocorre devido a não disponibilização, por parte da Prefeitura, de profissionais da área para instruir os frequentadores.

As diferenças entre esses dois grupos de Academias referem-se à maior motivação para frequência a AAL, devido a diferentes atrativos que ocorrem nesse espaço. Outro aspecto observado, remete a quantidade de pessoas que frequentam a AAL. Considerando tanto os indivíduos que frequentam às Academias para uso dos aparelhos quanto aqueles que frequentam as aulas, o fluxo de pessoas é maior, e como consequência ocorre maior interação. Conforme minha percepção, tais academias são mais divertidas, se assim posso dizer. Por isso, destaco aqui que em AALs com diferentes atividades busquei interagir com aqueles que utilizam os aparelhos, e não somente frequentam a Academia devido ao conjunto de diferentes atividades.

Essa atenção foi dada devido a ter percebido que há pessoas que frequentam os espaços das AALs para participar das aulas, mas após isso não utilizam os aparelhos.

Destaco, também, os cuidados necessários ao frequentar à AAL, que decorre por meio dos diferentes usos do espaço. Conforme mencionei anteriormente, as AALs são construídas próximas às Unidades Básicas de Saúde, Centros Esportivos, Praças ou Parques. Mesmo com a apropriação por parte dos idosos, tais espaços são de uso de todos os cidadãos por serem locais públicos. Há, dessa forma, diferentes usos que ocorrem em diferentes períodos do dia. Observei que os idosos frequentam às AALs, em sua grande maioria, no período matutino. Há também o uso por parte de crianças e jovens, que utilizam os aparelhos das AALs como sinônimo de um parque de diversões da praça, ou como ponto de encontro após um dia de aula, no final da tarde.

Ocorrem ainda, os diferentes usos que incomodam os usuários, para quem se destinam as AALs. Dona Virgínia, por exemplo, aconselha não frequentar a AAL muito cedo, o que significa antes das seis horas da manhã. Pelo fato de a AAL estar localizada em um parque aberto, há diferentes pessoas que dormem no local, consumindo bebidas alcóolicas e produtos ilícitos. Ao ir até a AAL com o dia ainda escuro, há a possibilidade de presenciar situações desagradáveis, conforme relato a seguir:

“Tem que tomar cuidado. Se vem muito cedo, tem que tomar cuidado. Tem muito maconheiro aqui. Tem que tomar muito cuidado. Esses dias tinha uma japonesinha, que estava caminhando aqui, ela chegou perto de mim desesperada. Tinha um rapazinho aqui andando com atos obscenos, sabe? ” (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 158; L. 476-479).

Esse receio não é exclusivo da AAL da Região Oeste. O cuidado com os diferentes horários de frequência deve ocorrer em outras AALs da cidade. Essa é uma situação que Dona Graça presencia na AAL de seu bairro, que fica localizada atrás de uma Unidade Básica de Saúde. Ela costuma frequentar à AAL no período matutino, ou quando a UBS ainda está em horário de atendimento. Caso contrário, o fluxo de pessoas diminui e há a insegurança de estar sozinha no espaço da AAL.

“Aqui também não dá para vir, de jeito nenhum. Só de manhã, porque tem o postinho [UBS] aqui. Depois das cinco [horas da tarde] não dá para você vir mais. A não ser que vem um homem, aí dá coragem, mas vir sozinha eu não venho não... tem que vir de manhã (Graça, 73, Região Leste – E18; P. 237; L. 65-68).

Uma situação de desconfiança quanto à segurança do local também foi presenciada por mim. Em uma das visitas, cheguei a uma AAL da Região Sul, situada atrás de uma UBS, que estava com o visual de abandonada. Pela minha interpretação, aquele local não era varrido há semanas, pois acumulava folhas secas, dificultando caminhar. Enquanto estava nessa AAL,

identifiquei que havia dois rapazes, como se estivessem escondidos. Como pessoa desconfiada que sou, optei por não ficar ali para esperar que alguém chegasse para utilizar os aparelhos. Caminhando na mesma rua, perguntei sobre a tal Academia para uma senhora que por lá passava. Moradora do bairro, afirmou que a AAL em questão não é utilizada pelos moradores, considerando-a como um lugar perigoso (Diário de campo – P. 46; L. 1527-1536).

Nesse mesmo dia, foi quando encontrei o Seu Raul, em uma AAL próxima a qual mencionei. E foi conversando com Seu Raul, que entendi que tal Academia não é frequentada para quem quer praticar atividade física. Para ele, seria mais fácil ir nessa determinada AAL, que está abandonada, como afirmo em dizer. Por acreditar que falta segurança, Seu Raul caminha 1,5 quilômetro para ir até outra AAL. Até mesmo sua esposa, já deixou de frequentar à AAL por insegurança, conforme relatado. Destaco que não quero entrar no mérito da violência e segurança urbana quanto à cidade de Maringá, mas relatar as vivências dos informantes e também situações por mim presenciadas.

“Ali [AAL abandonada] ninguém vai. Eu na verdade, para mim era melhor. Porque eu moro mais perto para baixo ali. Mas, ali o ambiente não é bom. O problema está aí. Minha mulher ia também lá. Aí um dia, parece que era de manhã ou à tarde, veio um pessoal muito estranho. Aí, para ela sair de lá, deu uma disfarçada e saiu. Nunca mais voltou lá” (Raul, 73, Região Sul – E14; P. 207; L. 33-37).

Por fim, resalto uma característica comum dentre todas as AALs visitadas: a presença predominante de mulheres. Houve situações em que havia somente mulheres frequentando as AALs. Dessas mulheres, a grande maioria são viúvas, conforme já foi possível verificar na Tabela 3.

4.1.3 Interlocução teórica e empírica: maneiras de fazer estabelecidas a partir de estratégias e táticas

Ao compreender como ocorre a produção do espaço da AAL, tanto por meio da configuração das estratégias de políticas públicas, quanto por meio das táticas dos idosos que as frequentam, percebo que o êxito da estratégia da AAL ocorreu, também, em função da prática de frequência de seus usuários. Isso é justificado posto que de nada adiantaria investir em ações e revitalizações de um espaço que não fosse usado pelos cidadãos, nesse caso, os idosos. Ainda, quando aponto o êxito da estratégia da AAL, compreendo-o além de uma proposta exclusiva para a realização de atividades físicas, uma vez que é ressaltado a sociabilidade que ali ocorre, emergindo da ocupação e apropriação do espaço por parte dos idosos.

As trajetórias e histórias que se passam por invisíveis são necessárias para o desenvolvimento e compreensão de estratégias de políticas públicas. Tanto é que em bairros onde ainda não era possível encontrar uma AAL, havia expectativa, por parte de seus moradores, para a instalação de uma Academia próxima às suas casas. Ainda, há aqueles que incentivam outras pessoas a frequentarem a AAL, propagando o discurso que decorre das estratégias de políticas públicas, como forma de proliferação das combinações de suas operações (Certeau, 2014). Os idosos frequentadores das AALs são indivíduos, assim como Certeau (2014) caracteriza, ordinários, ou seja, são pessoas comuns que vivem suas vidas atribuindo significados e razões às suas rotinas. São indivíduos que, nesse caso, buscam o bem-estar interligando eventos dados em seus cotidianos à noção do que é útil para si mesmo. São aqueles que criam suas maneiras de fazer a partir de estratégias e de táticas.

As AALs, inicialmente implantadas por meio de estratégias de políticas públicas, tem as marcas dos idosos que as frequentam refletidas no seu espaço, sendo este um lugar praticado (Certeau, 2014). Essas marcas podem ser construídas pela apropriação e uso de seus frequentadores, bem como pelo contrato implícito das práticas de conveniência. Assim como Certeau, Giard e Mayol (2013) discorrem sobre o bairro, relaciono o mesmo conceito quanto ao espaço da AAL, ao considerá-lo como objeto de consumo comum aos seus frequentadores, os quais apropriam-se desse espaço e criam, ali, um modo de espaço público particularizado. Essas marcas, inseridas no espaço da AAL, são refletidas por meio do consumo desse mesmo espaço, por suas operações de usos e apropriação (Certeau, 2014).

A partir de um espaço pensado para atender uma demanda de interesse político, os direitos da pessoa idosa e os deveres do Estado, também estão desenvolvidos, conforme constam nas diversas leis, resoluções e decretos, como por exemplo, o Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, 2003). Assegurar o acesso ao esporte, lazer e convivência comunitária à pessoa idosa, são alguns dos deveres que estão, não somente sob responsabilidade da família, mas também do Estado. A relação público-privada também é observada pelos movimentos de parcerias entre Prefeitura e demais empresas privadas que unem interesses para construção dos espaços em questão.

Utilizando-se de estratégias que implicam em resoluções de questões econômicas (gastos com saúde pública), demográficas (envelhecimento populacional) e biológicas (proporcionar condições melhores de saúde), a Prefeitura do Município de Maringá usufrui de uma combinação de instrumentos, refletidos a partir de seus interesses, econômico e espacial para a produção do espaço da AAL, apresentando resultados positivos para a população. Isso é

constatado ao compreender a visão dos idosos frequentadores das AALs, ao explicitarem os motivos porque as frequentam, apropriando-se dos discursos que emergem da visão do alto.

As movimentações desses idosos são observadas, uma vez que representam suas operações e modos de uso desse espaço, por meio de relações e atribuição de significados, assim como o sentimento de pertencimento, e a conseqüente construção de identidade. O “frequentar à AAL” avança além de um hábito rotineiro, associado somente à saúde e qualidade de vida, sendo este mais profundo, posto que remete à aspectos e benefícios simbólicos que constituem o cotidiano de seus frequentadores. Em outras palavras, ainda que os discursos que emanam da visão do alto sejam apropriados, o uso do espaço da AAL, por meio dos idosos que a frequentam, transforma os seus significados (Certeau, 2014).

O uso como uma forma de transformar o significado da AAL remete a não passividade dos indivíduos, que diante estruturas pré-estabelecidas, criam sua própria história, agindo de acordo com seus interesses, conforme apresentado anteriormente e até mesmo diante de situações falhas, como limpeza do espaço e falta de instruções para o uso dos aparelhos (Certeau, 2014). Sem a intenção de descumprir uma ordem imposta, esses indivíduos agem, de forma astuciosa e silenciosa por meio de suas táticas (re)inventando o próprio cotidiano (Certeau, 2014; Yilmaz, 2013). Mas, cabe ressaltar, que isso só ocorre devido aos movimentos de apropriação e de reapropriação (Highmore, 2006), que mesmo de forma silenciosa os idosos frequentadores das AALs imprimem ao transformarem, atribuírem e adaptarem o significado da Academia ao Ar Livre, sendo esta a interface entre táticas e estratégias (Neubauer, 1999). Além disso, a apropriação do espaço da AAL por parte desses idosos contribui para a compreensão da Academia enquanto estratégia de política pública, que ocorre por meio desse mesmo significado atribuído ao espaço.

Nesse cenário, a frequência e apropriação de um determinado espaço permite possibilidades de consumo, para o qual busco direcionar essa pesquisa, não somente quanto ao espaço e ao que ali é praticado e experienciado, mas quanto às práticas cotidianas de consumo. Por isso, a proposta, realizada por meio dessa pesquisa, de compreender como a frequência às Academias ao Ar Livre por parte dos idosos molda suas práticas de consumo e (re)inventa o cotidiano dos mesmos. Conforme Certeau (2014) buscou realizar, esboçando a teoria das práticas cotidianas, também sigo a mesma lógica, extraindo as sutilezas das maneiras de fazer dos idosos frequentadores das AALs.

Para tanto, a partir da compreensão do que foi exposto até aqui, em especial quanto à frequência a AAL por parte dos idosos, avanço a análise para a compreensão de suas práticas

cotidianas de consumo, anterior a compreensão de suas práticas de consumo como (re)invenção cotidiana.

4.2 Práticas cotidianas de consumo

As noções de consumo e prática são compreendidas de forma relacionadas, uma vez que para a compreensão sobre o consumo deve-se anteriormente, ou simultaneamente, observar as práticas dos indivíduos. São essas práticas que retratam a vida cotidiana, modos de uso, apropriação e reapropriação de determinados bens, serviços e espaço (Askegaard & Linnet, 2011; Røpke, 2009; Warde, 2005). Ainda, é por meio de práticas que observamos como as ações dos indivíduos ocorrem de forma contínua (Feldman & Orlikowski, 2011). Avançando a compreensão, ao olhar para o consumo como (re)criação, (re)apropriação, (re)invenção e (re)contextualização, o mesmo é reconhecido como essencial para as práticas cotidianas dos indivíduos (Wattanasuwan, 2005). Dessa forma, as práticas cotidianas de consumo refletem uma dimensão da vida social do indivíduo atrelada a sua própria história, significados, valores e experiências (Douglas & Isherwood, 1978; Firat & Venkatesh, 1995; McCracken, 2003).

Para tanto, ao construir este tópico, procurei responder alguns questionamentos, de forma a explicar as práticas cotidianas de consumo dos informantes da pesquisa. Os questionamentos estão pautados em: Quem é o idoso (o homem ordinário) usuário da AAL, visto aqui como consumidor e produtor do cotidiano? Consume o quê? Como ocorrem suas práticas cotidianas de consumo? Buscando responder tais questionamentos é possível cumprir com o segundo objetivo específico deste estudo, descrevendo as práticas cotidianas de consumo dos frequentadores das AALs.

Assim sendo, para melhor compreensão, subdivido este tópico sobre as práticas cotidianas de consumo em quatro dimensões, as quais denomino como: ocupações (e responsabilidades), lazer, relacionamentos e aspectos que constituem a saúde, conforme ilustro na Figura 9. Para facilitar a compreensão, apresento cada uma das dimensões em separado, mas ressalto que as quatro se complementam ou até mesmo se sobrepõem. Assim como Certeau (2014) argumenta, constatei a interdependência das práticas cotidianas dos idosos frequentadores das AALs. Ao olhar para cada uma dessas dimensões, considerando a abordagem de estudos de consumo, é possível apreender que suas práticas cotidianas de

consumo avançam para além de uma rotina ou regularidade, e mesmo que praticadas de diferentes maneiras se organizam de forma mútua.

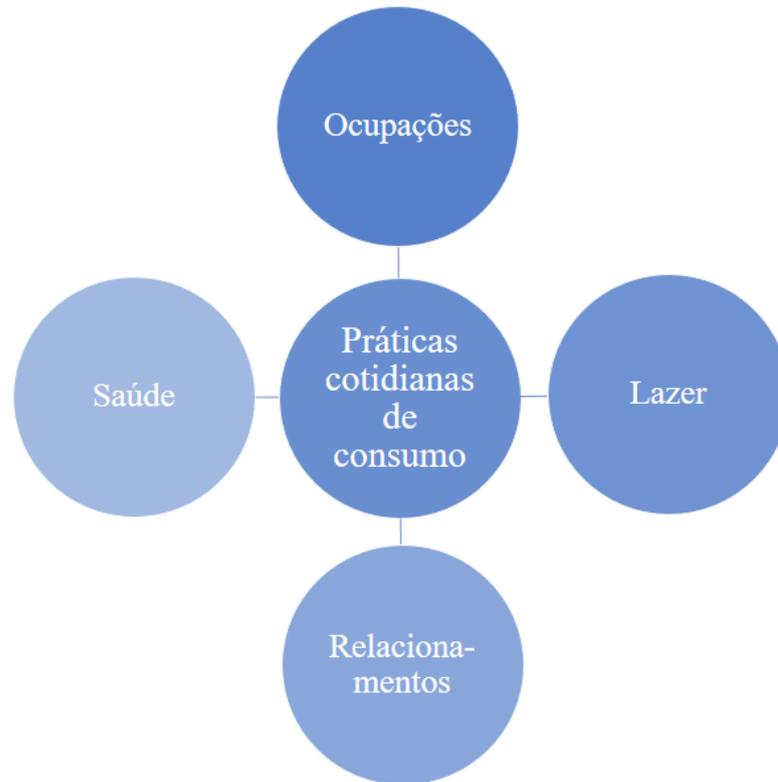


Figura 9. Dimensões das práticas cotidianas de consumo dos idosos usuários das AALs
Fonte: elaborada pela autora.

4.2.1 Práticas de consumo quanto às ocupações e responsabilidades

O sentido do termo ocupação, aqui adotado, remete às atividades que os idosos, informantes da pesquisa, desempenham em seus cotidianos, associando tais ocupações com suas responsabilidades. É preciso compreender o que esses indivíduos fazem e como se ocupam, para então entender suas práticas de consumo. Os idosos que frequentam às AALs têm uma característica em comum: são pessoas ativas, que não querem ficar acomodadas dentro de suas casas. Como consequência, tal comportamento é refletido nas práticas cotidianas de consumo de cada um dos informantes.

Inicialmente identifiquei diferenças entre as regiões de origem de cada um dos idosos o que, à primeira vista, poderia configurar a descrição de suas práticas cotidianas de consumo

por regiões. Constatei, a princípio, diferenças nas formas de interação, como por exemplo: aqueles que frequentam às AALs das regiões Norte, Leste e Oeste, são mais falantes, interagem mais uns com os outros, pois em grande maioria, são vizinhos. Os diálogos vão além dos cumprimentos de “Bom dia”. Já na Região Sul, as interações são, de certa forma, mais distantes, ocorrendo por meio de cumprimentos diretos e educados. As interações, quando ocorrem, são um tanto mais discretas. Além disso, observei o fluxo maior de pessoas de diferentes faixas etárias, assim como a presença de pessoas que não residem nos bairros da Região Sul. As outras regiões, por não pertencerem à área central de Maringá, possuem mais a característica de bairro, remetendo a noção de sentimento de pertencimento e aconchego criados no espaço da AAL.

Observando essas características, procurei identificar se havia diferenças entre ocupações e responsabilidades dos informantes da pesquisa, mas não foi o que encontrei. Ao contrário, identifiquei convergências entre suas práticas cotidianas de consumo, quanto às atividades que desempenham. Isso não significa que todos realizam exatamente as mesmas atividades, mas que seus hábitos, que remetem à pessoas ativas, são semelhantes.

Posto isso, adentrando nas descrições de suas práticas cotidianas de consumo, inicio por suas ocupações e responsabilidades diárias - aquelas que são atividades rotineiras. Assim como frequentar a AAL integra seu cotidiano, os informantes da pesquisa realizam práticas diárias após o retorno da AAL, como limpeza da casa, pagamento de contas em bancos ou em Casas Lotéricas e artesanatos, dentre outras, que são comuns para os mesmos, conforme exemplifico com os trechos das entrevistas. Tanto aqueles que moram com um ou mais membros da família, quanto os que moram sozinhos, assumem responsabilidades de cuidar da casa e quitar contas mensais, por exemplo. Essas constituem um conjunto de atividades que demandam esforço e energia, assim como habilidade de conferir e administrar o dinheiro, exigindo atenção por parte desses idosos. Cabe ressaltar, ainda, que essas responsabilidades mencionadas são assumidas, na maior parte, pelas mulheres. De forma a exemplificar exponho alguns trechos de suas falas relacionadas a tais fatos:

“Eu faço o serviço de casa, vou aos bancos, vou à lotérica, vou pagar uma conta, vou ao mercado. Agora, volto para casa, faço meu serviço, passo roupa, limpo casa. Tenho um cachorrinho e passeio com ele” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 272; L. 61-63).

“Depois vou para casa, cuidar da casa, fazer os servicinhos (rindo). O que pode fazer, faz, o que não pode vai ficando. [...]. Assisto alguma coisa, mas não é tanta coisa, não fico pregada lá na televisão” (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 36; L. 157-159).

“Venho aqui, faço exercício e depois vou para casa, cuidar da vida. Porque todo mundo trabalha, e fica só eu. O meu dia a dia em casa é cuidar da casa. Da lida da casa que só fica eu. A obrigação da casa. Tudo: lavar roupa, almoço, limpeza (rindo). Tudo eu mexo.

Eu faço tudo isso daí. É que minha filha, ela sai... 5 horas da manhã, ela pega esse ônibus aí. [...]. E ela só chega aí pela 5:30 da tarde. E aí eu já fiz tudo. Já estou até fazendo a janta quando ela chega” (rindo) (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 23; L. 98-103).

“Eu faço... eu só não faço assim, limpeza pesada. Porque tem minha neta que mora comigo e faz. Mas, faço tudo. Comida, lavo louça, cuido das coisas. Faço tudo. Vou ao mercado, eu que pago as contas. Lá em casa quem paga as contas sou eu, o marido é mais lerdinho” (rindo) (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 204; L. 288-292).

“Chego em casa agora, vou cuidar do serviço. Faço uma coisa, faço outra. Daqui vou ali na lotérica também pagar uma continha lá também. É tudo sozinha. Graças à Deus. Tendo a idade que eu tenho, vixi eu continuo aí, não preciso de ajuda de nada... tem muitas pessoas aí com 60 anos que não sai de casa sozinha... e eu saio, vixi.... Eu ando por todo lugar. [...]. Eu faço meu crochê, eu nunca vou dormir antes de meia noite, meia noite e meia. Tem vez que eles [filha, genro e neto] chegam do serviço, que eles trabalham em uma pizzaria, eles chegam de lá uma e meia da manhã e eu ainda estou lá, fazendo meu crochê à noite também. Em casa eu faço almoço, lavo louça, limpo casa, passo roupa... roupa é só para eu passar. Minha filha não passa uma peça. E só eu que passo as roupas também. [...]. Eu não para não. Vixi, de jeito nenhum. Graças à Deus. Se não tem outras coisas para fazer dentro de casa, eu sento ali na minha área, e fico olhando lá para o lado da rua olhando os movimentos e fico com meu crochê. O radinho perto ligado. Porque eu gosto muito do que é coisa de Deus. E umas músicas sertaneja, eu gosto” (Angelina, 78, Região Norte – E11; P. 174; L. 12-34).

Além dessas demandas assumidas, outras ocupações dentro do contexto familiar também são realizadas, afirmando o quanto esses indivíduos são ativos e desenvolvem suas próprias responsabilidades. Esse é o caso da Dona Emília, que se mudou recentemente para Maringá, com o objetivo de auxiliar sua filha com um restaurante recém-inaugurado. Dona Emília não assumiu uma função específica na empresa, mas tem grande responsabilidade, principalmente sobre o cardápio, o qual ela domina por ser nordestina e os pratos do restaurante serem da sua região de origem.

“Eu vim [para Maringá] dar uma força para ela [filha], dar uma ajuda nas comidas. Vou ajudando no que precisa. Vou ao supermercado com ela, nas comidas... ajudo em tudo” (Emília, 67, Região Sul – E7; P. 121; L. 285-286).

Assim como Dona Emília ajuda sua filha com as demandas do restaurante, Dona Margarida está responsável por cuidar de seu neto mais novo nas tardes de sábado. Para ela, passar esses períodos com o neto é sinônimo de avó feliz. Essa mesma senhora, enquanto conversávamos em sua casa, planejava o seu dia. Organizando suas atividades domésticas e idas aos bancos, ela planejava receber sua pensão, pagar suas contas e aluguel, além de dar banho em seu cachorro. Quando sua vizinha disse que a demanda de atividades era grande, pois

ambas combinaram de ir ao mercado juntas, ao final do dia, Dona Margarida respondeu que “o que tem que fazer hoje não deixa para amanhã” (Diário de campo – P. 31; L. 1022).

De modo diferente, os homens ocupam-se com outros tipos de atividades, aproximando-se mais e sobrepondo do que considero como atividades de lazer, uma vez que não são responsabilidades que interferem na manutenção de suas casas, como as já mencionadas por parte das mulheres. Essas ocupações são exemplificadas por andar/caminhar entre comércios, frequentar bares, tocar algum instrumento, encontrar amigos, ou desempenhar alguma outra atividade. Seu Elias é um exemplo daqueles que frequentam bares ou outros lugares como uma forma de interação com outras pessoas. Seu Humberto, após aposentar-se, usa parte do seu tempo com a administração da construção de uma casa. Seu Sebastião, além de visitar um amigo, gosta de tocar seu instrumento musical. E Seu Vicente, tendo a AAL como uma das únicas opções para sair de casa, procura realizar outras atividades de forma a ocupar seu tempo.

“Quando eu não estou aqui, as vezes estou andando por aí nos mercados (rindo). Volto para casa, da casa, eu... às vezes quando não vou ao mercado, eu vou ao bar para assistir os caras jogarem sinuca, porque eu gosto de... eu não jogo, mas gosto de ver eles jogando. Tem um barzinho ali que é tudo conhecido. Eu vou lá para ver eles jogando. Vou direto... todo dia... que o cara já é conhecido, o do bar. E só vem aquelas pessoas de idade ali. É bacana que a gente passa o tempo... É bom, não tem aquelas bagunças nem nada. Tem bar que é uma bagunça, ali não... ali é tudo pessoa de idade” (Elias, 81, Região Norte – E23; P. 286; L. 20-27).

“Construo. Agora que eu estou construindo. Estou terminando uma obra. Mas, é só administrar de longe. O engenheiro faz tudo” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 106; L. 133-134).

“Então, eu saio as vezes assim... por aí, com algum amigo que eu tenho. Vou lá na casa dele, lá no centro da cidade, ando, olho as coisas por lá. Em casa eu tenho um acordeão, que eu gosto de mexer com ele. Quando eu estou com a cabeça ruim, eu pego o acordeão, e melhora a cabeça e pronto” (Sebastião, 80, Região Oeste – E16; P. 227; L. 130-133).

“Eu venho aqui só. Umas 10 e meia e depois vou para casa. Na parte da tarde eu não saio. Eu venho aqui, vou na esquina da avenida, fico aqui um pouco, e depois vou para casa. Se tem precisão de ir ao centro eu vou, se não...” (Vicente, 87, Região Oeste – E17; P. 233; L. 129-132).

Avançando a compreensão das ocupações e responsabilidades quanto às suas práticas cotidianas de consumo, identifiquei as práticas religiosas, as quais são atividades assumidas voluntariamente. As ocupações e responsabilidades que emergem de tais práticas estão incorporadas no cotidiano dos informantes da pesquisa. Identifiquei ocupações desde a frequência semanal à missa ou ao culto, até a coordenação de alguma pastoral ou ministérios.

Apesar do nível de responsabilidade ser maior ou menor, aqueles que dedicam seu tempo a essas práticas, fazem-no com empenho e dedicação.

A falta de instruções para leitura pode impedir Dona Regina de participar de algum grupo que gostaria, mas não a impede de ir à missa aos domingos, atividade atribuída como a melhor parte da semana. Da mesma forma, Dona Conceição, reserva horários de três dias da semana para ir ao culto, que após a entrevista, complementou dizendo que é presença confirmada juntamente com suas filhas. Dona Jandira também marca presença ao frequentar o culto em sua igreja, conforme seguem os relatos:

“Na igreja a gente sempre faz. Fazer as coisas lá, eu não faço não, porque leitura, para falar bem a verdade, eu não tenho. Essas coisas tudo tem que ter leitura. E eu não tenho. Eu sempre frequento bastante a igreja, graças à Deus” (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 35; L. 128-130).

“Vou aos encontros, aos cultos. Nos domingos, nas terças, nas sextas” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 274; L. 104).

“Eu gosto de ir à igreja. Eu vou de dia de sexta, de quarta, de sábado e de domingo. Nesses dias, que para mim é sagrado” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 251; L. 245-246).

Há, também, aqueles que assumem diferentes funções em suas respectivas igrejas, como Dona Amélia, que atua nas Pastorais da Família e do Batismo. Na primeira, Dona Amélia atua há mais de 20 anos, atendendo e acompanhando famílias, inclusive atuando na preparação de noivos para o matrimônio (Diário de campo – P. 12; L. 398-401). Cabe destacar que Dona Amélia tem compromissos assumidos em duas Paróquias diferentes, com distância de aproximadamente 4 quilômetros entre uma e outra, em que uma das responsabilidades é participar das reuniões do grupo pastoral na Paróquia, apesar dos casais de noivos irem até sua casa para os encontros que ela prepara de forma personalizada.

“Eu dou curso de noivo, eu dou lá no São Francisco [Paróquia]. Quer dizer, a turma do São Francisco que vem para cá. É personificado, sabe? Agora curso de batismo é da Maria Goretti [Paróquia]” (Amélia, 82, Região Sul – E1; P. 10; L. 326-328).

Ainda, quanto às ocupações referentes às atividades realizadas em suas igrejas, outras são observadas, como as da Dona Emília, da Dona Margarida e da Dona Cristina. Dona Emília dedica parte de seu tempo para atuar em uma Pastoral que objetiva acolher pessoas em suas angústias sociais e familiares, necessidades espirituais e sofrimentos. Colocando-se à disposição para ouvir aqueles que procuram por ajuda. Além disso, atua como ministra da eucaristia a serviço da igreja e da comunidade a qual faz parte. Esses compromissos, assumidos

por Dona Emília, contribuem para o seu crescimento pessoal, como a mesma afirmou e complementou durante nossa conversa:

“Eu sou ministra da eucaristia. Eu participo disso e do ministério da escuta e do acolhimento” (Emília, 67, Região Sul – E7; P. 114; L. 60).

Já Dona Margarida, é missionária da equipe Nossa Senhora Mãe Rainha. Ela coordena as visitas de peregrinação da imagem de Nossa Senhora Mãe Rainha entre as ruas próximas a casa em que reside. A sua dedicação demanda atenção para a realização de alguns eventos, com datas pré-programadas, conforme ela explica, em trecho da nossa conversa.

“Faço as coisas da igreja. Na igreja eu estou com a minha mãezinha [Imagem Nossa Senhora Mãe Rainha] agora. Dia primeiro, eu tenho que levar na casa da mulher e aí ela [imagem] anda. [...]. Sábado agora nós teremos reunião da nossa missionária, que nós somos missionárias. Ai dia... terceiro sábado do mês, tenho que procurar onde ela [imagem] está, tenho que ligar, perguntar onde ela está, para eu achar, vê se a pessoa vai à missa para levá-la e se não vai, eu tenho que pegar [a imagem] e levar na missa, entrar com ela. E nós todas entramos com a mãezinha [imagem], fazendo procissão dentro da igreja. Depois que acaba a missa, cada um pega sua mãezinha [imagem] e leva embora. Ai, a gente leva na casa que pegou ela, para ela continuar a caminhada dela. [...]” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 54; L. 410-416).

Um dos eventos que decorre das atividades dessa equipe de missionárias é a oração mensal do Terço, na qual estive presente, sendo realizada toda quarta sexta-feira do mês (Diário de campo – P. 28; L. 928-932). Ocorreu na casa de uma das famílias vizinhas de Dona Margarida, com aproximadamente vinte pessoas. Entre orações e músicas cantadas por todos, a oração do Terço foi conduzida no quintal da casa, conforme é possível visualizar na Figura 10.



Figura 10. Grupo de oração do Terço
Fonte: pesquisa empírica

Dona Cristina também participa de atividades em sua igreja na companhia de seu marido. Além do compromisso de participar da missa, frequenta o Grupo de Reflexão onde é realizada a leitura da bíblia, momentos de partilhas e interações, sendo cada semana na casa de um dos membros do grupo. Para finalizar, e como de costume, organizam os “*comes e bebes*”, como a mesma atribui. O encontro do Grupo é, também de certo modo, uma atividade social, transcendendo o aspecto religioso. Em sua fala, Dona Cristina explica como ocorre essa atividade:

“A gente [ela e o marido] participa de grupos da igreja. Vou à igreja todo domingo, na quarta-feira, na terça-feira tem nosso Grupo de Reflexão. Tem, toda terça-feira. Ai a gente encontra lá a turminha nossa, faz leitura da bíblia, e conversa um pouquinho. Até ontem eu estava falando para elas [amigas do grupo] ‘vocês param com isso, hein’. Porque estavam fazendo umas coisas para comer depois (rindo) e eu falei ‘vocês param com isso porque não posso comer não’” (rindo) (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 201; L. 181-185).

A frequência aos compromissos assumidos em suas respectivas igrejas é refletida, também, em atividades que os idosos realizam em suas casas. Um exemplo é relacionado aos programas de televisão assistidos ou as emissoras de rádio escolhidas para ouvir. Seu Américo relata como ocorrem as suas escolhas quanto às suas práticas religiosas, conforme segue:

“Eu não sou de assistir novela, essas coisas. Eu gosto de assistir a parte da igreja e reportagem. Então, das 10 às 11 é o padre Reginaldo, tem uma hora de programa. Então, eu não perco por nada. Isso aí eu não perco. Eu já ponho a garrafinha d’água ali para ele dá benção, já sento ali, coloco a televisão e assisto” (Américo, 86, Região Norte – E10; P. 165; L. 143-146).

De muita fé, Seu Oscar só parou de frequentar a igreja devido ao som alto das músicas que são tocadas. Em decorrência do seu trabalho no Japão alguns problemas na audição foram desenvolvidos. Sobre esse aspecto, quando algum som é muito alto, ele sente dores de ouvido. Mas, busca realizar orações em português no asilo em que reside. Antes disso, eram somente orações em japonês, da crença budista. Seu Oscar percebeu que ali, algumas pessoas não entendiam japonês. Foi, então, que ele propôs e pediu autorização para fazer orações em português. Dessa forma, quem tem interesse, pode participar com ele (Diário de campo – P. 35; L. 1154-1157).

Como pessoas ativas que são, outras diferentes ocupações e responsabilidades são assumidas pelos informantes da pesquisa. Frequentar aulas e cursos também é uma de suas práticas, apesar de não ser atividade comum para grande parte dos entrevistados. Destaco, em especial, Dona Amélia, que, além das responsabilidades já mencionadas anteriormente, frequenta as aulas da UNATI, cursando a disciplina de práticas musicais, compõe o corpo de cantores do coral da ACEMA, participa das aulas de dança circular e ainda faz aulas de Teologia, conforme a mesma menciona:

“Eu sempre fiz alguma coisa. Eu faço coral, eu faço dança circular. [...]. Eu também faço UNATI. Tem mais de 30 matérias. Você tem que escolher. Eu gosto muito de cantar, então eu estou nas práticas musicais. [...]. Canto também japonês. Canto na ACEMA” (Amélia, 82, Região Sul – E1; P. 1; L. 31-34).

Dentre as atividades por ela realizadas, tive a oportunidade de participar de uma aula de dança circular. No dia da minha participação a aula foi um ensaio para um evento em que todos os alunos apresentariam. Os passos são simples, mas tem que ter foco para poder realizar cada passo de forma correta, trabalhando o equilíbrio e a concentração. Conforme pode ser observado na Figura 11, além de a dança ser realizada em círculo, os participantes permanecem o tempo todo de mãos dadas. Por isso, um passo errado pode atrapalhar as pessoas que estiverem ao lado. No dia da minha participação não recebi permissão para fotografar. Por isso, a foto é de outra fonte, publicada no Jornal O Diário, alguns dias após minha participação. No entanto, essa imagem retrata exatamente o que presenciei, justificando o fato de adicioná-la ao trabalho, conforme segue:



Figura 11. Aula de Dança Circular
Fonte: Bertola (2017).

Outras diferentes maneiras de ocupações voluntárias também são praticadas. Como, por exemplo, Dona Graça, que atua voluntariamente em um hospital psiquiátrico da cidade de Maringá. Essa senhora, após realizar um curso que permite desenvolver tal atividade, frequenta quinzenalmente o hospital, de forma a ouvir e conversar com os internados. Em um dos trechos de nossa conversa, ela relata sobre sua atividade:

“Eu tenho muita atividade. Eu trabalho com muita coisa, com atividade para a cabeça. [...]. No sábado, a cada 15 dias eu vou fazer visita no hospital, na psiquiatria. Tenho a carteirinha hospitalar. Eu fiz curso” (Graça, 73, Região Leste – E18; P. 241; L. 185-188).

Ocupar-se com atividades que demandam custos financeiros, também é algo que ocorre para os informantes da pesquisa, posto que alguns deles, como Dona Fátima e Dona Amália, realizam aulas de pilates, conforme mencionaram durante nossas conversas. Academias pagas também estão relacionadas às atividades que implicam em custos. Mas, essas atividades serão detalhadas mais adiante na análise.

Conforme pode ser observado, as ocupações e responsabilidades mantêm os idosos, frequentadores das AALs, ativos. Cada um apropria-se de seu tempo à sua maneira, aplicando seus conhecimentos e experiências acumuladas ao longo da vida. As ocupações e responsabilidades descritas constituem-se de grande valor para cada um que as pratica, uma vez que há uma significação que remete às suas práticas cotidianas. Ainda, tais práticas cotidianas desdobram-se no consumo. Os informantes da pesquisa, por meio da significação atribuída às suas práticas cotidianas, afirmam ou configuram sua própria identidade e seus objetivos de vida

(Schau, 2000; Arnould & Thompson, 2005). De forma interdependente, é possível verificar as práticas cotidianas quanto ao lazer.

4.2.2 Práticas de consumo quanto ao lazer

Atribuo como lazer a segunda dimensão das práticas cotidianas de consumo. Lazer é considerado como uma expressão que remete às atividades praticadas durante o tempo livre, que proporciona prazer e diversão. Para os idosos, que contribuíram com a realização desta pesquisa, o lazer não é, necessariamente, algo realizado no *tempo livre*. Não há a obrigação diária de acordar e ir trabalhar, cumprir horários, por exemplo. São indivíduos que já viveram isso e por mais que assumam compromissos e responsabilidades, são demandas que dependem de cada um para consigo mesmo. São eles que organizam o seu tempo, conforme interesses e objetivos próprios.

Sendo assim, o sentido da expressão lazer, aqui adotada, carrega a compreensão de diversão e prazer, mas não é realizada porque sobra tempo. São atividades que já constituem o “tempo” desses idosos. Com algumas exceções, as práticas quanto ao lazer não são realizadas por motivos de falta de oportunidades. No entanto, sendo falta de oportunidade ou não, o lazer relaciona-se com as práticas cotidianas de consumo.

A começar pelas exceções, observei que alguns dos idosos têm momentos de lazer quando oportuno ou proporcionado por alguém ou algum órgão. Nesse caso, o mais comum são as práticas de lazer organizadas por meio de programas da Prefeitura do município, como turismo pela cidade de Maringá, atividades em parques e piqueniques, dentre outras. Dona Regina é um exemplo de que, além de suas ocupações e demais atividades, os seus momentos de lazer, majoritariamente, ocorrem por intermédio de ações de órgãos públicos, como o caso de passeios turísticos realizados por um profissional de nutrição e saúde, vinculado à Unidade Básica de Saúde do bairro.

“Ah, nós passeamos bastante aqui com o povo da saúde, do postinho. [...]. Quando o Ricardo [profissional de nutrição e saúde, da Unidade Básica de Saúde do bairro] ainda estava aqui, nós fomos em vários lugares. No parque do Japão. [...]. Esse ano nós já fomos duas vezes. Nós passeamos no parque do Japão nesse dia também, mas nós fomos na tal da jardineira e andamos na cidade, sabe?” (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 36; L.138-141).

Outro exemplo é o Campeonato de Boliche organizado pela Prefeitura. Um dos eventos mais esperado por grande parte dos idosos que frequentam às AALs, o Campeonato de Boliche,

além de promover a integração entre os frequentadores de diferentes bairros do município, proporciona momentos de diversão e prazer. Em meio às pistas de boliche ocorrem bingos e aulas de danças, momentos dos quais participei.

O que para alguns não seria uma atividade inédita, para outros é uma novidade. Tanto é assim que Dona Margarida conheceu o boliche por meio do campeonato, e desde então é o seu esporte preferido. Com exceção de uma vez que foi com suas amigas, momento organizado por conta própria, sua frequência às pistas de boliche ocorre somente nos dias de campeonato, de modo que a mesma fica na expectativa para tais dias. A satisfação para participar é maior se comparada ao desejo de vencer o campeonato. O que vale, para dona Margarida, é participar e se divertir jogando boliche, conquistando suas medalhas, as quais ela guarda com carinho (Diário de campo – P. 57; L. 1820-1823).

As Figuras 12 e 13 são duas fotos registradas durante os dias do campeonato. Apesar de buscar interagir com diferentes idosos que conheci por meio da AAL, nessa ocasião o maior contato ocorreu com Dona Margarida e sua equipe.



Figura 12. Uma das equipes no Campeonato de Boliche, com a participação de Dona Margarida
Fonte: pesquisa empírica



Figura 13. Dona Margarida e suas amigas com as medalhas do Campeonato de Boliche
Fonte: pesquisa empírica

Os momentos em família também constituem as práticas de consumo quanto ao lazer. Os encontros e as refeições compartilhadas com os membros familiares enquadram-se nessa dimensão. Do mesmo modo, outros tipos de encontros são reconhecidos como tal, conforme observei Dona Amélia passando um período da tarde em uma padaria com um de seus filhos (Diário de campo – P. 29; L. 982-986). Visitar membros da família ou receber visitas dos mesmos, caracterizam-se como momentos que remetem ao prazer e à diversão. O tempo dedicado aos netos vai além de cuidar e responsabilizar-se, mas envolve também, momentos de descontração.

“Eu gosto de sair [...]. Tem hora que estou em casa, e falo assim ‘ah, acho que vou lá pra Mandaguaçu [cidade vizinha de Maringá], vou lá para a casa das crianças [netos]’. E eu vou lá, saio com eles, tomo sorvete” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 276; L. 180-181).

“Eu corro com ele [neto]. A gente brinca muito ali. Aí eu corro com ele, corria para o Bilu [cachorro] correr também. Aí eu parava, e ele mandava “anh, anh” e eu tinha que correr e levar o Bilu para ele correr atrás” (rindo) (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 67; L. 793-795).

Há, ainda, as formas ou programas de entretenimento que proporcionam prazer e diversão. Em alguns momentos, tais programas são vistos como uma das ocupações desses idosos. Observei os programas de televisão como uma das opções. Dentre esses, novelas,

programas musicais, telejornais e programas religiosos. Destaco alguns dos relatos em referência ao entretenimento:

“Novela, essas coisas... sou novelista” (rindo) (Isabel, 68, Região Norte – E12; P. 191; L. 247).

“Tem programa caipira que eu gosto, mas eu não largo de assistir coisa da igreja. Sendo dia de semana, às 3h tem o terço da misericórdia. Eu assisto também, não perco nenhum” (Américo, 86, Região Norte – E10; P. 165; L. 166-168).

Eu assisto... um programa muito bom que eu gosto é o jornal nacional. E novela também (rindo). Jornal eu não perco um. Sempre de cedo, ligo no jornal. Antigamente eu comprava um jornal para ler. Agora não... eles passam lá e lê o jornal para mim” (rindo) (Sebastião, 80, Região Oeste – E16; P. 228; L. 139-142).

O uso da Internet para aqueles que têm acesso é uma das opções de entretenimento, assim como de aprendizado e conhecimento. Muito mais que uma fonte de interação e contato com outras pessoas, acessar a internet, para Seu Humberto, é uma forma de entretenimento. Dentre todos os informantes, Seu Humberto e Seu Oscar foram as exceções que mencionaram a prática da leitura por meio de matérias disponíveis de modo *online* (Diário de campo – P. 32; L. 1081-1083). A leitura e a pesquisa como práticas necessárias ao exercício da profissão, anterior a aposentadoria, são mantidas por Seu Humberto:

“Tem a internet. Em casa é a internet. Leio bastante, pesquiso” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 106; L. 129-130).

Dentre outras atividades que proporcionam prazer e diversão está a dança. Citada por algumas das mulheres, com as quais conversei, sair para dançar é um momento de integração, diversão e relaxamento. Destaco alguns trechos que remetem a tais aspectos sobre a dança:

“Vou lá no clube do Vovô [clube de dança]. Às vezes eu vou lá no.... dia de sábado eu vou no Peti [clube de dança], lá embaixo no Alvorada [bairro de Maringá]” (Isabel, 68, Região Leste – E12; P. 187; L. 131-133).

“Eu gosto muito de dançar. É o meu exercício predileto, é a dança. Porque é assim... eu vejo a dança assim: às vezes você está em casa, você não está legal, você está... é que sempre tem algum problema, não é verdade? Um dia você está triste, outro dia você..., mas, eu penso assim ‘hoje eu não estou com vontade, mas eu vou’. Você chega lá, você encontra muitas pessoas conhecidas. Aí, o que que acontece? Você acaba conversando, dançando... e esquece os problemas. [...]. Eu gosto muito de dançar. Falar para você, acho que uma coisa é que eu vou morrer dançando” (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 146; L. 79-85).

Conforme já mencionado anteriormente, estive presente em um dos bailes que três senhoras informantes da pesquisa frequentam (Dona Isabel, Dona Marta e Dona Virgínia).

Devido à sua cirurgia, Dona Marta não estava presente no mesmo dia, assim como Dona Isabel também não compareceu. Mas, tive a companhia da Dona Virgínia, e suas amigas. Neste dia, era um baile temático, com o tema *Primavera*. Ocorreu uma eleição da mulher e do homem mais bem vestido. Dona Virgínia não foi eleita, mas fez questão de ir com seu vestido florido (Diário de campo – P. 52; L. 1747-1752). A Figura 14 retrata um dos momentos do baile. Na companhia de Dona Virgínia e sua amiga, solicitei o registro da imagem. Durante toda a duração do baile constatei tratar-se de um momento de descontração e diversão, assim como interação entre as mais diversas pessoas, que Dona Virgínia já conhecia ou não.



Figura 14. Baile da terceira idade - Dona Virgínia em minha companhia e de sua amiga
Fonte: pesquisa empírica

Por complementar essa dimensão das práticas de consumo cotidianas quanto ao lazer, observei que, simultaneamente, à prática de atividades físicas, a AAL também pode ser considerada como uma opção de prazer e divertimento. Identifiquei dentre alguns informantes que a AAL se caracteriza como uma das poucas ou mesmo únicas opções para o lazer.

4.2.3 Práticas de consumo quanto aos relacionamentos

As práticas de consumo também são observadas quanto aos relacionamentos que constituem a vida dos idosos informantes da pesquisa. Por isso, caracterizo como a terceira

dimensão de suas práticas cotidianas de consumo. O relacionamento com família, amigos e companheiros remete aos momentos de convívio e amizades, que os informantes relatam vivenciar. Aqueles que foram casados ou estão casados, têm o casamento como uma das fontes de relacionamentos. Casamentos de longos anos foram comuns de encontrar dentre os idosos. Conforme os exemplos, expostos a seguir, de Seu Humberto e de Dona Margarida:

“Vou fazer 50 anos de casado, com a mesma mulher. Deve ser indicativo de alguma coisa” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 104; L. P. 66-67).

“Quando fizemos 50 anos, meus filhos fizeram a festa de boda de ouro. Eu tenho até o CD lá em casa, que eles gravaram. Aí, depois de 50 fiquei com ele mais um ano, e Deus o levou. Ai, eu fui lá no Santíssimo e falei para Jesus que eu vou entregar minha vida só pra Jesus, que tudo o que eu ia fazer era para Ele e para igreja. Para você vê... várias pessoas vieram atrás de mim querer saber ‘você não quer arrumar outro?’ Eu falei ‘não, dispensou’. Jesus é tudo na minha vida” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 62; L. 683-687).

Apesar de a Dona Margarida mencionar sua opção por não se casar novamente, durante os momentos de integrações, observei, dentre as informantes, duas senhoras que estavam em outro relacionamento, sendo Dona Virgínia e Dona Isabel. Uma está divorciada e a outra viúva. Mesmo em um momento de separação, comum às duas, ambas não se sentiram restritas a iniciar um novo relacionamento (Diário de campo – P. 44; L. 1470; P. 51; L. 1721).

Comum também aos informantes são os encontros e interações com a família, que ocorrem com frequência, conforme mencionado no que tange as práticas cotidianas de consumo quanto ao lazer. Além dos relatos destacados a seguir, também presenciei momentos que representam os relacionamentos em questão, como telefonemas e encontros.

“Eles [filhos e netos] que vem. Eles gostam mais de vir (rindo). Eles preferem vir. Qualquer coisa é lá em casa. É dia do pai, é dia da mãe, é aniversário, é tudo lá em casa. Daqui 5 anos, nós vamos fazer 60 anos de casado, e vai ter festa” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 202; L. 237-239).

“Agora com *Whatsapp* e *Face Time*, todo dia estamos nos falando. Estamos nos vendo e nos falando” (Afonso, 60, Região Sul – E6; P. 112; L. 105).

“Oh, ontem mesmo veio uma [filha]. No sábado veio uma, ontem veio a outra. Ganhei uma TV fininha, que ela trouxe para mim. Vixi Maria, eu era doída por uma televisão e ela me deu de presente. Agora sim. E tem a outra também, que é mãe do nenê, ela esteve em casa no sábado. O lá de Sarandi [cidade vizinha de Maringá] vem também, me ver. O de Pato Branco está sempre vindo também. Meus filhos estão sempre aí vindo me ver, ligando. Graças à Deus” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 62; L. 691-695).

“Meu filho trabalha de segurança lá em Tuquarituba-SP, perto de Avaré-SP. É mais a gente que vai lá. Ele é segurança. Então, é mais nós que vamos. Vamos sempre. Cada

três meses assim, que são cinco horas de viagem até lá” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 254; L. 341-343).

“Toda semana eu os vejo. Se eles não vêm em casa eu vou lá vou na casa deles. Tenho amizade bacana. É importante a família. Quando eles não vêm em casa, eu vou lá. Não fico sem vê-los. Vou sozinha, pego a circular [ônibus] e vou. [...]. Minha filha chega do trabalho e nós duas ficamos conversando. A outra casada vem também, fica um pouco lá comigo. E assim, ela vem todo dia. Todo dia ela vem na minha casa, é difícil ela ficar sem ir...” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 275; L. 158-163).

Além da família, há os relacionamentos de amizades, fortes laços de relações que são valorizadas pelos informantes da pesquisa. A exemplo de Seu Humberto, manter os amigos por perto é uma forma de viver bem e melhor, pois são pessoas com as quais é possível confiar e saber que podem solicitar algum auxílio se e quando necessário. De grande valia para Seu Humberto, utilizo um trecho de sua fala para representar esse sentimento comum aos informantes da pesquisa, conforme segue:

“Eu tenho outros amigos, que a gente frequenta outros lugares. A gente sai para almoçar no sábado, sabe? Uma turma boa. Você chega numa fase que você precisa ter amigos. Tem que cultivar os amigos que você tem, porque quando você fica mais velho, você tem dificuldade de fazer esses relacionamentos... né, Fernanda? É difícil de você fazer. Então, você tem que cultivar aqueles que você já tinha. Você sabe o que a pessoa pensa, o que ela acha, como é que ela vai se comportar. E geralmente, você não erra as expectativas que você tem das pessoas” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 106; L. 116-120).

Dessa forma, os relacionamentos, seja com amigos, familiares ou parceiros, faz parte do cotidiano dos idosos frequentadores das AALs. Esses momentos de interação e convivência proporcionam satisfação e prazer para os mesmos, que buscam manter e valorizam a vida em comum.

4.2.4 Práticas de consumo quanto aos aspectos que constituem a saúde

Completando as quatro dimensões, identifico as práticas de consumo que remetem aos aspectos relacionados à saúde. A fala de Seu Humberto representa o que os informantes relataram durante nossas conversas e interações:

“Ninguém faz impunemente 70 anos” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 107; L. 167).

Associada a idade mais avançada estão os desdobramentos que remetem à saúde, mais especificamente os aspectos negativos. Conforme é possível observar pela fala de Seu

Humberto, chegar a uma idade mais avançada e ser considerado um idoso também é sinônimo de ter que conviver com alguns problemas de saúde, alguns mais graves, outros não. Os problemas de saúde são comuns na vida dos idosos, o que acarretam consumo de remédios ou outros serviços médicos. Não são todos que consomem, mas aqueles que o fazem descrevem sobre isso:

“Da pressão eu tomo três medicamentos de manhã. Quando eu chegar lá agora eu tenho que tomar. Tomo para o joelho. Então, eu tomo do ácido úrico à noite. Da diabetes eu tomo na hora do almoço. Então, o que mais? Da angina eu tomo um à noite. Então, da chaga eu não tomo remédio da chaga, porque eu faço uma pesquisa na universidade com as meninas lá, sabe? Faz tempo que eu faço pesquisa, porque não tem remédio, né? Tem que ver em que nível vai chegando” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 26; L. 183-185).

“Eu tomo mais o do colesterol e da diabetes... porque diabetes é bem pouquinho que eu tenho... disse que tinha que tomar remédio... e a pressão alta, para não subir mais (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 35; L. 103-105).

“Depois que aconteceu isso [infarto], eu tomo bastante remédio, bastante comprimido” (Américo, 86, Região Norte – E10; P. 165; L. 150-151).

“O único remédio que eu tomo é para tireoide. Eu tenho glaucoma e uso colírio” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 245; L. 48-49).

Apesar de ter que consumir remédios, não é uma prática que agrada aos informantes da pesquisa. O fato de poder evitar o consumo dos tais comprimidos representa uma conquista, conforme Seu Orlando destaca. Para ele, há outras opções que substituem a ingestão de remédios:

“Estava começando..., mas, tomei cuidado e não precisou. Eu já estava quase pegando remédio no postinho [UBS] para dormir. Não precisou. Eu vou ficar ingerindo remédio sendo que tem recurso? Nós temos que fazer o que? Nós temos que evitar de ficar ingerindo medicamento” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 128; L. 154-156).

Além do consumo de remédios, a frequência a consultas médicas é uma prática comum. Este é um hábito para evitar males maiores, ou seja, os mais conhecidos exames de rotina. Com exceção de Dona Aparecida, que faz tratamentos para seus problemas de saúde, os demais informantes frequentam as consultas médicas como forma de prevenção e cuidado. Um trecho da fala de Dona Margarida retrata esse contexto. Atenta aos problemas de coração, devido ao enfarte que provocou a morte de seu esposo, a mesma procura manter em ordem os exames de prevenção.

“Eu vou ao médico assim... uma vez para pegar remédio para pressão, da tireoide, que teve que passar pelo médico. Fazer exame da diabete para ver como é que está. Se está

controlado... e só. Ai, vai só trocando receita e pegando remédio, e só. É difícil eu ir ao médico, é difícil... graças à Deus. [...]. Então, é... eu também vou fazer exame. Vou lá porque de 6 em 6 meses tem que ir no cardiologista. Mas, graças à Deus não estou sentindo nada. Mas, eu vou, né? Prevenção... tem que ir para ver como está o coração [...]. Mas, eu não faço pelo SUS, eu pago, tem que pagar... eu pago cento e pouco, por aí” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 64; 745-747).

Conforme relato dos informantes, é possível constatar os benefícios resultantes da prática de frequência à AAL, que implicam em seus consumos de remédios e serviços médicos. Não afirmo que a utilização dos aparelhos da AAL, ao praticar os exercícios físicos regularmente, contribuem para a manutenção equilibrada da saúde desses idosos, uma vez que essa questão adentra outra área de conhecimento que não a minha, mas afirmo que tais benefícios são resultantes da sociabilidade que ocorre naquele determinado espaço,

4.2.5 Interlocução teórica e empírica: (re)apropriação da própria vida

De forma interdependente, as práticas de consumo descritas refletem como ocorrem a vida dos idosos frequentadores das AALs, que por meio de suas ocupações, lazer, relacionamentos e saúde, (re)apropriam-se da própria vida. Cada um à sua maneira singular expressa seu estilo de vida e identidade por meio do consumo. Seja este expresso por práticas cotidianas quanto ao consumo de uma experiência, de um bem ou serviço, todos os informantes atribuem significados e buscam o bem-estar, apropriando-se de normas pré-estabelecidas, especialmente quanto ao que envolve o envelhecer (Certeau, 2014; Highmore, 2006; Neubauer, 1999). Por isso, a vinculação entre cultura e consumo, uma vez que o último é traduzido de forma culturalmente compartilhada (McCracken, 2003).

Ao buscar responder quem é o idoso usuário da AAL, observo-o como indivíduo fragmentado e descentrado. Essa compreensão corrobora com o que Firat e Venkatesh (1995) argumentam à luz do pós-modernismo. Fragmentados e descentrados quanto às suas vidas e experiências, rompendo com uma realidade única, mas buscando viver os momentos de suas experiências atrelados a sensação e ao prazer, construindo seu próprio significado. Não há um único estilo de vida associado a esse indivíduo idoso, uma vez que o mesmo recontextualiza aquilo que lhe é dado, fazendo uma bricolagem, ou ainda, o consumo como uma produção, que pode ser apontado como a reversão de produção e consumo, como descrito sobre as condições pós-modernas (Firat & Venkatesh, 1995; Certeau, 2014).

Se por um lado há uma lógica restrita de liberdade para esse idoso, uma vez que condições sociais, econômicas e familiares podem condicionar suas ações, por outro lado, o idoso frequentador da AAL é aquele que, agindo com sua maneira, é simultaneamente consumidor e produtor, que cria a sua própria história, valores, significados e experiências, por meio de suas práticas cotidianas de consumo, que decorrem de mudanças em lentes unificadoras que pré-estabelecem normas (Firat & Venkatesh, 1995) ou até mesmo, padrões de comportamento em referência à idade. São indivíduos com capacidade de autonomia, e por meio das lentes do pós-modernismo é possível depreender que são essas práticas cotidianas de consumo, mudanças e suas narrativas que os definem enquanto indivíduos e consumidores (Venkatesh, Sherry Jr. & Firat, 1993; Cova, 1996). Assim como Paterson (2006) defende, processos conscientes e inconscientes estão presentes nas práticas de consumo desses idosos, revelando suas identidades, aspirações e cultura.

Estando aposentados ou não, os idosos informantes da pesquisa são a soma do que viveram e não aposentam seus desejos e anseios, posto que o que muda é o cotidiano, e quem o muda são esses mesmos indivíduos. Os idosos com quem conversei são todas pessoas ativas, que por mais que tenham algum problema de saúde ou dificuldade física, não estão com o “prazo de validade vencido”, se posso dizer assim, pois não querem fazer algo sem atribuir algum sentido. Ir à AAL, fazer uma atividade física e conversar com outras pessoas, contribui para que os mesmos estejam ativos e atentos para o que está acontecendo no mundo a sua volta. São informações que eles extraem do que assistem na TV ou leem na internet, por exemplo. Tudo isso desdobra-se no próprio consumo de cada um, como: estar atento ao que é saudável ou não, ao que faz bem para a saúde, e cuidados com a vaidade, dentre outros desdobramentos. São pessoas que querem e buscam participar de atividades na igreja, sair com os amigos, e não querem a monotonia de ficar em casa sozinhos. Isso ocorre, somente, quando há alguma condição que os impedem. O fato de estar aposentado não é sinônimo de estar à toa, sem responsabilidades e compromissos. Estabelecem um horário para ir à AAL, para a limpeza da casa, para as atividades na igreja, para sair com os amigos, e querem estar com a família, dentre outras atividades, conforme descrevi.

Contudo, ao olhar para suas práticas de consumo, após começarem suas frequências às AALs, as quais advém de estratégias de políticas públicas, observo como o interesse pela atividade física é despertado pela maioria dos idosos informantes da pesquisa. Essa frequência molda suas práticas de consumo, conforme foram descritas aqui, e serão, agora, compreendidas como (re)invenção cotidiana.

4.3 Práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano

Frequentar à AAL, conforme já foi discutido, é uma prática constituinte do cotidiano dos idosos informantes da pesquisa. Até aqui os aspectos quanto à frequência e ao uso e sobre quem são esses idosos, foram compreendidos. Em vista disso, esse tópico aborda o terceiro objetivo específico dessa pesquisa, que visa compreender as práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano dos idosos que frequentam às Academias ao Ar livre.

A prática de frequentar à AAL, tanto para os informantes que frequentam há mais tempo quanto para os outros que frequentam há menos tempo, introduz uma nova dinâmica para a vida desses indivíduos, processando constante (re)invenção do cotidiano dos mesmos, como desdobramentos de suas práticas de consumo. É desta forma que busco organizar este tópico, apresentando inicialmente como ocorriam suas práticas, para então, compreender as mudanças que ocorreram e estão ocorrendo quanto ao cotidiano dos informantes da pesquisa.

4.3.1 O "antes" de frequentar à AAL

Para o entendimento das práticas de consumo dos idosos, informantes da pesquisa, e como a frequência à AAL provocou uma (re)invenção do cotidiano dos mesmos, apresento a noção de como ocorriam suas práticas cotidianas de consumo anterior a tais frequências. Inicialmente, as respostas emergiram de forma direcionada à prática de atividade física. Se para um grupo de informantes a realização de exercícios físicos era atividade constituinte do cotidiano dos mesmos, para outro grupo não era.

Dessa forma, observei quatro contextos diferentes entre os informantes da pesquisa: i) aqueles que investiam algum valor financeiro para praticar atividade física; ii) aqueles que somente caminhavam; e iii) aqueles que não praticam atividade física. Mais comum aos informantes da Região Sul, atividades como pilates e jogos de futebol são algumas das atividades mencionadas como aquelas que tinham um custo financeiro, conforme Seu Humberto e Dona Emília relatam:

“Era futebol, gostava de jogar futebol. Sempre, sempre joguei bola. Joguei até os 60 anos” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 104; L. 35-36).

“Eu praticava pilates e hidroginástica. Parei com a hidroginástica e com pilates. Agora só estou com a academia da cidade [a AAL]” (Emília, 67, Região Sul – E7; P. 113; L. 30-31).

Apesar de não frequentar clubes ou aulas de pilates, Dona Jandira comprava revistas com instruções de atividades físicas para realizar em sua casa. Preocupada com a saúde, essa senhora buscava alternativas condizentes com sua disponibilidade financeira para realizar atividades, conforme a mesma relata:

“Ah, eu fazia em casa. Assim, eu fazia em casa. Eu comprava aquelas revistas de exercício, fazia caminhada e fazia em casa...” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 248; L. 167-168).

Quanto àqueles que praticam atividades físicas, mas conforme recursos disponíveis, sem gastos financeiros diretos, como Seu Orlando e Dona Isabel, as caminhadas ao redor de praças ou avenidas eram as opções:

“Fazia alguma caminhada. Caminhada eu já fazia” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 124; L. 26).

“Nós fazíamos... quando era... estavam fazendo esse negócio aí... essa avenida ai [Contorno Norte]... esse contorno ai... eu mais minhas amigas, nós só caminhávamos ali. Toda vida eu andei. A minha vida foi andar. Toda vida eu gostei” (Isabel, 68, Região Leste – E12; P. 185; L. 64-66).

Para aqueles que não praticavam nenhuma atividade física específica, a implantação da AAL veio a suprir essa necessidade, aproximando-os dos exercícios para o corpo. Em alguns casos, como o de Dona Angelina, exercitar-se é uma atividade que começou após sua frequência à AAL, o que não acontecia até então, segundo afirma:

“Não, não... Nada nada nada nada. Comecei foi só aqui mesmo, nesse redondinho aqui [espaço da AAL]” (Angelina, 78, Região Norte – E11; P. 179; L. 176-177).

Simultaneamente a diferentes contextos da vida dos informantes da pesquisa, a frequência à AAL era algo incomum. O falecimento de maridos, por exemplo, é um contexto bastante presente e que contribui para estimular ou encorajar, aquelas que ficaram viúvas, a frequentar a AAL. Outros hábitos e costumes, ou até mesmo atividades profissionais, eram atividades realizadas em momento anterior a conhecer e começar a frequentar a AAL. Pessoas não habituadas ou que não sentiam a necessidade de praticar atividade física começaram e desenvolveram esse hábito, de acordo com o que é expresso nos seguintes relatos:

“Não tinha, era só em casa que ficava. Fazia tapete. Ai, fazia o serviço da casa e o dia inteiro ali sentada, fazendo aquele tapete. [...]. Só que meu marido, ele caminhava, todo dia e eu não ia. Ai, ficava assim. E cada vez ia piorando mais. E foi, ele que tinha tanta saúde, foi embora. E eu cheia de problema e cirurgia, fiquei. Meus Deus do céu...” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 218; L. 193-196).

“Lá onde eu morava, não fazia nada. Fazia assim, porque andava na cidade, mas não fazendo... não ia fazer. Porque lá onde eu morava, jogava baralho todo dia. Tinha muita amizade. Trinta e dois anos. Ai, nós íamos no fundo de um bar lá e jogávamos baralho, mais brincadeira” (Américo, 86, Região Norte – E10; P. 164; L. 104-106).

“Costurava o dia inteiro... fazia facção. Sentava na máquina 7 horas da manhã, levantava para almoçar, voltava para a máquina, ficava até 11 horas da noite” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 198; L. 98-99).

Frequentar a AAL também pode ser visto como uma ampliação de opções para exercitar-se, como para aqueles que já tinham o hábito e a preocupação em realizar tais exercícios, conforme exemplos citados de Seu Orlando e Dona Isabel. Mas, mudança maior ocorreu para aqueles que não praticam atividades físicas e tampouco preocupavam-se com a necessidade de possuir esse hábito. De todas as formas, essa mudança proporcionou uma aproximação e consumo da atividade física, desdobrando-se em interesses, necessidades e desejos que implicam em suas práticas de consumo.

É nesse sentido que Certeau (2014) destaca os desdobramentos do cotidiano, por meio do qual ocorrem os movimentos de operações dos frequentadores das AALs. Esses movimentos estão relacionados às circunstâncias particulares do cotidiano de cada um dos idosos (Highmore, 2006; Certeau, 2014), as quais serão mais bem compreendidas no decorrer da discussão nesse tópico, uma vez que expressam suas práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano.

4.3.2 Consumo a partir dos benefícios percebidos

Compreendendo o “antes” de começar a frequentar a AAL, algumas mudanças começam a emergir, implicando no consumo dos idosos a partir dos benefícios percebidos ao frequentar a referida Academia. Aqueles que frequentam a AAL, o fazem devido a benefícios próprios, apropriando-se do espaço e moldando os significados, conforme o seu interesse (Certeau, 2014), acarretando em produção nas práticas e processos de consumo (Paterson, 2006).

Para alguns dos idosos, observei, conforme exposto anteriormente, a aproximação com a atividade física, o que remete ao consumo da própria atividade física. Para quem não realizava exercícios físicos, seja por localização de residência, onde não há uma AAL, ou por não ter condições financeiras de arcar com custos para realização atividades físicas, ter uma AAL próxima à sua casa possibilitou a prática desses exercícios. A frequência a AAL também pode

ser vista como um auxílio para superação de alguma situação difícil, que ocorreu na vida de alguns informantes. Além da aproximação com a atividade física, ir à AAL é uma forma de adaptação às dificuldades enfrentadas, ou como no caso de grande parte das mulheres informantes, que ao ficarem viúvas encontraram uma forma de superação ao frequentarem a AAL, conforme o exemplo de Dona Margarida:

“Quando meu marido morreu, foi difícil, Fernanda. Ai, eu ia até o cemitério todos os dias... chegava lá e chorava. Até começar a vir aqui e na igreja” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 58; L. 557-559).

Falando mais ao que tange sobre os benefícios da frequência à AAL, compreendi-os sob dois pontos de vista. O primeiro é resultante da prática de atividades físicas. O exercitar-se proporciona benefícios quanto à saúde, prevenindo e melhorando o condicionamento físico e doenças crônicas, conforme postulado e defendido por profissionais da saúde e até mesmo divulgado pelos meios de comunicação da Prefeitura, conforme apresentei anteriormente. Assim como contribui com aspectos mentais, para além de aspectos físicos. Durante um dos eventos da pesquisa de campo, em uma caminhada no parque, observei que precisaríamos descer grandes degraus. Ao meu lado estava uma das informantes, que coloquei-me à disposição para ajudá-la a descer. Ajuda recusada. A mesma senhora justificou que se fosse algum tempo atrás, “antes da AAL”, aceitaria. Mas a prática de fazer os exercícios na AAL contribuiu para fortalecer a musculatura e o equilíbrio. Por isso ela desceria as escadas sozinha, fazendo-o sem o auxílio de outra pessoa (Diário de campo – P. 18; L. 607-610).

O segundo concerne aos benefícios resultantes da frequência àquele espaço. Os benefícios não são percebidos somente devido ao fato de utilizar os aparelhos da AAL, mas, principalmente, de estar presente, convivendo e interagindo com pessoas no espaço da Academia. Pode não ser consciente a todos os frequentadores, mas durante minhas visitas às AALs observei falas e ações que remetem ao que afirmo. Uma fala que procurei registrar fielmente foi de uma senhora, ao questionar da seguinte forma: “Quem vai pagar academia se aqui é mais divertido, dá para conversar, é ao ar livre e dá para ver o movimento dos carros?” (Diário de campo – P. 49; L. 1643-1645). O seu questionamento está intrinsecamente pautado em sua própria afirmação, referindo-se aos benefícios de estar naquele espaço.

A fala de outro senhor converge com o trecho anteriormente mencionado ao afirmar que a AAL “é o divertimento dos ‘veios’ e das crianças” (Diário de campo – P. 26; L. 876-878). Essa afirmação atribui o termo “veios” em referência aos idosos que utilizam o espaço da AAL, da mesma forma que as crianças utilizam a API (Academia da Primeira Idade), instalada ao

lado. Esse divertimento ocorre devido à integração daqueles que ali frequentam, resultado da convivência que ocorre no espaço da AAL. Para o senhor, que pronunciou o trecho citado, a diversão e convivência supre o fato de morar sozinho e não ter ninguém para conversar, pois seus filhos raramente o visitam. Da mesma forma, outra senhora, que encontrei na mesma AAL, disse que ninguém gosta de conversar em casa e o filho e o marido trabalham. Então, para não ficar sozinha em casa, a mesma prefere sair e conciliar a prática da atividade física com a interação com outras pessoas no espaço da Academia (Diário de campo – P. 27; L. 905-908). Em complemento, o conjunto desses aspectos observados provocam efeitos favoráveis em cada um dos informantes, como a disposição.

Disposição, esse foi o termo que mais ouvi durante minhas observações e entrevistas. Conforme o tempo de presença no campo avançava, cada vez que ouvia alguém pronunciar essa palavra - disposição - questionamentos pairavam ao longo de minhas reflexões: “O que eles querem dizer com disposição? O que está por trás dessa tal disposição?” (Diário de campo – P. 47; L. 1569-1573). Em diversos momentos, a minha impressão era que frequentar a Academia ao Ar Livre era sinônimo de disposição.

A partir dessa linguagem comum, dentre as quatro regiões visitadas, observei que o termo disposição, associado aos benefícios proporcionados pela frequência à AAL, desdobrava-se em implicações quanto às práticas de consumo dos informantes da pesquisa. O que pode ser associado à condição física, como vigor, energia, animação e resistência, por exemplo, também está associado ao autocuidado, ao desejo de buscar aprender algo novo, ao desejo e necessidade por sair de casa, dentre outros. A Figura 15 retrata alguns dos mais diferentes significados atribuídos, pelos próprios informantes, a tal termo.



Figura 15. Significados atribuídos ao termo disposição
Fonte: elaborada pela autora.

Utilizando-se e apropriando-se dos aparelhos e espaço da AAL, ao mencionar em diversos momentos o termo disposição, aponto o consumo simbólico dos idosos frequentadores da Academia. A associação do termo disposição remete a (re)configuração de sua identidade e novos objetivos de vida desses idosos.

Mais comum aos informantes das Regiões Norte e Oeste, a disposição associada à AAL refere-se ao ânimo e vontade de sair de casa. Sair para ir ao comércio, sair para ir à algum evento, sair para o lazer, dentre outras ocasiões. O fato de sair de casa torna-se algo comum ao cotidiano desses idosos, o qual observei que os mesmos associam e compreendem como uma questão de liberdade, de independência de outras pessoas, conforme exposto por meio dos relatos a seguir:

“Mudou tudo, porque eu não aguentava mais andar, entendeu? Então, para mim mudou tudo. Hoje eu venho aqui sozinha, não dependo de ninguém, vou ao mercado, vou à igreja. Sair mais, me arrumar mais, né? E sair, porque não tem o que fazer ali dentro de casa” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 214; L. 54-57).

“Ah, eu me sinto melhor. Até minha filha fala que eu me sinto mais pra frente... mais melhor, mais coragem, né? Mais tudo. [...]. Mais pra frente é assim mais alegre, que a deprê já passou... se eu ficar dentro de casa enfiada, né? E assim não, assim eu me sinto muito bem. Antes ficava mais amuada em casa. Mais assistindo novela, mas, agora não. Agora tem outros afazeres melhores” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 24; L. 126-130).

“Quando eu era muito parado, acomodado, eu não dormia direito, eu tinha até falta de ar eu tinha, entendeu? Eu ia caminhar assim muito ligeiro e não aguentava, e comecei a praticar aqui [AAL] e agora ando até mais rápido como até corro também. Até corro, meia hora por dia” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 125; L. 46-48).

“Então, a gente está andando, tudo bem, tem disposição para as coisas. Então, eu acho bastante vantagem. Então, eu acho muita vantagem quando chego ali, a neta fala desse jeito ‘o vô, o senhor vai ali no mercado buscar tal coisa, que está faltando?’ Aí eu venho ao mercado, vou lá no Bom Dia [mercado], compro. Vou à igreja todo domingo. Tem o sogro do meu filho que mora na parte de lá, eu vou lá passear. Então, eu acho que é vantagem que anima a gente a andar. Eu acho que se eu ficasse só dentro de casa, lá não tem nada” (Américo, 86, Região Norte – E10; P. 163; L. 101-106).

“Ah, melhora muito. Porque você tem mais vontade de sair. Você tem disposição, você não tem aquele desânimo, né? Eu hoje, se falar “você vai lá no centro a pé?”, eu vou. Para mim... eu tenho passe [de ônibus], né? Pela da idade, mas para mim... eu não ligo muito por causa que a gente tem disposição. Não perdeu aquele pique... não pode perder o pique do idoso. Se não, vai ficar achando que está velho, e tudo acabou, não adianta. Aí fica doente e é pior” (Mário, 67, Região Norte – E22; P. 280; L. 75-79).

Como um fator motivador para desempenhar atividades rotineiras que constituem seus cotidianos, estar ou se sentir mais disposto após as frequências à AAL também é observado. Atribuído como benefício da prática da atividade física, esse sentimento proporciona sentimentos e sensações positivas para aqueles que a praticam, conforme relatos de Seu Raul e Dona Emília:

“Mudou bastante assim... eu fiquei mais disposto. Mais disposto para fazer as coisas. Eu tenho, como dizem? Mudei! Como bem, ando bastante... e a saúde ficou boa. Eu uso dizer que é essa disposição que eu tenho. Eu não tinha muita disposição em casa. Hoje eu faço comida em casa, lavo as panelas todo dia, limpo a casa... não dá preguiça. De primeiro ficava... hoje não. Hoje chego, acho que vou chegar em casa, tomo café... e precisa de lavar as panelas, lavo. Roupa eu passo, eu mesmo passo” (Raul, 73, Região Sul – E14; P. 210; L. 106-110).

“Bom, eu acredito que assim, a gente fazer atividade melhora o nosso dia a dia. A gente tem mais saúde, tem mais qualidade de vida e mais disposição para fazer as atividades do dia a dia. Fica mais disposta” (Emília, 67, Região Sul – E7; P. 114; L. 44-46).

Associado aos aspectos relacionados ao corpo, o termo disposição também é mencionado. Aqui, o corpo recebe um sentido agradável, ou como os próprios informantes mencionam, uma sensação de “corpo leve”, como sensação de conforto, alegria e bom humor. Mesmo sem saber explicar por meio de termos técnicos, como relacionando a prática do exercício físico à produção e liberação de endorfina, os informantes relatam esse mesmo sentido, de acordo com os exemplos de Dona Virgínia e Dona Graça:

“Você se sente assim outra, o corpo diferente de quando você faz exercício. Quando você fica parada, você fica muito ruim. Aparecem dores de tudo quanto é lado” (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 144; P. 26-28).

“Mudou assim, muita coisa. Muda assim: o corpo mais leve, mais disposição, eu durmo bem. Acordo cedo. Então, mudou muita coisa, nossa... meu corpo é leve, e sinto saudável” (Graça, 73, Região Leste – E18; P. 239; L. 111-112).

Da mesma forma quanto ao corpo, também são considerados aspectos quanto à mente. Esses envolvem tanto as doenças emocionais, como depressão e estresse, assim como é uma forma de trabalhar a memória e a capacidade de concentração. Dona Fátima relata esses aspectos mencionando sobre a AAL ser boa para a “cabeça”, conforme segue:

“Eu tenho agilidade para caminhar, eu tenho agilidade dentro de casa, sabe? Para descer escada, subir escada, eu tenho mais coordenação motora. E melhora também a cabeça da gente, sabe? ” (Fátima, 67, Região Sul – E20; P. 266; L. 32-33).

Por meio do corpo e da mente os idosos frequentadores das AALs vivenciam as experiências e as sensações de consumo. É nesse sentido, que Paterson (2006) aponta os processos sensoriais dos indivíduos como um meio de traduzir sua personificação, a partir de determinadas circunstâncias, como no caso, a partir da frequência à AAL. Do mesmo modo, é o que Firat e Venkatesh (1995) apontam quanto ao sistema filosófico, interligado à epistemologia do consumo pós-moderno, sendo o corpo e a mente representantes do conhecimento e do discurso desses mesmos indivíduos. Além disso, o que observo quanto ao corpo e à mente, decorre da produção e das práticas cotidianas de consumo dos idosos (Firat & Venkatesh, 1995).

De todos esses benefícios sentidos e vivenciados, há uma dependência à AAL. Para os idosos, se ocorrer de faltar à AAL, aspectos negativos são percebidos, como o próprio condicionamento físico, relacionando diretamente ao corpo. A falta também acarreta em deixar de sentir os benefícios, que de uma forma ou outra, implica em suas práticas de consumo. Seu Vicente e Dona Conceição são dois exemplos que representam os demais idosos quanto à dependência já percebida por não poder faltar à AAL:

“Oh, eu sinto muito bem de quando eu comecei a frequentar aqui. O dia que eu fico dois, três dias sem vir aqui, fazer um pouco de exercício, já sinto... passo mal” (Vicente, 87, Região Oeste – E17; P. 230; L. 19-20).

“Mudou a disposição da gente. A gente fica mais disposta, né? Para fazer o serviço em casa, para caminhar, pra andar... Porque o dia que eu não venho, se eu vir hoje e passar amanhã, e depois sem vir, eu já sinto falta...o corpo vai ficando pesado...as pernas vão ficando pesadas” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 272; L. 53-56).

Em vista disso, outros desdobramentos associados à disposição, que ocorrem em consequência da frequência à AAL, são os aspectos que englobam as melhorias na saúde. Dona Margarida relata os benefícios sentidos após mudar-se para Maringá e começar a frequentar a Academia:

“Menina, você sabe que eu tinha tanta dor, tantas dores, aí depois que eu comecei a participar disso aí, foi a mesma coisa que tirar com a mão. Eu tinha dor na perna, eu era gorda e pesava 110 quilos. Era assim, oh... gorda. Os braços, as pernas, tinha pressão alta. Depois que eu comecei a participar aqui, oh... Graças à Deus agora eu estou assim, peso 70 quilos e não sinto... quando eu faço ginástica, eu não sinto dor nenhuma. [...]. Sumiu... e não tomei nada, não passei nada e não fui ao médico” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 42; L. 12-18).

Como diz Seu Elias, “não quer dizer que sara as coisas, mas ajuda. Ajuda bem” (Elias, 81, Região Norte – E23; P. 286; L. 33). Apesar de alguns informantes expressarem como tal, frequentar à AAL não é um fator milagroso de resolução para todos os problemas, porém contribui para manter-se de forma saudável. Simples tarefas desempenhadas diariamente, que antes eram realizadas com esforço e dificuldade, passaram a ser mais simples, facilitando a vida desses indivíduos, conforme relatam Dona Angelina e Dona Cristina:

“Desde do corpo, dor no ombro, para pentear o cabelo, era aquela vida para vestir roupa. Agora com esses exercícios. Graças à Deus sarou tudo. Não tenho problema de coluna também” (Angelina, 78, Região Norte – E11; P. 176; L. 76-78).

“Eu não estava mais conseguindo nem cortar a unha do pé, que eu não conseguia abaixar para cortar. Não conseguia erguer a perna de jeito nenhum, cruzar a perna... nem pensar. Agora eu consigo. Nossa melhorou bem... A coluna melhorou. A pressão minha melhorou” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 200; L. 145-147).

Decorrente das melhorias de saúde, o consumo de remédios, ou melhor, a redução do consumo de remédios é o fator mais percebido. Como consequência de uma saúde melhor, a necessidade de consumir remédios é reduzida, conforme é constatado por alguns dos idosos:

“Eu tomo remédio de pressão. Tomava dois, agora eu tomo só um. Tomava um de manhã e um à noite, quando eu ficava lá só costurando. Agora tomo um só. Já melhorou” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 200; L. 151-152).

“Eu tive bronquite. Aaah, mas por causa dos exercícios, eu não fico tomando muito, me ajuda muito. Eu fico um pouco cansada assim, mas eu não preciso ficar tomando remédio” (Jandira, 61, Região Oeste – E19; P. 248; L. 140-142).

“Agora eu só tomo remédio assim, talvez por dor. Se tem alguma dor. Porque pessoa de idade sempre tem, né?” (Mário, 67, Região Norte – E22; P. 283; L. 189-190).

“Mudou e mudou bem. Mas, fazendo os exercícios e a alimentação controlada, então, eu estou numa boa” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 25; L. 138-139).

Da mesma forma, a frequência saudável à AAL pode ser realizada simultaneamente a outras atividades, complementando o alcance dos benefícios percebidos e, conseqüentemente, desdobrando em práticas cotidianas de consumo. Essas outras atividades correspondem à frequência em consultas com profissionais da nutrição e exercícios de caminhadas, por exemplo, conforme explicam Dona Marta e Seu Orlando. São vistos também como uma forma de compensar outras práticas, como o consumo de bebidas alcoólicas durante as práticas de lazer, conforme Seu Humberto relata, na sequência, por meio do seu bom humor.

“Para quem não andava nada, né? Porque eu também tenho desgaste, artrose... tenho o fêmur cheio de pino. Quebrou sozinho. Por causa de osteoporose. Então, é tudo isso. Em 6 meses, eu perdi 20 quilos. Assim, fiz tratamento com uma nutricionista, fiz o controle alimentar e esses exercícios. Aqui e a dança” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 213; L. 18-21).

“Eu falo para eles, que eu sempre escuto as orientações da medicina, que atividade física é muito bom para nossa saúde. Você vai evitar de ficar ingerindo tantos medicamentos. Porque a atividade física, na verdade, a gente descobriu, de uns anos pra cá, que é uma maravilha pra gente. [...]. Eu comecei a fazer atividade física, caminhada, tomar sol... pra mim foi uma benção de Deus...” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 125; L. 38-42).

“É lógico que faz bem para a saúde, você andar, fazer o exercício. Então, isso é muito bom. Fazer um pouco de exercício para ajudar, queimar os excesso, sobrar um espaço pra você tomar um gole de vez em quando. Porque também faz bem (rindo) ” (Humberto, 74, Região Sul – E5; P. 103; L. 28-31).

O consumo dos idosos ocorre por meio significados e valores atribuídos aos benefícios percebidos após passarem a frequentar as AALs. É nesse sentido que Douglas e Isherwood (1978) destacam sobre considerar o indivíduo como consumidor e produtor de significados, dentro de uma realidade culturalmente construída por eles mesmos. Como destacam Hirschman (1986) e Firat, Dholakia e Venkatesh (1995), aspecto, também, importante a ressaltar é a subjetividade do consumo, estabelecido por emoções, interatividade e criatividade. De modo intencional ou não, esses mesmos idosos introduzem o sentimento de pertencimento, também relacionado a auto identidade e identidade social, o que molda suas experiências de consumo em diferentes contextos de sua vida, (re)inventando o seu próprio cotidiano (Venkatesh, Sherry Jr. & Firat, 1993; Firat & Shultz, 1997; Certeau, 2014; Casotti & Suarez, 2016).

Assim sendo, novos hábitos e novas atividades de consumo passam a constituir o cotidiano desses idosos frequentadores das AALs, como uma forma de resistência e mudança quanto ao que é vivido em seu cotidiano. Essa mudança e resistência é o que Firat e Venkatesh

(1995) apregoam sobre a não linearidade das práticas, desenvolvidas por meio de comportamentos improváveis. Em adição, dado que cada um dos idosos age diante de circunstâncias particulares de seu cotidiano, ressalto a compreensão de suas práticas cotidianas, e não o contrário, quando observam por meio de lentes unificadoras (Firat & Venkatesh, 1995; Certeau, 2014). É nesse sentido que organizo a sequência da discussão deste capítulo de análise.

4.3.3 Novos hábitos de consumo

Os idosos foram mudando alguns hábitos e costumes após iniciarem a frequência à AAL. Prejudiciais à saúde ou não, são hábitos e costumes que foram substituídos por outros, também provocando desdobramentos quanto às suas práticas de consumo. Para quem fumava aproximadamente trinta cigarros diariamente, o desejo e a motivação por parar de fumar emergiu após começar a frequentar à AAL. De trinta cigarros diários, e a caminho de não depender mais do vício, Seu Orlando reduziu o consumo de cigarros para mais da metade (Diário de campo - P. 36; L. 1220). Ele relata que:

“O cigarro prejudica, não é bom. E a gente, quando começa a fazer atividade física, você sente aquela necessidade de parar de fumar. Porque fumar é coisa que te prejudica. Até porque eu gosto de correr, eu gosto de fazer alongamento. Estou querendo até fazer academia [paga]. Então, tenho que parar de fumar. Estou parando. Antes de fazer essas atividades físicas aqui [na AAL]... porque a pessoa, fuma quanto mais fica parado, sem fazer nada, fica sentado, deitado, aí você fuma o dobro, o fumante fuma o dobro, que você não está fazendo nada para tomar seu tempo, entendeu? Eu fumava uma cartela e meia por dia. Agora eu fumo dez ou oito cigarros por dia” (Orlando, 67, Região Oeste – E8; P. 126; L. 71-76).

Dona Marta é outro exemplo de quem mudou seus hábitos e costumes após começar a frequentar a AAL. Acostumada com atividades manuais e artesanais, realizadas dentro de sua casa, raramente saía para frequentar outro local. Desde então, após ficar viúva, conheceu a AAL e novos hábitos foram desenvolvidos, principalmente o de sair de casa:

“A gente não consegue ficar mais em casa. Nossa, aí é muito bom. Se você não vir, você fica lá dentro de casa, e parece que está sem chão lá. Parece que o serviço não rende. E é assim... desanimei de fazer os tapetes. Como saio bastante, né, então, não vou ficar lá fazendo tapete. É demorado e é cansativo. Dá dor assim, na coluna, por causa da posição que você fica. Primeiro eu ficava, porque eu tinha ele [esposo]. Ele ali junto me ajudava. Eu não saía, então, a vida era aquela ali. E agora, eu aprendi a ganhar o mundo, então... não fico mais [em casa]” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 215; L. 68-73).

Há também o exemplo de Dona Jandira, que mesmo praticando atividade física, ao seguir os exemplos de exercícios explicados em revistas que costumava comprar, percebeu e sentiu os benefícios de realizar atividades físicas por meio dos aparelhos da AAL. De modo a incentivar seu marido e não deixar de realizar tais atividades em dias de chuva, Dona Jandira comprou além de uma esteira elétrica, uma bicicleta ergométrica e um aparelho para fazer exercícios abdominais (Diário de campo – P. 59; L. 1988-1991).

Esses e tantos outros exemplos ocorrem devido à frequência desses idosos às AALs. É possível identificar, em especial, mudanças quanto à hábitos alimentares, novos hábitos quanto ao consumo estético, saúde, tecnologia, dentre outros. Tais mudanças ocorrem devido ao novo modo de vida desses indivíduos. É nesse sentido, que Certeau (2014) postula sobre as maneiras de fazer, uma vez que da apropriação de um espaço e de suas interações, os idosos frequentadores das AALs ressignificam o que dali é atribuído de forma a (re)criar e (re)inventar seu próprio cotidiano. Conforme é possível observar com o decorrer da análise, essas maneiras de fazer são práticas heterogêneas, teimosas e tortuosas, e que se passam por invisíveis, mas não o são (Highmore, 2006).

Por meio das observações e entrevistas, notei a não passividade dos idosos frequentadores das AALs. Por isso, o interesse não é identificar “o que se cria”, mas “o como se cria” a sua própria história, o seu próprio cotidiano diante estruturas formais, como as estratégias públicas das AALs (Certeau, 2014). Para tanto, de forma a estabelecer melhor compreensão, organizei “o como”, quanto aos novos hábitos de consumo dos idosos frequentadores das AALs, em subtópicos englobando os novos hábitos alimentares, novos hábitos quanto ao consumo estético e consumo de novas tecnologias e redes sociais, conforme seguem.

Novos hábitos alimentares

A começar pelos novos hábitos alimentares, o fato de frequentar a AAL, praticar alguns exercícios físicos e interagir com outras pessoas naquele espaço, provoca o interesse em consumir de forma saudável. O “consumir de forma saudável” está atrelado aos tipos de alimentos que passam a ser de preferência e que compõem as refeições desses indivíduos. Alimentos com excesso de gorduras, açúcar e sal, por exemplo, são os tipos que começaram a ser reduzidos do cardápio alimentar dos idosos informantes da pesquisa. Não afirmo que esses idosos se alimentavam de forma errônea, mas que a preocupação em consumir alimentos de forma correta e saudável manifestou-se para alguns e intensificou-se para outros.

As mudanças de hábitos alimentares envolvem o interesse para com o consumo de alimento integral e orgânico, tipos de carne, mais verduras, legumes e frutas, beber mais água, assim como a quantidade da porção consumida, evitando exageros, conforme seguem alguns relatos:

“Minha alimentação é balanceada. Eu mudei muito a minha alimentação. Por exemplo, na minha casa não existe fritura. Leite eu não tomo, muito pouco, uma coisa ou outra. Massa também é raro. Pão integral, arroz integral, salada, uma carne. Infelizmente, o açúcar eu não consegui deixar. Eu tomo o café, mas estou usando o açúcar orgânico. E quando eu vou tomar algum suco, alguma coisa, eu coloco um pouquinho de adoçante. O açúcar refinado, na minha casa não existe mais. Eu compro o cristal. Para fazer bolo, eu bato no liquidificador, para refinar, e fazer. Porque o açúcar refinado, já é aquele processo dele de refinação. O sal, eu uso o sal marinho. Tem o sal rosa também, mas é muito caro. [...]. Quando aparece coisa na internet, que eu vejo que faz bem para a saúde, aí eu procuro fazer também” (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 151; L. 259-264).

“Mudou questão de alimentação, porque aí a gente passa a comprar coisas mais orgânicas. A mulher [esposa] compra alface orgânica... vai na casa de erva e compra as coisas para comer, o pão integral, sempre comemos. A gente reduziu massa, muita massa. A gente come um pãozinho de manhã, mas não fica se enchendo. É, tudo equilibrado. De primeiro não era” (Mário, 67, Região Norte – E22; P. 284; L. 206-210).

“Mudou muito. Hoje como mais saudável... como verdura, fruta. Pão integral, essas coisas assim... pouca gordura. Eu não como muito sal também e tomo muita água. Tem que comer coisa saudável, né? Por que eu já tenho quantos anos? Eu tenho 73” (Graça, 73, Região Leste – E18; P. 239; L. 130-133).

“Bom, de primeiro... eu toda vida, fui uma pessoa magra, só que agora eu não estou magra, estou já assim... porque depois da idade a gente pega uns quilinhos a mais. Mas, eu não era boa para comer. Eu comia muito pouco. Depois que eu comecei aqui, daí eu melhorei bastante. Eu como bem, mas procuro me alimentar com uma alimentação sadia, sabe? Com legumes, verduras, frutas. Peixe, frango. Como pouca carne vermelha, de vez em quando” (Fátima, 67, Região Sul – E20; P. 267; L. 39-44).

Durante algumas observações, identifiquei que esses novos hábitos alimentares ocorriam mesmo, como por exemplo, no baile da terceira idade, onde estive presente. Com duração de quatro horas, há um intervalo durante o baile. Como cortesia do clube são oferecidos pacotes de pipocas. Diferentemente da maioria dos presentes, Dona Virgínia não aceitou. Em vez de comer a pipoca, ela retirou da bolsa uma barra de cereal, afirmando que a pipoca é gordurosa e salgada (Diário de campo – P. 53; L. 1764-1766).

Além da preocupação de alimentar-se de forma correta, a mudança quanto a esse novo hábito também ocorre por meio de instruções de profissionais de nutrição, por exemplo. Com o interesse despertado por consumir alimentos de forma correta e saudável, alguns dos informantes - situação mais comum às mulheres - buscaram orientações profissionais, seja de

modo particular, ou por meio de serviços públicos oferecidos à população. Apesar de em alguns momentos não seguirem exatamente a orientação profissional, todos se esforçam para tal. Durante o trabalho de campo, pude ouvir o seguinte: “não é tão bom, mas tem que comer assim. Fazer o que?” (Diário de campo – P. 5; L. 142-145). Em outras palavras, a orientação profissional sobre a forma de como deve se alimentar pode não ser a mais saborosa, se comparada ao hábito anterior, mas é o que esses idosos procuram fazer devido à motivação para alimentarem-se de forma saudável. Isso pode ser exemplificado por meio dos três relatos a seguir:

“Lá na Unimed eles dão aula de nutrição. Então, eu sigo mais ou menos. Não é para comer... [pensando] tudo o que é branco. Açúcar, muito sal, farinha. É para comer coisa integral” (Amélia, 82, Região Sul – E1; P. 3; L. 69-73).

“Eu mudei os regimes. Passei por uma nutricionista, que minha irmã trata com ela. Ai, ela explicou para mim: comer só salada, tomar de manhã suco de couve com hortelã e gengibre. Vou chegar lá [em casa] agora, e eu já bato e já tomo. Comer mais salada, né? Como eu como pouca verdura assim. A verdura que eu comia era só brócolis. Ou alface... só comia salada de alface. Frango passado na grelha” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 22; L. 68-73).

“Olha, mudou muito porque eu passei até pela nutricionista ali do postinho [UBS]. Ela passou uma lista para mim e então, tudo o que eu posso comer e o que eu não posso. Ai, eu como tudo certinho. Ai, eu vou comer assim, e coloco umas quatro colheres de arroz, dessas que a gente come e “está bom, esse aqui é meu total”... duas colheres de feijão... Açúcar eu não tomo, refrigerante eu não tomo, pizza eu não como, pastel eu não como, nada dessas coisas. Eu como é assim couve flor, almeirão, couve, alface... é assim. Carne eu não sou muito fã. Eu já gosto mais de legumes do que de carne. É, porque nós fizemos ali, né, e a nutricionista falou que não é bom, daí eu deixei. Então, é onde ajuda muito. Mas, agora o que eu gosto muito, menina, é do café. Olha, café e leite. Mas, eu adoço com açúcar light...” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 49; L. 256-263).

Ainda relacionado às mudanças de hábitos alimentares, observei a preocupação de alguns informantes em produzir o próprio alimento. O mais comum é a produção de hortaliças, plantadas e cultivadas em espaços reservados no quintal de casa. Ressalto, aqui, que com exceção dos informantes da Região Sul, os demais mencionaram em algum momento o cultivo de pelo menos uma hortaliça ou verdura. No caso de Seu Oscar, mesmo que relacionado a sua ocupação anterior à mudança para o asilo, faz questão de cultivar as verduras e frutas que são consumidas no asilo em que vive (Figura 16). Preocupado com a alimentação natural, produz até mesmo o adubo orgânico por meio do húmus de minhoca (Diário de campo – P. 34; L. 1127-1130).



Figura 16. Horta do asilo cultivada por Seu Oscar

Fonte: pesquisa empírica.

No entanto, tal prática não é exclusiva de Seu Oscar, que possui um espaço consideravelmente grande para plantar e cultivar diferentes hortaliças. Outros informantes, como Dona Carmem, passaram a também cultivar algumas verduras, conforme espaço disponível em seu quintal:

“Agora tem um quadrado grande que é onde eu planto verdura: cebolinha, salsinha, couve, tudo verdura para meu dia a dia” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 27; L. 209-210).

Contudo, mais do que diferentes produtos e serviços que remetem a novos hábitos alimentares, ao aprofundarmos a compreensão é possível inferir sobre os significados inconscientes atrelados ao consumo desses indivíduos. Por meio das falas e ações observadas, essa produção e consumo que advém do que os mesmos fazem ao frequentarem a AAL remete ao cuidado com eles próprios, com as suas identidades e aspirações, assim como com seus próprios corpos, o que está diretamente relacionado aos novos hábitos quanto ao consumo estético.

Novos hábitos quanto ao consumo estético

O consumo estético está atrelado aos aspectos que constituem a autoestima, a vaidade e a aparência, implicando, de certa forma, na identidade social dos idosos. Esses aspectos desdobram-se no que concerne ao aspecto físico do corpo, como também na forma como eles

se percebem, na sua autoimagem. Constatei diferenças quanto a esse hábito de consumo entre mulheres e homens. Além de expressarem mais e demonstrarem de forma mais visível elementos que caracterizam essa distinção, as mulheres falavam por si só sobre este tema. Os homens, por sua vez, dificilmente apontavam alguma mudança. Essa diferença pode estar atrelada aos aspectos sociais, por meio dos quais há maior desvalorização estética do corpo para as mulheres, conforme ressaltado por Ballstaedt (2007).

Característica de grande parte das mulheres, o consumo estético é algo presente em suas práticas cotidianas. Quando questionadas sobre o assunto, a maioria respondia ser vaidosa e cuidar da aparência. Constatei esse interesse e desejo por cuidar de si mesma não somente por meio de suas falas, mas também por meio da maneira como se comportam e como se vestem. Como observei, as senhoras informantes da pesquisa gostam e têm prazer quanto ao autocuidado, que é reforçado por meio de todos os benefícios percebidos quanto à frequência à AAL. Dona Margarida é um exemplo, conforme segue um trecho de sua fala:

“Eu visto assim do meu jeito. Mas, eu gosto de me arrumar... quando eu saio assim. Gosto de ir bem arrumada. Ah, eu gosto de sair bem arrumada. Gosto de sempre é de brinco, aqui é no braço, passo pintura...” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 46; L. 164-166).

Durante minhas observações, foi possível verificar o modo como se vestem, atentas com aspectos que englobam o “estar na moda”, em vestir-se de forma harmoniosa, combinando os diferentes estilos. Há a preocupação com a roupa que combina com o corpo, e de certa forma associam também com a idade. Em consonância com tudo o que já foi mencionado, a atenção quanto à aparência e estética são os desdobramentos das implicações quanto à frequência à AAL. É nesse sentido que Firat e Shultz (1997) ressaltam sobre a importância do simbólico, por meio do qual os aspectos funcionais acabam por ficarem ocultos, uma vez que os aspectos da dimensão estética são ressaltados.

No que tange a autoestima das informantes da pesquisa, observei que há, intrinsecamente, a autovalorização, e conseqüentemente, a autoconfiança. Da autoestima, há o interesse em cuidar de si mesma, como pintar os cabelos, buscar emagrecer para vestir uma peça de roupa que não conseguia usar há algum tempo e o usos de acessórios e produtos que complementarão esse sentimento positivo, conforme algumas idosas explicam:

“Melhorou. Porque tinha roupa que eu não usava mais e comecei a usar. Tinha calça lá, que estava encostada lá há tempo. Emagreci e comecei a usar. Ai a gente sente um incentivo. Ai a gente vê e fala ‘ah, vou continuar’. Fiquei mais vaidosa (rindo). Acho que eu sempre fui assim, um pouco meia vaidosa. Mas, daí a gente se sente melhor. Olha no espelho e fala ‘estou mais bonitinha’ (rindo). Estou me sentindo bem melhor. Porque coisa terrível é você vestir uma roupa e não conseguir, né? Você vai fechar uma roupa

e a roupa não fecha. Aí você olha, aquele barrigão (rindo). Deus me livre...não é verdade?” (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 200; L. 166-171).

“Eu não pintava meu cabelo. Hoje eu já pinto. Porque você vai ficando lá dentro de casa e vai desanimando, porque você vai largando de tudo” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 216; L. 109-112).

“Estou bem mais para a frente, como se diz, melhor? Tem que ser, né? Tem que cuidar da aparência. Porque a vida continua” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 25; L. 143-144).

“Eu me arrumo melhor. Saio mais arrumadinha, coloco brinco, saia” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 273; L. 91-93).

Ainda sobre o corpo, há a preocupação quanto ao viço da pele, em firmar e modelar o mesmo. Cada uma com sua “receita” usa diferentes cremes e hidratantes. Em alguns momentos, até recebi conselhos sobre o que usar ou não. Esses conselhos estão relacionados à preocupação que essas senhoras têm de que o autocuidado deve ocorrer em diferentes idades, pois ser idosa não é sinônimo de não ter um corpo belo, que não proporciona a autoconfiança e o amor próprio. Além de produtos cosméticos, frequentar academias pagas, como complemento dos exercícios realizados na AAL, é uma forma de cuidar ainda mais do corpo, mantendo a pele firme. Esses exemplos podem ser observados nas falas a seguir:

“Creme, gosto muito de usar, não fico sem. [...]. E eu já sou de menos protetor e mais de creme. Eu uso aquele Chronos da Natura, para minha idade. Eu sempre falo, eu não sou egoísta, você é nova, não deixa de fazer seus exercícios, não deixa de usar o que vai fazer bem para a sua pele, não deixa... porque depois que desabar, minha filha... aí não tem mais conserto. Eu vejo amigas minha, disse que faz academia, que faz não sei o que, mas quando levanta o braço, aqui está aquela bandeira... eu já estou, lógico, mas eu procuro sempre. Por exemplo, eu tomo conta... lavo roupa, varro a calçada, isso tudo é exercício para o braço. Porque que eu faço isso aqui [apontando para um dos aparelhos] é para o braço. O negócio mesmo, acho que é o exercício, para não despencar...” (rindo) (Virgínia, 67, Região Oeste – E9; P. 152; L. 296-300).

“Eu uso creme. Uso hidratante, gosto muito de... batom eu não uso, mas eu tenho lá. Gosto de usar... gosto de fazer sobancelha, um lapisinho no olho eu gosto de passar” (rindo) (Cristina, 73, Região Leste – E13; P. 201; L. 174-176).

“Vou na outra academia para firmar o corpo, para não ficar muito caído...” (Isabel, 68, Região Leste – E12; P. 185. L. 38-39).

Quanto aos homens, mesmo afirmando não se preocuparem com a aparência e vaidade, observei que de certa forma procuram se cuidar. A minha compreensão é de que os novos hábitos de consumo estético masculinos não são, necessariamente, frutos da frequência a AAL. Isso é justificado pois observei práticas que já são realizadas mesmo por aqueles que não

frequentam a Academia, como o caso de alguns senhores pintam os cabelos para evitarem os fios brancos. Outros se vestem de forma harmoniosa, mantêm a barba e o corte de cabelo em dia. Assim como alguns ainda usam gel no cabelo, para mantê-los arrumados durante todo o dia, até mesmo durante a realização dos exercícios físicos na AAL.

Assim como já foi discutido sobre o corpo e a mente, os novos hábitos quanto ao consumo estético reforçam e aprofundam a compreensão quanto às experiências e sensações de consumo, ressaltando ainda mais o corpo como importante *lócus* do discurso desses indivíduos (Firat & Venkatesh, 1995). Do cuidado com o corpo, os idosos frequentadores das AAL expressam e comunicam sua autoimagem e identidade.

Consumo de novas tecnologias e redes sociais

Os celulares e *smartphones* estão entre os bens de consumo que os idosos passaram a possuir há pouco tempo. Com dificuldade ou não de utilizar tais aparelhos, aqueles que os possuem utilizam para manter contato com a família e amigos, utilizar redes sociais e fotografar. Apesar de alguns terem problemas de visão, isso não impede o uso. Para isso, aumentam o tamanho da fonte da letra, por exemplo.

Alguns dos meus contatos com os informantes ocorreram via aplicativo de mensagens WhatsApp, principalmente para podermos nos encontrar posteriormente durante o trabalho de campo, conforme ocorreu. Ao perguntar para uma das primeiras informantes que conheci se era possível fornecer um número de telefone para contato, a resposta foi “vou te passar meu *whats*”, em referência ao aplicativo WhatsApp (Diário de campo – P. 6; L. 194-196).

Desde então, identifiquei ser comum aos informantes possuírem celulares, assim como o consumo por meio de realidades virtuais, como o acesso a redes sociais. Aqueles que são adeptos às realidades virtuais, as utilizam como forma de interação, curtindo e compartilhando informações e interesses. Quanto aos aparelhos, observei diferentes modelos, seja um modelo de versão mais antiga, apenas com a função de telefone e teclado *qwerty* ou ainda, *smartphones* recentemente lançados. Aqueles que possuem os *smartphones*, usam redes sociais por meio de pelo menos um aplicativo de mensagens, como o WhatsApp. Enviam e recebem vídeos, imagens, e os outros tipos de mensagens, conforme algumas das quais recebi.

Além do uso de aplicativo de mensagens, também observei o uso de aplicativos de redes sociais virtuais, como Facebook e Instagram. O uso ocorre especialmente por meio de seus *smartphones*. Não são todos que utilizam ou possuem computadores, mas sabem utilizar o *smartphone*. Alguns informantes foram adicionados em minhas redes sociais, e dessa forma

acompanhei algumas de suas interações e publicações, como comentários de diferentes postagens, compartilhamento de fotos com família e amigos, e demonstração de interesse em eventos, dentre outras. A Figura 17 é um exemplo de uma das informantes, a Dona Virgínia, que além de fotos publicadas com frequência, identifiquei o seu envolvimento em outros aspectos que também remetem ao consumo, como confirmação ou demonstração de interesse em eventos.



Figura 17. Exemplo de uso de rede social (Facebook) - demonstração de interesse em eventos
Fonte: pesquisa empírica.

Durante o campeonato de boliche, também foi possível observar o uso desses aparelhos. E o interesse comum era o de registrar aquele momento do campeonato e publicar alguma foto em suas redes sociais virtuais. Uma das amigas de Dona Margarida, ao me ouvir dizer que gostaria de fotografar o seu time, no mesmo instante entregou-me seu celular para também ter um registro. E ela publicou a foto durante o próprio evento, conforme Figura 18. Como eu também gostaria de estar presente em uma das fotos, essa mesma senhora se ofereceu para fotografar com seu celular e solicitou o número do meu WhatsApp para enviar a imagem, conforme ocorreu durante o evento, logo na sequência ao registro da foto, que aqui compartilho.



Figura 18. Exemplo de uso de rede social (Instagram) - publicação de fotos
Fonte: pesquisa empírica.

O consumo por meio de realidades virtuais é um dos desdobramentos que decorrem da prática de frequência à AAL. Firat e Venkatesh (1995), por exemplo, discutem sobre as condições pós-modernas, indicando esse modo de consumo como uma dessas condições. Também inseridos no mundo virtual, os idosos informantes da pesquisa buscam compartilhar suas fotos, confirmar ou demonstrar interesse em eventos. São essas micro práticas que constituem o seu cotidiano. É nesse mesmo sentido, que Certeau (2014) ressalta sobre os indivíduos, vistos como pessoas ordinárias, construir suas vidas como um fenômeno significativo e procedimentos a partir de situações vividas, que por meio de interações com outros indivíduos e aspectos materiais e simbólicos, buscam o sentimento de bem-estar.

Esses novos hábitos de consumo refletem as sutilezas e os ruídos das práticas cotidianas dos idosos frequentadores das AALs. A partir daquilo que lhes é oferecido, como a AAL, criam as mais diferentes maneiras de fazer, isto é, os seus usos e operações individuais, os quais são denominados como resistências (Certeau, 2014; Certeau et al., 2013).

4.3.4 *Novas atividades de consumo*

De modo simultâneo com o que foi exposto até aqui, por meio da frequência à AAL novas atividades de consumo também são desenvolvidas, assim como novos locais são frequentados, como clubes de dança, lanchonetes e bares, incluindo, ainda, viagens à outras cidades. Essas novas atividades estão relacionadas ao entretenimento, diversão e como utilizar o tempo. Dona Carmem é um exemplo de que não fica mais em casa enquanto os outros membros de sua família saem para se divertirem. Programa com seus amigos os dias para se encontrarem, principalmente nos finais de semana. Ela relatou como isso ocorre durante nossa conversa:

“Gosto de sair e dançar. Agora sempre saio, vou lá para a Estância Gaúcha [clube de dança]. Lá meu neto me leva e me pega. Eu gosto de ir para a lanchonete junto com meu neto e com a noiva dele. Às vezes ele me deixa e depois ele busca. Jogar uma parada de sinuca. Minha filha sai com os amigos dela, eu vou ficar sozinha dentro de casa? Mais de jeito nenhum. Eu falo para o meu neto ‘eu também vou junto, me deixa na lanchonete tal’. E eu já gosto de jogar sinuca... E ele deixa. Encontro minhas amigas e meus amigos” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 25; L. 153-159).

Além de associar novas atividades com práticas que remetem ao lazer e diversão, outras atividades, como aquelas que complementam a prática da atividade física, também passam a fazer parte do cotidiano de alguns dos idosos. Mesmo frequentando a AAL, pelos diversos motivos e benefícios mencionados, o fato de já estar adaptado ao uso dos aparelhos, ou ainda, por não haver instruções, esses idosos procuram praticar atividades físicas em academias pagas e clubes de corrida, como relatam, adiante, Dona Isabel e Dona Carmem. Apesar do interesse por outras atividades físicas, as mesmas não suprem a interação e a amizade que é construída no espaço da AAL, por isso, a continuação em frequentar o espaço da Academia ao Ar Livre.

“Comecei a fazer a outra [academia paga] também. Eu gosto da outra por causa que eu pego peso. Ali tem os professores para ensinar. Ali é muito bom” (Isabel, 68, Região Leste – E12; P. 185; L. 43-44).

“À tarde, assim no escurecer, eu vou para a academia de verdade, com meu neto. Tem bastante de outros exercícios que os meninos ensinam a gente fazer. É muito bom” (Carmem, 79, Região Norte – E2; P. 26; L. 85-87).

Quanto ao clube de corrida de rua, em um dos encontros com Seu Orlando, o mesmo mencionou sobre ter feito, no dia anterior, um teste experimental para iniciar o treinamento em um clube de corrida que há na cidade de Maringá (Diário de campo – P. 38; L. 1275-1278). Por

meio da frequência à AAL, Seu Orlando sentiu a necessidade de praticar outras atividades físicas, encontrando aptidão para tal, o que até então não era comum ao cotidiano do mesmo:

“Porque assim, a gente, como já se habituou nas atividades, fica... o teu corpo sente necessidade de fazer algo além disso aí, você entendeu? Para evoluir... é pela saúde da gente, entendeu? Eu tenho que optar por uma coisa ou outra. Porque assim, eu fiz o teste experimental na corrida e vou fazer um também para criar massa [em menção à academia paga]... tem que achar um que ‘eu quero esse’. Experimentar e fazer...” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 126; L. 76-82).

As novas atividades de consumo também englobam novos aprendizados, como cursos e aulas, as quais são frequentadas pelos idosos informantes da pesquisa. Há também novas atividades desenvolvidas como um passatempo, tal como os trabalhos em crochê que Dona Angelina aprendeu a fazer há pouco tempo, conforme relato a seguir:

“Agora, tricô eu já sei fazer, crochê que eu estou praticando bastante mesmo, porque eu fui começar a fazer crochê já com 76 anos de idade. E não sei, como que eu faço cada crochê, não é para me gabar, mas, eu coloco lá no chão assim, e fico olhando ‘meu Deus, será que fui eu mesmo que fiz?’ De tão lindo que é” (Angelina, 78, Região Norte – E11; P. 178; L. 167-171).

E por fim, as viagens passaram a ser atividades mais praticadas no cotidiano dos idosos que frequentam às AALs. Seja com a família ou amigos, organizada de forma particular ou em excursão, viajar é uma atividade atrelada somente a características positivas por esses idosos. Para eles, conforme relatos a seguir, falar sobre viagens é algo que traz felicidade, remetendo, também, à independência em relação à outras pessoas. Assim como é resultado da realização de um desejo estimado há algum tempo.

“A gente ... é... fica assim com saúde, então quando tem um dinheirinho sobrando, ‘ah, vou dar uma passeada’. É que eu tenho muito parente Cascavel, em Toledo, Assis Chateaubriand. Eu tenho parente no Mato Grosso. Está tudo espalhado. E assim que dá oportunidade, eu estou viajando...alegre, conversando com todo mundo [...]. Geralmente é sozinho, já fui com família também, mas geralmente é sozinho. É que às vezes, a gente que não trabalha... porque eles [família] trabalham, então tem uma época que você sente a necessidade de visitar os parentes e eles estão trabalhando e não tem como, então geralmente é sozinho” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 128; L. 162-170).

“Gosto de sair... vou em excursão com uma amiga minha, vou pra Curitiba também. Vou de ônibus, vou sozinha. Tem ido de avião também para São Paulo, por causa que tem muito parente lá também. Vou sozinha, eu e Deus. Chego lá e estão me esperando. E vou de ônibus também. Aqui eu pego o circular [ônibus] ai, ônibus para tudo quanto é lugar ai eu vou. Tenho meu cartão também. A gente não paga nada... São Paulo, Curitiba, Ponta Grossa, Campinas também. [...]. É, agora eu ia em uma [excursão] em Mongaguá-SP. Mas, como a minha sobrinha quer que eu vou passar uns dia com ela na praia de Curitiba, de Shangrilá e de Matinhos, então, eu não vou nessa de Mongaguá-SP” (Angelina, 78, Região Norte – E11; P. 180; L. 205-211).

“Viajar, agora que eu estou querendo... pensando em viajar. Eu estou pagando já uma passagem para eu ir ao Recife. É, de excursão. [...]. Eu tenho uma amiga que mudou lá para a beira da praia. Ela falou para eu ir também. Depois, quando eu voltar, talvez eu vou lá para onde minha amiga mora... [...]. Eu vou passar o Réveillon lá. O nosso grupo, né? Estamos pagando.... É uma agência de turismo. É a primeira viagem, eu sempre vou para Minas, porque minhas tias são todas de lá. Minas, na Bahia eu já fui, mas no Recife ainda não, agora que eu vou” (Isabel, 68, Região Leste – E12; P. 189; L. 171-175).

“Viajar é o que eu mais gosto (rindo). Ah, eu gosto de viajar bastante. Gosto de ir para Curitiba, sempre vou para Curitiba. Vou pra Bahia. Tem parente. Vou visito lá, fico lá uns 15 dias, 20 dias, um mês. Vou com as minhas filhas, vou com minha sobrinha para Bahia. Agora para Curitiba não, vou sozinha” (Conceição, 67, Região Sul – E21; P. 189; L. 137-141).

“É, gosto de viajar. Tenho vontade de viajar também. Eu viajo de vez em quando, em excursão. Porque bom para a gente é excursão. Porque vamos em grupo, vai em bastante gente, com os amigos. Para Santa Catarina, para praia. Fui lá para o Beto Carreiro, fui lá pra Gramado, no Rio Grande do Sul. Depois que eu comecei a vir aqui [AAL]” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 216; L. 122-126).

Complementar aos novos hábitos de consumo, as novas atividades de consumo ocorrem de forma relacionada e sobreposta às práticas de consumo, quanto aos benefícios percebidos e aos novos hábitos. Essas novas atividades de consumo ocorrem como uma produção, como maneiras de empregar normas estabelecidas quanto as frequências às AALs (Certeau, 2014; Paterson, 2006). É nesse sentido que Certeau (2014) aponta ser um jogo com aquilo que lhe é imposto, ou seja, as táticas dos idosos frequentadores das AALs, os quais aproveitam as ocasiões e tiram dessas, benefícios, construindo sua própria realidade.

4.3.5 Mudanças nos relacionamentos

Outra das implicações para aqueles que frequentam as AALs são as mudanças quanto aos relacionamentos, principalmente quanto aos membros da família. Essas mudanças influenciam em maior interação entre os idosos e seus familiares, proporcionando novas formas de se encontrarem e interagir entre si, como almoços de família e demais eventos de lazer, assim como uma forma de afirmar suas identidades no contexto familiar. Essa mudança decorre do bem-estar e da tão falada disposição, que provoca o sentimento de tranquilidade, ser e estar mais paciente e tolerante. Para demonstrar essa afirmação, ressaltamos alguns relatos dos informantes, conforme segue:

“A gente era um pouco mais... vamos dizer assim, não era tanto atencioso com a família como era agora. Porque quando você se sente bem, você transmite aquele bem-estar com a família, entendeu? Eu não tenho mais esposa, que Deus a levou. [...]. Eu moro com a minha filha mais velha. A gente mora no mesmo quintal. Eu tenho duas filhas só. As duas casaram. Eu moro com a mais velha na casa frente e a mais nova mora na casa do fundo. Mas, a gente mora tudo junto, no mesmo quintal. Então, é assim... depois que eu comecei a fazer minhas atividades e tal, a gente tem uma autoestima que você transmite para a família” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 127; L. 107-117).

“Melhorou bastante, porque uma que você... a cabeça da gente fica assim. Você não saía, ficava dentro de casa. Então, acumula aquele estresse. Agora, a gente melhorou muito...” (Raul, 73, Região Sul – E14; P. 211; L. 158-160).

“Sabe, a gente aprende a ter mais tolerância. Se a gente for estourar com tudo, nossa fica mais difícil e eu aprendi e a ter mais tolerância. Ai, você convive com pessoas e vê que cada uma tem um problema. Às vezes um diferente do outro. Mas, todo mundo tem. E a gente vai aprendendo. Às vezes acha que o nosso está tão difícil, e tem outros piores que o da gente” (Marta, 66, Região Oeste – E15; P. 218; L. 175-178).

“A gente tem mais disposição. Com certeza, mais paciência” (Jandira, 61, Região Leste – E19; P. 252; L. 299-300).

Novas amizades também são feitas em decorrência da frequência à AAL. Conforme já mencionado, estar no espaço da AAL é uma forma de interação e convivência com outras pessoas, por isso não é só a prática da atividade física que é atribuída à AAL. Muitas das amizades que os frequentadores possuem são constituídas no espaço da academia, o que proporciona o encontro em outros lugares, visitas à casa de cada um desses amigos, compartilhamentos de história, assim como companhias para frequentar outros lugares, também englobando as práticas de lazer.

“A academia [AAL] é boa, porque você encontra outras pessoas... conversa lá, conversa aqui” (Regina, 66, Região Oeste – E3; P. 35; L. 118-119).

“Aqui a gente conhece muita gente...” (Amélia, 82, Região Sul – E1; P. 1; L. 24).

“Foi aqui mesmo na AAL que eu conheci... a maioria das minhas conhecidas foi tudo aqui, oh [apontado para o espaço da academia]. Não tem quase ninguém que eu não conheço” (Margarida, 74, Região Norte – E4; P. 42; L. 30-32).

Essas amizades proporcionam até mesmo conhecer vizinhos, que moram na mesma rua e antes de frequentar à AAL não tinha contato, como o caso de Seu Orlando, conforme também relatado.

“Tem vizinho que a maioria eu conheci aqui mesmo.... Tem um pessoal aqui que vem para se divertir. [...]. Eles querem... estão combinando de ir no pesqueiro” (Orlando, 68, Região Oeste – E8; P. 132; L. 275-276).

Desse modo, é possível depreender que tais interações e relacionamentos entre e com outros indivíduos passaram a fazer parte do cotidiano dos mesmos. Assim como Certeau (2014) afirma, tanto os processos de produção e apropriação quanto as interações estabelecem o cotidiano e sua (re)invenção. As mudanças quanto às maneiras de se relacionar com outras pessoas implicam ainda, em uma constatação da não passividade dos indivíduos, que ao frequentarem a AAL agem de forma a (re)inventarem a eles mesmos. E essas mudanças desdobram-se em práticas de consumo, posto que esses indivíduos dialogam culturalmente com seus grupos de relacionamentos (Paterson, 2006).

4.3.6 Em constante (re)invenção

Durante o período do trabalho de campo também presenciei momentos que retratam a constante (re)invenção da vida, do cotidiano dos idosos que frequentam às AALs. São indivíduos que consomem sonhos e ambições, que buscam alcançar seus desejos. De modo inconsciente ou consciente, por meio de suas práticas de consumo, aspectos quanto à identidade, aspirações, cultura, dentre outros, são percebidos por meio de suas práticas cotidianas (Paterson, 2006).

Em dois momentos distintos vi Dona Margarida e Dona Virgínia comprando o Título de Capitalização Vale Sorte. O motivo estava pautado na realização de um sonho. Para Dona Margarida, ganhar com o Vale Sorte significa poder comprar sua casa própria e deixar de pagar aluguel. Essa mesma senhora até mencionou a compra do título de capitalização ter se tornado um vício, pois semanalmente adquire a cartela para o sorteio (Diário de campo – P. 58; L. 1936-1939).

Outro momento ocorreu com Dona Virgínia, ao dizer que o seu sonho é ganhar um carro, para poder vender o prêmio e obter dinheiro para ajudar seu filho a abrir uma oficina de carros. Durante o baile, em que estávamos presentes, um senhor estava vendendo as tais cartelas, e Dona Virgínia pediu ajuda para escolher uma, na expectativa de que era a oportunidade certa para ser contemplada com o prêmio (Diário de campo – P. 53; L. 1796-1797).

Viagens também são consideradas como sonhos e desejos desses idosos, algo que envolve o projeto de vida dos mesmos. São indivíduos que não se limitam aos aspectos que consideram como limitador devido à idade, mas sonham em viajar, independente da distância

e do meio de locomoção. Por meio das falas de Dona Amélia e Dona Isabel é possível observar tal contexto:

“Eu quero conhecer a Bolívia e o México e ir visitar Nossa Senhora de Guadalupe” (Amélia, 82, Região Sul – E1; P. 15; L. 486).

“Eu quero ir para Recife, meu sonho é lá” (Isabel, 68, Região Leste).

Ainda, por todas as conquistas e aspectos que giram em torno da (re)invenção cotidiana, identifiquei os sentimentos de ser capaz de conquistar algo. Seja realizando os diferentes exercícios no espaço da AAL ou em aulas de alongamentos, superando novos desafios no desenvolvimento de atividades independente de outras pessoas. Essa sensação de ser útil e de ser capaz soa, em alguns momentos, como uma reafirmação que se opõe a discursos que sugerem idosos como aqueles que vivem a fazer suas atividades sem algum sentido. De modo contrário, são pessoas que possuem orgulho de estar e ter [n]a idade que estão/têm e, conforme cada um dos informantes da pesquisa costuma dizer, buscam estar informados, buscam estar entre familiares e amigos, querem atividades que proporcionam diversão e prazer, e são preocupados com a saúde e alimentação. Aposentam-se de suas atividades profissionais, mas não se aposentam de seus desejos e sonhos. Não importa a grandeza de sua ambição, mas estabelecem objetivos e projetos de vida, (re)inventando a própria vida, o próprio cotidiano.

4.3.7 Interlocução teórica e empírica: frequência à AAL como vetor da (re)invenção cotidiana

Tendo compreendido as práticas de consumo dos idosos frequentadores das AALs, como uma (re)invenção de seus cotidianos, é possível observar em como se desdobra a prática de frequência às Academias em questão. Esses desdobramentos implicam em suas práticas de consumo, por isso atribuo o fato frequentar à AAL como um vetor da (re)invenção cotidiana, sendo a partir de onde o consumo de um determinado espaço, produzido inicialmente por meio de estratégias de políticas públicas e, conseqüentemente, apropriado por meio das táticas de seus usuários, se desenvolve abrangendo a vida desses idosos.

Dessa forma, aponto uma relação entre categoria social e biológica ao trazer luz para a proposta da AAL. Um espaço desenhado estrategicamente com foco em questões biológicas, no que diz respeito à saúde dos idosos, torna-se um espaço que versa sobre questões sociais, de modo que a frequência até determinado espaço implica em desdobramentos quanto à

(re)invenção do cotidiano desses mesmos idosos. Por isso, ressalto a frequência à AAL e não o espaço da Academia em si, pensada em estratégia de política pública, o que me permitiu observar que a (re)invenção cotidiana, no âmbito das táticas, avança mais para a categoria social em relação a categoria biológica. A primeira evidencia o uso, a sociabilidade, a apropriação e relações sociais e coletivas dos idosos informantes da pesquisa. Por meio do que os mesmos representam quanto à disposição, constroem o espaço da AAL e seu significado partir de suas táticas, contrapondo e resistindo ao que lhes é atribuído, especialmente quanto ao que se refere ao envelhecimento. Já essa última representa um discurso utilizado no contexto das estratégias.

Conforme exposto, esses idosos apropriam-se de uma nova dinâmica de suas vidas, o que de modo consequente, implica em suas práticas de consumo. Considerando o contexto pós-moderno, os idosos, frequentadores das AALs, além do consumo do espaço da Academia, buscam também, por diferentes experiências desempenhadas por meio de suas práticas de consumo, as quais têm como ênfase a interatividade (Firat, Dholakia & Venkatesh, 1995; Cova, 1996). Tais práticas englobam, não somente o próprio consumo do espaço, como local de realização de atividades físicas ou quanto local de integração, mas também novos hábitos de consumo, em referência à alimentação, estética e produtos cosméticos, serviços médicos, tecnologias e redes sociais, além do interesse por novas atividades. Todas essas mudanças, também influenciam em seus relacionamentos. Por isso, o interesse em compreender o “como” quanto aos desdobramentos de frequentar à Academia ao Ar Livre, ou, conforme Certeau (2014) menciona, o como se cria.

Ao olhar para essas implicações de novas práticas de consumo, serviços e bens de consumo estão vinculados ou não diretamente à atividade física. Atribuo o fato de não estarem diretamente vinculados à atividade física no sentido de não ser necessariamente um material esportivo, como calçado ou roupa, mas por implicar também em aspectos mais profundos das vidas desses idosos, como a vaidade, a autoestima, o sentir-se bem com o próprio corpo, e a construção de relacionamentos, conforme pude observar. Por meio de uma modelo conceitual (Figura 19), busco representar os aspectos que constituem essa (re)invenção cotidiana. A prática de frequentar à AAL, tanto para os informantes que frequentam há mais tempo quanto para os outros que frequentam há menos tempo, introduz uma nova dinâmica para a vida desses indivíduos. Aprofundando a compreensão, indico que essa nova dinâmica processa, constantemente, uma (re)invenção do cotidiano desses idosos, como consequência dos desdobramentos quanto às suas práticas de consumo. O consumo é moldado por meio dessa

(re)invenção cotidiana, uma vez que avança para além daquilo que é o consumo do espaço da academia, desdobrando-se nas particularidades da própria vida de cada um desses idosos.



Figura 19. Frequência à AAL como vetor da (re)invenção cotidiana de seus frequentadores
Fonte: elaborada pela autora.

Mediante a figura apresentada, identifico também, que todo esse processo que faz parte da vida dos idosos é constante, que advém da apropriação e reapropriação dos mesmos quanto às suas frequências às AALs. Conforme Certeau (2014), esse modelo que procuro representar, reflete as maneiras de fazer dos idosos frequentadores das AALs, posto que se apropriam de um espaço organizado inventando e reinventando o seu próprio cotidiano. Além disso, todo esse cenário emerge do uso silencioso e heterogêneo desses indivíduos, combinando suas táticas a sua maneira (Highmore, 2006; Certeau, 2014). Do ponto de vista dos estudos de cultura de consumo, é por meio dessa heterogeneidade que conseguimos compreender os significados e dinâmicas social da vida dos indivíduos, tanto quanto os aspectos que moldam suas experiências de consumo e, conseqüentemente, suas identidades (Casotti & Suarez, 2016).

Ao assumir, desde o início da pesquisa, a compreensão do consumidor enquanto produtor, criador e praticante (Certeau, 2014), constatei ao apreender suas experiências e

práticas de consumo a não passividade, afirmando o consumo como um processo de produção e transformação (Firat & Dholakia, 2006; Hamouda & Gharbi, 2013). Em adição, apesar do cotidiano ser dado, o mesmo é manipulado conforme interesses dos próprios idosos (Firat & Venkatesh, 1995). São indivíduos que buscam ser independentes, como em um processo libertador daquilo que é pré-estabelecido. Assim, constroem a própria realidade.

As construir essa realidade, os idosos frequentadores das AALs buscam a experiência, assim como a sensação. Não somente os aspectos que constituem a mente, mas também o corpo, como uma forma de comunicar essas sensações (Firat & Venkatesh, 1995; Paterson, 2006). A preocupação com a aparência, associada à vaidade e à estética, tanto quanto a alimentação, são as formas que refletem esse contexto, muitas vezes associando a autoimagem. Essas formas, do mesmo modo que os relacionamentos são o que Firat e Venkatesh (1995) atribuem como os produtos do consumo, conforme pode ser observado no decorrer do que foi exposto neste tópico de análise.

Por fim, com esse entendimento, observo, especialmente dentre os idosos, frequentadores das AALs, indivíduos que são a somatória de tudo o que já viveram ao longo da vida, de todas as suas experiências, mas que com o seu comportamento ativo, mudam o seu cotidiano por meio de suas próprias práticas. Essa criação e manutenção da identidade emerge de suas práticas de consumo (McCracken, 2003) no que tange à posterior rotina de frequência à AAL, como a disposição (sair com os amigos, viajar, dançar, amizades, atividades na igreja), o autocuidado e vaidade (atenção com a saúde e aspectos estéticos), a busca por coisas novas e diferentes ocupações (novos exercícios, academia paga, clube de corrida), o estabelecimento de rotinas, a definição de compromissos, e a realização de atividades de lazer, dentre outras.

5 Considerações finais

Ao desenvolver o estudo proposto nesta dissertação, realizei uma abordagem pautada em cultura de consumo e cotidiano, para analisar as práticas de consumo como (re)invenção do cotidiano dos idosos após iniciarem a frequência às Academias ao Ar Livre. Como suporte e fundamentação teórica, as abordagens sobre estudos de consumo, pós-modernismo, teoria das práticas cotidianas, idosos e envelhecimento, foram discutidos. Ao realizar o trabalho empírico, analisei as práticas cotidianas de consumo dos idosos frequentadores das AALs quanto ao uso do espaço da Academia, buscando conhecê-los enquanto frequentadores, consumidores e produtores de seu próprio cotidiano, para compreender como a sua frequência à AAL molda suas práticas de consumo e (re)inventa o seu cotidiano.

Ressalto que ao trazer para a pesquisa discussões que englobam os idosos, busquei avançar além de aspectos que abrangem a saúde, ou ainda, como uma porção da população com potencial para o consumo. Para a realização desta pesquisa, assumo-os como aqueles que estão suscetíveis ou estão à margem do contexto da sociedade, são discriminados por sua idade ou não estão por serem ouvidos, mas que por meio de suas maneiras de fazer é possível apreender suas práticas de resistência e mudança àquilo que lhe é dado em seu cotidiano. Por isso, ao realizar um estudo de consumo, com as perspectivas da pesquisa em CCT, busquei complementar a base teórica, da pesquisa, com as discussões sobre a teoria das práticas cotidianas de Michel de Certeau.

As compreensões apresentadas, nessa dissertação, refletem todo o percurso do trabalho de campo, por meio do qual observei, principalmente, a AAL como um ambiente salutar, sendo assim, a frequência nesse o vetor da (re)invenção do cotidiano dos idosos. É nesse espaço onde ocorre o uso e apropriação, desdobrando-se em suas práticas de consumo, o que conseqüentemente, implica em sua vida. Além do uso e apropriação do espaço da Academia, pude apreender suas práticas cotidianas de consumo, compartilhando e estando presente em outros eventos com alguns dos idosos informantes da pesquisa.

Ao ter a oportunidade de realizar esses contatos, observei, ainda, como esses idosos se (re)inventam. Resistem ao que é socialmente construído sobre a velhice e (re)inventam o que é envelhecer. Não mudam a essência do que são porque chegaram a uma determinada idade, mas, principalmente, por meio de novos hábitos e atividades de consumo, criam novas formas de agir, de aproveitar o tempo, buscando somar vida aos seus anos de idade. O tempo é percebido, é sentido e é aproveitado de forma diferente se comparado ao tempo no período da juventude.

Por isso, há muito mais o consumo das experiências. A autoestima, considerada um dos desdobramentos quanto à frequência à AAL, é um fator que suporta o desejo de aprender uma atividade nova, por exemplo. O número que representa a idade passa a ser um fator secundário.

Dessa forma, busco apontar as contribuições do estudo, suas limitações e sugestões de estudos futuros.

5.1 Contribuições da pesquisa

A interdisciplinaridade desta pesquisa, alinhando abordagens teóricas de estudos de consumo e teoria das práticas cotidianas, pelas lentes de Certeau (2014) e Certeau et al., (2013) configura-se como contribuição teórica para os estudos de cultura de consumo. Sendo a abordagem desses estudos constituída por perspectivas teóricas quanto as ações do consumidor, mercado e seus significados (Arnould & Thompson, 2005), a interdisciplinaridade contribui para com um diálogo entre os estudos de práticas de consumo e demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida contribui com uma nova possibilidade de investigação teórica em estudos de consumo relacionados com práticas.

Aponto, ainda, como o cotidiano pode ser (re)inventado por meio do consumo, sendo este processo um meio que contribui para o estabelecimento da identidade e do auto reconhecimento do consumidor. Isso é compreendido uma vez que por meio do consumo do espaço, ocorre o consumo material, provocando o consumo simbólico. Para tanto, busquei aprofundar essas compreensões, ressaltando o que abrange as práticas de consumo dos idosos frequentadores das AALs, como a suas subjetivações e afirmações identitárias.

Em vista disto, destaco a integração social como fator principal frente a prática de atividades físicas, reforçando a dinâmica social versus dinâmica biológica que envolve o idoso frequentador da Academia ao Ar Livre. Não é somente a atividade física realizada no espaço da AAL, mas principalmente a integração e sociabilidade que ocorre nesse mesmo espaço, com as amizades e companhias de outros frequentadores. Isso é exemplificado pelas dimensões das experiências adquiridas por meio do consumo dos idosos, e não somente pelo resultado físico divulgado por parte da Prefeitura.

De modo complementar, evidencio que as estratégias políticas produzem espaço assim como as táticas dos frequentadores desse mesmo espaço. Os frequentadores das AALs, vinculando o senso de identidade e sentimento de pertencimento, produzem os espaços de tais

Academias, os quais decorrem do uso e apropriação dos mesmos. Isso mostra como o cotidiano se faz por ser compreendido diante o conjunto de formalidades entre táticas e estratégias.

No plano metodológico, as contribuições estão voltadas para a realização de uma pesquisa experiencial, por meio do qual com a metodologia adotada foi possível captar ao vivo a multiplicidade das práticas dos idosos frequentadores das AALs, especialmente, quanto às suas práticas de consumo (Certeau, 2014). As atividades compartilhadas e realizadas junto aos idosos proporcionaram apreender os ruídos e as sutilezas de suas práticas cotidianas de consumo, assim como elementos que se passam por inconsciente aos mesmos.

As contribuições empíricas, por meio do contexto de pesquisa escolhido, remetem aos indivíduos que estão à margem do contexto da sociedade, como no caso grupo etários de pessoas mais velhas, que em diferentes momentos são subestimadas e discriminadas. Além disso, com a velhice, que para muitos é transformada em um período cinza da vida, busquei mostrar o contrário. Não associando no sentido de “melhor idade”, como muito é propagado por outros, mas como esse período da fase humana pode ser (re)inventado a sua maneira. Por meio dessa compreensão, ressalto o entendimento sobre os idosos como agentes ativos quanto ao consumo.

Organizo as contribuições destacando-as na Figura 20.

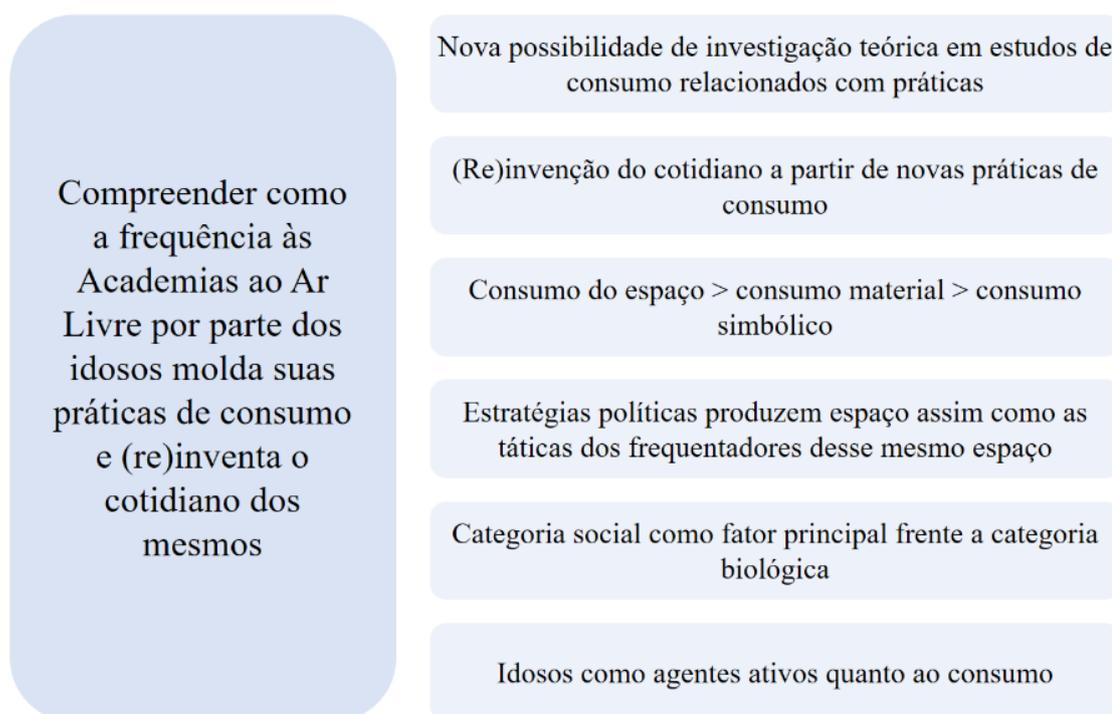


Figura 20. Objetivo e contribuições da pesquisa
Fonte: elaborada pela autora

5.2 Sugestões para pesquisas futuras

Durante o período do mestrado aprendi que uma pesquisa raramente é esgotada, posto sempre haverá novos caminhos e possibilidades futuras para aprofundamentos, compreensões e outros pontos de vista. Por meio desta dissertação, apresentei as compreensões quanto uma das possíveis interpretações, conforme mencionei no início da análise. Para tanto, considerando, as limitações da pesquisa, sugestões para pesquisas futuras são descritas.

A realização dessa pesquisa é somente o início da interdisciplinaridade entre os estudos de consumo e teoria das práticas cotidianas de Certeau. Sugiro que estudos futuros, especialmente quanto à teoria da prática ou práticas de consumo possam apropriar-se desta lente teórica. No mesmo sentido, ao considerar que Certeau foca no indivíduo comum, ou conforme ele mesmo atribui como o homem ordinário, os estudos de cultura de consumo, os quais tem atores informantes da pesquisa como aqueles que estão à margem da sociedade e se passam por invisíveis, serão enriquecidos com tal abordagem teórica.

Chamou especial atenção a maioria de mulheres viúvas que se fazem presentes não somente no espaço da AAL, mas em outros locais, os quais frequentei. O fato de ficarem viúvas, por si só, é um evento que muda, de diferentes formas, o cotidiano dessas senhoras. Dessa forma, esse é um contexto a ser melhor compreendido no âmbito dos estudos de consumo. Assim como as diferenças de gênero na fase idosa, sendo já inicialmente percebido o papel ativo e autônomo da mulher em referência ao homem.

Por fim, outro ponto que destaco são os diferentes usos que ocorrem por diferentes grupos de pessoas no espaço da AAL. O espaço da AAL pode ser visto como cíclico, posto que há diferentes perfis de frequentadores ao longo do dia. Dessa forma, há possibilidades de investigação quanto ao consumo de um mesmo espaço por meio dos seus diferentes usos.

Referências

- Alves-Mazzoti, A. J., & Gewandsznajder, F. (1998). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira.
- Arnould, E., Price, L., & Moisio, R. (2006). Making contexts matter: selecting research contexts for theoretical insights. In R. W. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (pp. 106-126). Cheltenham: Edward Elgar, 2006.
- Arnould, E. J., & Thompson, C. J. (2005). Consumer Culture Theory (CCT): Twenty Years of Research. *Journal of Consumer Research*, 31(4), 868-882.
- Arnould, E. J., & Thompson, C. J. (2007). Consumer culture theory (and we really mean theoretics): dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. In R. W. Belk & J. J. e Sherry (Eds), *Research in Consumer Behavior* (pp. 3-22). Oxford: Elsevier.
- Askegaard, S., & Linnet, J. T. (2011). Towards an epistemology of consumer culture theory: Phenomenology and the context of context. *Marketing Theory*, 11(4), 381-404.
- Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013). Maringá, PR. Recuperado de http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/maringa_pr
- Ballstaedt, A. L. M. P. (2007, novembro). Comportamento e estilo de vida da população idosa e seu poder de consumo. *Anais do Encuentro Latinoamericano de Diseño*, Buenos Aires, Argentina, 2.
- Barnhart, M., & Peñalosa, L. (2013). Who Are You Calling Old? Negotiating Old Age Identity in the Elderly Consumption Ensemble. *Journal of Consumer Research*, 39(6), 1133-1153.
- Bell, D. (1972). *The cultural contradictions of capitalism*. New-York, Basic Books.
- Bell, D. (1973). *The coming of post-industrial society*. New-York, Basic Books.
- Bernard, H. R. (2006). *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. AltaMira Press.
- Bertola, F. (2017, setembro 17). Dançar para renovar as energias. *O Diário*, D Saúde.
- Bourdieu, P., Chamboredon, J. C., & Passeron, J. C. (1999). O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Brasil (2011). Plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) no Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_acoes_enfrent_dcnt_2011.pdf
- Brasil (2014). *Brasil: manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa. É possível prevenir. É necessário superar*. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Recuperado de <http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/publicacoes/violencia-contra-a-pessoa-idosa>

- Brown, S. (1993a). Postmodern marketing: principles, practice and panaceas. *Irish Marketing Review*, 6, 91-100.
- Brown, S. (1993b). Postmodern marketing?, *European Journal of Marketing*, 27(4), 19-34.
- Buchanan, I. (2000). *Michel de Certeau: Cultural Theorist*. London: Sage.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological Paradigms and Organisational Analysis*. London: Heinemann Educational Books.
- Cardinali, R., & Gordon, Z. (2002). Ageism: no longer the equal opportunity stepchild. *Equal Opportunities International*, 21(2), 58-68.
- Casotti, L. M., & Suarez, M. C. (2016). Dez anos de Consumer Culture Theory: delimitações e aberturas. *Revista de Administração de Empresas – RAE*, 56(3), 353-359.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2015). Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Gestão & Conexões*, 4(1), 68-90.
- Certeau, M. de. (1985). Teoria e métodos no estudo das práticas cotidianas. In M. I. Szmrecsanyi (Org.), *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano*. (pp. 3-17). São Paulo: FAU/USP.
- Certeau, M. de. (2014). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (22ª ed.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Certeau, M. de., Giard, L., & Mayol, P. (2013). *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar* (12ªed.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Clifford, J. (2008). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Cortez, D. A. G., Cortez, L. E. R., & Costa, R. B. (2015). Antioxidantes na prevenção do envelhecimento. In D. A. G. Cortez, L. E. R. Cortez, R. M. T. Gimenes & R. M. Bennemann (Orgs.), *Envelhecer saudável: uma abordagem interdisciplinar do envelhecimento ativo*. (pp. 11-26). São Paulo: Gregory.
- Cortez, D. A. G., Cortez, L. E. R., Gimenes, R. M. T., & Bennemann, R. M. (2015). *Envelhecer saudável: uma abordagem interdisciplinar do envelhecimento ativo*. São Paulo: Gregory.
- Cova, B. (1996). What Postmodernism Means to Marketing Managers. *European Management Journal*, 14(5), 494-499
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Bookmam.

- Dalmoro, M., & Vittorazzi, K. (2016). Trajetórias de Consumo: O Sujeito-Consumidor de Serviços Bancários na Terceira Idade. *Revista de Administração Contemporânea*, 20(3), 328-346.
- Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp.
- Decreto nº 8.114, de 30 de setembro de 2013. Estabelece o Compromisso Nacional para o Envelhecimento Ativo e institui Comissão Interministerial para monitorar e avaliar ações em seu âmbito e promover a articulação de órgãos e entidades públicos envolvidos em sua implementação. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8114.htm
- Denzin, Norman K. (1978). *The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods*. New York: McGraw-Hill
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2ª ed., pp. 15-41). Porto Alegre: Artmed.
- Douglas, M., & Isherwood, B. (1978). *The world of goods: towards an anthropology of consumption*. London: Allen Lane.
- Faria, A. M., & Silva, A. R. L. (2017). Estudos organizacionais baseados em Michel de Certeau: a produção internacional entre 2006 e 2015. *Revista Alcance*, 24(2), 209-226.
- Featherstone, M. (2007). *Consumer Culture and Postmodernism*. London: Sage Publications.
- Firat, A. F., & Dholakia, N. (2006). Theoretical and philosophical implications of postmodern debates some challenges to modern marketing. *Marketing Theory*, 6(2), 123-162.
- Firat, A. F., Dholakia, N., & Venkatesh, A. (1995). Marketing in a postmodern world. *European Journal of Marketing*, 29(1), 40-46.
- Firat, A. F., & Shultz II, C. J. (1997). From segmentation to fragmentation: markets and marketing strategy in the postmodern era. *European Journal of Marketing*, 31(3/4), 283-207.
- Firat, A. F., & Venkatesh, A. (1993). Postmodernity: the age of marketing. *International Journal of Research in Marketing*, 10(3), 227-249.
- Firat, A. F., & Venkatesh, A. (1995). Liberatory postmodernism and the reenchantment of consumption. *Journal of Consumer Research*, 22(3), 239-267.
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (2ª ed., pp. 64-89). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Giard, L. (2014). História de uma pesquisa. In M. de Certeau, *A invenção do cotidiano: I. artes de fazer* (22ª ed., pp. 9-31). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

- Glaser, J. M. (1996). The Challenge of Campaign Watching: Seven Lessons of Participant-Observation Research. *Political Science and Politics*, 29(3), 533-537.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.
- Goldenberg, M. (2011). *A arte de pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.
- Goldenberg, M. (2014). *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2015). Alienação e resistência: um estudo sobre o cotidiano cooperativo em uma feira de pequenos produtores do oeste do Paraná. *Gestão & Conexões*, 4(1), 68-90.
- Guarnieri, F., Chagas, P. B., & Vieira, F. G. D. (2017, outubro). Territorialização do Cotidiano a partir de Intervenções Governamentais: o Caso das Academias da Terceira Idade (ATIs) no Município de Maringá – PR. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. São Paulo, SP, Brasil, 41.
- Hackley, C. (2003). *Doing research projects in marketing, management and consumer research*. London: Routledge.
- Hamouda, M. (2012). Postmodernism and Consumer Psychology: Transformation or Break?. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 2(1), 96-117.
- Hamouda, M., & Gharbi, A. (2013). The postmodern consumer: an identity constructor? *International Journal of Marketing Studies*, 5(2), 41-49.
- Highmore, B. (2006). *Michel de Certeau Analysing Culture*. New York: Continuum.
- Hirschman, E. (1986). Humanistic Inquiry in Marketing Research: Philosophy, Method, and Criteria. *Journal of Marketing Research*, 23(3), 237-249.
- Holbrook, M. B., & Hirschman, E. C. (1982). The Experiential Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings, and Fun. *Journal of Consumer Research*, 9(2), 132-140.
- Holt, D. B. (1995). How Consumers Consume: A Typology of Consumption Practices. *Journal of Consumer Research*, 22(1), 1-16
- Hoog, M. K., & Maclaran, P. (2008). Rhetorical issues in writing interpretivist consumer research. *Qualitative Market Research: An International Journal*, 11(2), 130-146.
- Hopkinson, G. C., & Hogg, M. K. (2006). Stories: how they are used and produced in market(ing) research. In R. W. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (pp. 156-174). Cheltenham: Edward Elgar, 2006.
- Hudson, L., & Ozanne, J. (1988). Alternative Ways of Seeking Knowledge in Consumer Research. *Journal of Consumer Research*, 14(4), 508-521.
- Hurd, M. (1990). Research on the Elderly: Economic Status, Retirement, and Consumption and Saving. *Journal of Economic Literature*, 28(2), 565-637.

- Huysen, A. (1984). Mapping the postmodern. *New German Critique*, 33, 5-52.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). *IBGE Cidades*. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/maringa/panorama>
- Jencks, C. (1987). *Post-Modernism: The New Classicism in Art and Architecture*. New York: Rizzoli International Publications Inc.
- John, D. R., & Cole, C. A. (1986). Age Differences in Information Processing: Understanding Deficits in Young and Elderly Consumers. *Journal of Consumer Research*, 13(3), 297-315.
- Kassarjian, H. H., & Goodstein, R. C. (2010). The emergence of Consumer Research. In P. Maclaran, M. Saren, B. Stern & M. Tadajewski (Eds.), *The Sage Handbook of Marketing Theory* (pp. 59-73). Los Angeles: Sage.
- Kayser, W., & Salvatico, T. (2013, abril 19). Academia para idosos dá uma força a empresas. *Gazeta do Povo*, Economia.
- Lee, J., & Geistfeld, L. V. (1999). Elderly Consumers' Receptiveness to Telemarketing Fraud. *Journal of Public Policy & Marketing*, 18(2), 208-217.
- Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm
- Lei n. 8.742, de 7 de dezembro de 1993*. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8742compilado.htm
- Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm
- Lei n. 12.213, de 20 de janeiro de 2010*. Institui o Fundo Nacional do Idoso e autoriza deduzir do imposto de renda devido pelas pessoas físicas e jurídicas as doações efetuadas aos Fundos Municipais, Estaduais e Nacional do Idoso. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112213.htm
- Leite, R. P. (2010). A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. *Revista de Ciências Sociais*, 53(3), 737-756.
- Levigard, Y. E., & Barbosa, R. M. (2010). Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 84-89.
- Logan, J. R., Ward, R., & Spitze, G. (1992). As Old as You Feel: Age Identity in Middle and Later Life. *Social Forces*, 71(2), 451-467.
- Maclaran, P., Hogg, M. K., & Bradshaw, A. (2010). Cultural influences on representations of the consumer research. In P. Maclaran, M. Saren, B. Stern & M. Tadajewski (Eds.), *The Sage Handbook of Marketing Theory* (pp. 59-73). Los Angeles: Sage.

- McCracken, G. (1986). Culture and consumption: a theoretical account of the structure and movement of cultural meaning of consumer goods. *Journal of Consumer Research*, 13(1),71-84.
- McCracken, G. (1988). *The long interview*. Beverly Hills, CA: Sage.
- McCracken, G. (2003). *Cultura & consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e atividades de consumo*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Moisander, J., & Valtonen, A. (2006). *Qualitative Marketing Research: A Cultural Approach*. London: Sage.
- Moreira, V., & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19(1), 59-79.
- Moschis, G. P. (2012). Consumer behavior in later life: current knowledge, issues, and new directions for research. *Psychology & Marketing*, 29(2), 57-75.
- Myers, H., & Lumbers, M. (2008). Understanding older shoppers: a phenomenological investigation. *Journal of Consumer Marketing*, 25(5), 294-301.
- Myrrha, L. J. D. (2016). População. In Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Brasil em números. *Centro de Documentação e Disseminação de Informações*, 24, 65-89.
- Nardi, A. C. F., Sapata, M. P. M., & Lopes, M. T. S. R. (Org.). (2013). *Plano municipal de saúde de Maringá-PR: 2014/2017*. Recuperado de <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/b65b3c5fcd38.pdf>
- Neubauer, J. (1999). *Cultural history after Foucault*. New York: Aldine Gruyter.
- Ollaik, L. G., & Ziller, H. M. (2012). Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*,38(1), 229-241.
- Oliveira, J. S. de. (2014). *A política emocional nas práticas de organização do circo contemporâneo: uma etnografia multissituada no contexto Brasil-Canadá*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Organização das Nações Unidas. (2003). Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Recuperado de http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf
- Paiva Júnior, F. G., Leão, A. L. M. S. & Mello, S. C. B. (2011). Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. *Revista de Ciências da Administração*, 13(31), 190-209.
- Pak, C., & Kambil, A. (2006). Over 50 and ready to shop: serving the aging consumer. *Journal of Business Strategy*, 27(6), 18-28.
- Palácios, A. R. O. P., & Nardi, A. C. F. (2009). Academia da Terceira Idade: promoção da saúde e atividade física em Maringá. *Prefeitura Municipal de Maringá. Maringá*, 1-6. Recuperado de <http://www2.maringa.pr.gov.br/sistema/arquivos/bc22009ce8cd.pdf>

- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative research & evaluation methods*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Patton, M. Q. (1999). Enhancing the quality and credibility of qualitative analysis. *HSR: Health Services Research*, 34(5), 1189-1208.
- Paterson, M. (2006). *Consumption and everyday life*. New York: Routledge.
- Paterson, B. L., Bottorff, J. L., & Hewat, R. (2003). Blending Observational Methods: Possibilities, Strategies, and Challenges. *International Journal of Qualitative Methods*, 2(1), 29-38.
- Peñaloza, L., & Cayla, J. (2006). Writing pictures/taking fieldnotes: towards a more visual and material ethnographic consumer research. In R. W. Belk (Org.), *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing* (pp. 279-290). Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing.
- Pinto, A. E. S. (2017, novembro, 26). Para mais de 90%, existe preconceito contra os idosos no Brasil. *Folha de São Paulo*, Cotidiano, B2.
- Pinto, M. R., Freitas, R. C., Resende, S. P., & Joaquim, A. M. (2015). Consumer Culture Theory (CCT) no contexto das experiências de consumo de serviços: em busca de uma agenda de pesquisa. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, 5(2), 49-68.
- Podestà, M. A. S. (2005). Long life to marketing research: a postmodern view. *European Journal of Marketing*, 39(3/4), 386-412.
- Portaria n. 2.528, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html
- Resolução n. 145, 15 de outubro de 2004. Aprova a Política Nacional de Assistência Social. Recuperado de <http://www.mds.gov.br/cnas/legislacao/resolucoes/arquivos-2004/CNAS%202004%20-%20145%20-%2015.10.2004.doc>
- Røpke, I. (2009). Theories of practice - New inspiration for ecological economic studies on consumption. *Ecological Economics*, 68, 2490-2497.
- Ryan, G. W., & Bernard, H. R. (2003). Techniques to Identify Themes. *Field Methods*, 15(1), 85-109.
- Saldaña, J. (2009). *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. London: Sage.
- Sauerbronn, J. F. R., Cerchiaro, I. B., & Ayrosa, E. A. T. (2011). Uma discussão sobre métodos alternativos em pesquisa acadêmica em marketing. *Gestão e Sociedade*, 5(12), 254-269.
- Secretaria de Esportes e Lazer (2017). ATI's. Recuperado de <http://www2.maringa.pr.gov.br/esportes/?cod=ati>
- Schau, H. J. (2000). Consumer Imagination, Identity and Self-Expression. *Proceedings of the NA Advances in Consumer Research*, Provo, Utah, Estados Unidos, 27.

- Shaw, E. H., & Jones, D. G. B. (2005). A history of schools of marketing thought. *Marketing Theory*, 5(3), 239-281.
- Shimada, N. E. (2015). *Trajetórias anônimas no cotidiano da cidade: a territorialização do bairro Santa Felicidade pelos seus moradores*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168.
- Silva, T. D. L., & Silva, E. M. (2013). Mas o que é mesmo Corpus? Alguns Apontamentos sobre a Construção de Corpo de Pesquisa nos Estudos em Administração. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 37.
- Silverman, D. (2000). *Doing qualitative research: A practical handbook*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Souza, C. (2006). Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, 8(16), 20-45.
- Souza Filho, A. (2002). Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. *Sociabilidades*, 2, 129-134.
- Tadajewski, M. (2006). Remembering motivation research: toward an alternative genealogy of interpretive consumer research. *Marketing Theory*, 6(4), 429-466.
- Thomas, M. J. (1997). Consumer market research: does it have validity? Some postmodern thoughts. *Marketing Intelligence & Planning*, 15(2), 54 – 59.
- Van Raaij, W.F. (1993). Postmodern consumption. *Journal of Economic Psychology*, 14, 541-63.
- Venkatesh, A., Sherry Jr, J. F., & Firat, A. F. (1994). Postmodernism and the marketing imaginary. *International Journal of Research in Marketing*, 10(3), 215-224.
- Vergara, S. C. (2008). *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Vieira, M. M. (2004). Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In M. M. F. Vieira, & D. M. Zouain (Org), *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática* (pp. 13-28). Rio de Janeiro: FGV.
- Vieira, F. G. D. (2013). Perspectivas e limites da pesquisa qualitativa na produção de conhecimento em Marketing. *Revista de Negócios*, 18(1), 10-24.
- Yilmaz, G. G. (2013). Tactics in Daily Life Practices and Different forms of Resistance: The Case of Turks in Germany. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 82, 66-73.
- Ward, G. (2000). *The Certeau reader*. Blackwell Publishers: UK.
- Warde, A. (2005). Consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture*, 5(2), 131–153.

Wattanasuwan, K. (2005). The self and symbolic consumption. *Journal of American Academy of Business*, 6(1), 179-184.

Willig, M. H., Lenardt, M. H., & Méier, M. J. (2012). A trajetória das políticas públicas do idoso no Brasil: breve análise. *Cogitare Enfermagem*, 17(3), 574-577.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado de entrevista

APÊNDICE B - Relação de aparelhos das AALs visitadas

APÊNDICE A: ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA

- Há quanto tempo você frequenta a AAL? Quantas vezes por semana?
- Por que começou a frequentar a AAL? Há alguém que é conhecido seu, um amigo que também frequenta a AAL? Foi por ter alguma atividade aqui na AAL (aulas de atividades físicas, alongamentos, campanha da prefeitura)?
- Você recebeu algum treinamento ou instrução sobre como usar os aparelhos? Se sim, quem ensinou? Em que ocasião? Foi contratado por alguém ou foi um trabalho voluntário?
- Como é a relação/convivência das pessoas que frequentam esse espaço? Como você se sente nesse espaço?
- Antes de frequentar a AAL, você praticava outra atividade física?
- Depois que começou a frequentar a AAL, mudou alguma coisa no seu dia a dia/rotina? Mudou algo em seus hábitos? (Saúde, alimentação, consumo, produtos/serviços de beleza, organização da casa, frequência aos médicos, interesse por viagens, o modo de se vestir; novas atividades). Como mudou?
- Como era a relação com sua família e amigos antes da AAL? Mudou alguma coisa depois que você passou a frequentar a AAL?
- Como é o seu dia? O que você geralmente faz após a sua vinda aqui na AAL?
- Quais são os momentos do seu dia a dia que você mais gosta? E o que você não gosta?

Comentários adicionais:

APÊNDICE B: RELAÇÃO DE APARELHOS DAS AALS VISITADAS

A relação dos aparelhos das AALs está organizada conforme seus respectivos nomes, seguidos dos resultados que podem ser percebidos ao utilizá-los, conforme instruções. Como complemento, há a indicação de quais partes da musculatura do corpo é trabalhada durante o uso correto do aparelho.



Simulador de cavalgada
Melhora a capacidade cardiovascular e fortalece os membros inferiores e tronco



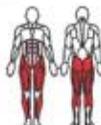
Surf duplo
Fortalece musculatura lateral do abdômen



Pressão de pernas
Aumenta a resistência muscular e fortalece os membros inferiores



Simulador de remo
Aumenta a resistência muscular e fortalece as costas



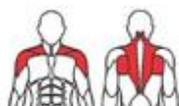
Simulador de caminhada

Melhora a capacidade cardiorrespiratória e cardiovascular, equilíbrio e a resistência muscular dos membros interiores



Esqui

Melhora a capacidade cardiorrespiratória e cardiovascular, equilíbrio e coordenação motora



Rotação diagonal

Melhora a flexibilidade e a articulação dos ombros



Alongador três alturas

Alonga e relaxa os grupos musculares antes e após o treino

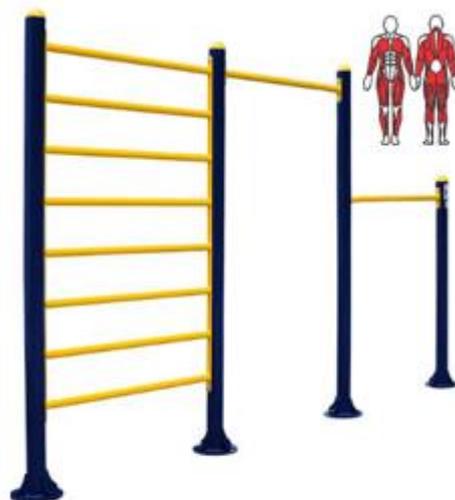


Rotação vertical

Aumenta a flexibilidade de articulação do ombro



Peitoral com articulação superior
Fortalece a musculatura do peitoral



Espaldar
Alonga e relaxa os grupos musculares antes e após o treino



Multiexercitador seis funções
Melhora a resistência muscular e fortalece os membros superiores, inferiores e tronco. Alonga e relaxa os ombros